

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

CAIO DE FREITAS PAES

**GUERRA DA BÓSNIA E JOE SACCO:
AS IDENTIDADES RETRATADAS EM *ÁREA DE
SEGURANÇA - GORAZDE E UMA HISTÓRIA DE
SARAJEVO***

BAURU – SÃO PAULO

2010

CAIO DE FREITAS PAES

**GUERRA DA BÓSNIA E JOE SACCO:
AS IDENTIDADES RETRATADAS EM *ÁREA DE
SEGURANÇA - GORAZDE E UMA HISTÓRIA DE
SARAJEVO***

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo, apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Orientador Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

BAURU – SÃO PAULO

2010

CAIO DE FREITAS PAES

**GUERRA DA BÓSNIA E JOE SACCO: AS IDENTIDADES RETRATADAS
EM ÁREA DE SEGURANÇA - GORAZDE E UMA HISTÓRIA DE
SARAJEVO**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo, apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Prof. Antônio Aristides Corrêa Dutra

Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Bauru, _____

Dedicado aos meus pais, por muito mais prós que contras.

AGRADECIMENTOS

Há muitos que dizem que todo agradecimento tem um “quê” de “pieguice”. Pode até ser, se você considerar “piegas” dizer o que realmente sente em relação a determinadas pessoas que cruzam seu caminho. Sendo “piegas” ou não, vou tentar descrever em alguns parágrafos quão importantes foram algumas pessoas para mim nesta longa trilha até este momento.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais por terem sido tão compreensivos, carinhosos e essenciais para mim. Agradeço à minha mãe, por ser a pessoa mais importante da minha vida, com certeza. Todas suas broncas, as brigas, afagos e carinho foram cruciais na construção do que sou hoje, e no que quero me transformar daqui pra frente. Ela é meu terreno seguro, meu pé no chão e meu apoio incondicional, sempre.

Sendo como é, é óbvio que meu pai merece um parágrafo próprio. Todas as conversas sobre coisas bobas, e todos os ensinamentos que teve com a vida – que fez questão de me repassar – me moldaram também. Sua esperança e pensamento positivo me ensinaram a sonhar, e a acreditar (mesmo a duras penas) que posso.

Agradeço à minha irmã, Marcela, por ser tão marcante. Independentemente de todos atritos – inevitáveis entre irmãos, diga-se -, sinto um amor incondicional por você, e sei que o sentimento é recíproco. Espero e torço para que você possa viver um pouquinho do que vivi aqui, e que tenha uma vida maravilhosa, pois você merece.

Agradeço também à minha segunda mãe, Marinês. Junto comigo desde 1989, sua bondade e compaixão me fascinam, e iluminam.

Agradeço ao meu professor e orientador, Cláudio Bertolli Filho, a quem me orgulho de chamar de mestre. Nossas discussões acerca deste trabalho, de filmes e quaisquer outras coisas da vida me ajudaram muito neste último ano de faculdade.

Agradeço aos grandes amigos que fiz aqui em Bauru: Fernando, Igor e Gabriel – melhor dizendo, Blow, Porradinha e Cego. As experiências que vivemos juntos já se tornaram inesquecíveis e memoráveis; independentemente onde estivermos, levarei todos vocês comigo para onde for.

Também agradeço aos meus amigos de longa data, Egon, Pedro e Raphael. Mesmo longe a mais de quatro anos, cada encontro elimina qualquer período de ausência; espero que assim siga para o resto de nossas vidas.

Ainda em Bauru, agradeço aos queridos Agata, Renata e Tropeiro, que me aceitaram quase como se fosse um morador do 94-A, e me ajudaram muito – claro, o *scanner*, *mouse* e madrugadas de trabalho foram a cereja do bolo, por assim dizer.

Agradeço à Unesp e Bauru por terem me proporcionado experiências marcantes, que me auxiliaram a amadurecer, e a saber que posso contribuir com algo relevante às pessoas.

Por fim, mas muito longe de ser o agradecimento menos importante, agradeço à Andrea. Agradeço por ser compreensiva, carinhosa, determinada e apaixonante; agradeço ainda por ter comprado um maço de Lucky Strike branco - ao qual devo por demais, diga-se de passagem. Sempre ao meu lado, independentemente do que astros ou búzios digam, não conseguiria nada disso sem você. Que venham novos caminhos, pessoas e lugares, sempre em sua companhia. Obrigado.

“A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção
estética e esforço intelectual”

Will Eisner

RESUMO

As histórias em quadrinhos ainda são normalmente associadas por grande parte da sociedade a temas infantis e superficiais. Porém, diversos quadrinistas têm nos mostrado com o passar dos anos que as HQs podem e devem ser respeitadas como meio de comunicação, por sua união singular do imagético com o textual. O quadrinho pode se transformar em uma alternativa para o jornalismo, por trabalhar com liberdade ímpar em suas técnicas estilístico-narrativas.

Um dos grandes expoentes dos quadrinhos no jornalismo é o maltês naturalizado norte-americano Joe Sacco. Joe escreveu as obras *Área de Segurança: Gorazde* e *Uma História de Sarajevo*, sobre a Guerra da Bósnia. Esta pesquisa busca fazer uma análise destas duas obras, e mostrar como as histórias em quadrinhos podem acrescentar novas visões e perspectivas ao jornalismo, preenchendo lacunas criadas pelo modo de produção noticioso e dando espaço àqueles marginalizados pela grande mídia.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo, História em Quadrinhos, Identidade, Joe Sacco, Guerra da Bósnia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

REFERÊNCIA NA OBRA ORIGINAL		NO ESTUDO
PG. 92	Derrotista	PG. 35
PG. 3	Área de Segurança Gorazde	PG. 41
PG. 16	Palestina - Na Faixa de Gaza	PG. 42
PG. 114	Palestina - Na Faixa de Gaza	PG. 44
PG. 159	Área de Segurança Gorazde	PG. 48
PG. 41	Uma História de Sarajevo	PG. 61
PG. 294	Vírus Balcânico	PG. 68
_____	Mapa Acordo de Dayton	PG. 72
PG. 119	Área de Segurança Gorazde	PG. 74
PG. 27	Uma História de Sarajevo	PG. 81
PG. 26	Uma História de Sarajevo	PG. 84
PG. 19	Uma História de Sarajevo	PG. 86
PG. 25	Uma História de Sarajevo	PG. 87
PG. 62	Uma História de Sarajevo	PG. 88
PG. 104	Uma História de Sarajevo	PG. 89
PG. 105	Uma História de Sarajevo	PG. 90
PG. 74	Uma História de Sarajevo	PG. 91
PG. 76	Uma História de Sarajevo	PG. 91
PG. 5	Uma História de Sarajevo	PG. 92
PG. 11	Uma História de Sarajevo	PG. 92
PG. 22	Uma História de Sarajevo	PG. 93

PG. 63	Uma História de Sarajevo	PG. 93
PG. 50	Uma História de Sarajevo	PG. 93
PG. 15	Uma História de Sarajevo	PG. 94
PG. 16	Uma História de Sarajevo	PG. 95
PG. 33	Uma História de Sarajevo	PG. 96
PG. 43	Uma História de Sarajevo	PG. 97
PG. 55	Uma História de Sarajevo	PG. 98
PG. 56	Uma História de Sarajevo	PG. 98
PG. 57	Uma História de Sarajevo	PG. 99
PG. 69	Uma História de Sarajevo	PG. 100
PG. 53	Uma História de Sarajevo	PG. 101
PG. 80	Uma História de Sarajevo	PG. 102
PG. 23	Uma História de Sarajevo	PG. 103
PG. 100	Uma História de Sarajevo	PG. 104
PG. 103	Uma História de Sarajevo	PG. 105
PG. 39	Área de Segurança Gorazde	PG. 107
PG. 17	Área de Segurança Gorazde	PG. 107
PG. 105	Área de Segurança Gorazde	PG. 108
PG. 173	Área de Segurança Gorazde	PG. 109
PG. 147	Área de Segurança Gorazde	PG. 109
PG. 227	Área de Segurança Gorazde	PG. 111
PG. 16	Área de Segurança Gorazde	PG. 112
PG. 28	Uma História de Sarajevo	PG. 115
PG. 37	Uma História de Sarajevo	PG. 115

PG. 39	Uma História de Sarajevo	PG. 115
PG. 40	Uma História de Sarajevo	PG. 116
PG. 51	Uma História de Sarajevo	PG. 116
PG. 51	Uma História de Sarajevo	PG. 117
PG. 65	Uma História de Sarajevo	PG. 117
PG. 96	Uma História de Sarajevo	PG. 118
PG. 40	Uma História de Sarajevo	PG. 119
PG. 81	Uma História de Sarajevo	PG. 120
PG. 90	Uma História de Sarajevo	PG. 121
PG. 93	Uma História de Sarajevo	PG. 121
PG. 94	Uma História de Sarajevo	PG. 122
PG. 95	Uma História de Sarajevo	PG. 123
PG. 116	Área de Segurança Gorazde	PG. 124
PG. 28	Área de Segurança Gorazde	PG. 125
PG. 101	Área de Segurança Gorazde	PG. 125
PG. 36	Área de Segurança Gorazde	PG. 126
PG. 122	Área de Segurança Gorazde	PG. 126
PG. 56	Área de Segurança Gorazde	PG. 127
PG. 152	Área de Segurança Gorazde	PG. 128
PG. 125	Área de Segurança Gorazde	PG. 129
PG. 154	Área de Segurança Gorazde	PG. 130
PG. 41	Área de Segurança Gorazde	PG. 130
PG. 40	Área de Segurança Gorazde	PG. 130
PG. 40	Uma História de Sarajevo	PG. 131

PG. 28	Uma História de Sarajevo	PG. 131
PG. 126	Área de Segurança Gorazde	PG. 132
PG. 87	Área de Segurança Gorazde	PG. 133
PG. 68	Uma História de Sarajevo	PG. 135
PG. 78	Uma História de Sarajevo	PG. 135
PG. 82	Uma História de Sarajevo	PG. 136
PG. 96	Uma História de Sarajevo	PG. 137
PG. 36	Uma História de Sarajevo	PG. 137
PG. 38	Uma História de Sarajevo	PG. 138
PG. 39	Uma História de Sarajevo	PG. 138
PG. 148	Área de Segurança Gorazde	PG. 138
PG. 149	Área de Segurança Gorazde	PG. 139
PG. 164	Área de Segurança Gorazde	PG. 140
PG. 167	Área de Segurança Gorazde	PG. 141
PG. 184	Área de Segurança Gorazde	PG. 142
PG. 197	Área de Segurança Gorazde	PG. 143
PG. 187	Área de Segurança Gorazde	PG. 143
PG. 203	Área de Segurança Gorazde	PG. 143
PG. 205	Área de Segurança Gorazde	PG. 144
PG. 207	Área de Segurança Gorazde	PG. 144
PG. 208	Área de Segurança Gorazde	PG. 144
PG. 212	Área de Segurança Gorazde	PG. 145
PG. 160	Área de Segurança Gorazde	PG. 147
PG. 161	Área de Segurança Gorazde	PG. 147

PG. 48	Uma História de Sarajevo	PG. 148
PG. 49	Uma História de Sarajevo	PG. 149
PG. 81	Uma História de Sarajevo	PG. 150
PG. 96	Uma História de Sarajevo	PG. 150
PG. 5	Área de Segurança Gorazde	PG. 151
PG. 130	Área de Segurança Gorazde	PG. 152
PG. 131	Área de Segurança Gorazde	PG. 152
PG. 132	Área de Segurança Gorazde	PG. 153
PG. 216	Área de Segurança Gorazde	PG. 155
PG. 217	Área de Segurança Gorazde	PG. 156
PG. 17	Uma História de Sarajevo	PG. 158
PG. 33	Uma História de Sarajevo	PG. 159
PG. 47	Uma História de Sarajevo	PG. 159
PG. 100	Área de Segurança Gorazde	PG. 159
PG. 108	Área de Segurança Gorazde	PG. 159
PG. 92	Uma História de Sarajevo	PG. 161
PG. 29	Palestina - Na Faixa de Gaza	PG. 162
PG. 2	Área de Segurança Gorazde	PG. 163
PG. 74	Área de Segurança Gorazde	PG. 164
PG. 75	Área de Segurança Gorazde	PG. 164
PG. 99	Área de Segurança Gorazde	PG. 165
PG. 65	Área de Segurança Gorazde	PG. 165
PG. 190	Área de Segurança Gorazde	PG. 166
PG. 191	Área de Segurança Gorazde	PG. 167

PG. 192	Área de Segurança Gorazde	PG. 168
PG. 67	Área de Segurança Gorazde	PG. 169
PG. 221	Área de Segurança Gorazde	PG. 170
PG. 218	Área de Segurança Gorazde	PG. 172

SUMÁRIO

Agradecimentos	04
Resumo	07
Lista de Ilustrações	08
Introdução - Porque os quadrinhos podem ser uma alternativa	15
Capítulo 1 – As limitações e deficiências do modo de produção noticioso	20
1.1 Como as Histórias em Quadrinhos se inserem neste contexto	26
Capítulo 2 - O Homem que inovou o jornalismo e os quadrinhos	34
2.1 O estilo artístico de Joe	38
2.2 Estudo de caso: como Joe Sacco se relaciona com a Guerra da Bósnia	44
Capítulo 3 – Como a Iugoslávia ascendeu e ruiu	51
3.1 Quando vizinhos não se cumprimentam mais	56
3.2 O Acordo de Dayton e o saldo da guerra	71
Capítulo 4 – As identidades retratadas em <i>Uma História de Sarajevo</i> e <i>Área de Segurança Gorazde</i>	77
4.1 As identidades de Neven (<i>Uma História de Sarajevo</i>) e Edin (<i>Área de Segurança Gorazde</i>)	83
4.2 Os Senhores de Guerra em <i>Uma História de Sarajevo</i> , e os Habitantes e Refugiados de <i>Área de Segurança Gorazde</i>	114
4.3 Os políticos, responsáveis militares da ONU e autoridades internacionais em <i>Uma História de Sarajevo</i> e <i>Área de Segurança Gorazde</i>	134

	14
4.4 Quem são os jornalistas em Sarajevo e Gorazde?	148
4.5 Joe Sacco se olha no espelho	157
Considerações Finais - Por que os quadrinhos de Joe Sacco desbravaram barreiras que os grandes meios de comunicação na Bósnia não alcançavam	169
Referências	178

INTRODUÇÃO – Porque os quadrinhos podem ser uma alternativa

Para grande parte da sociedade em geral, as histórias em quadrinhos se mantêm sob a égide antiquada de mero “entretenimento infantil”. Estigmatizada por suas origens no início do século XX em tiras de jornais, os quadrinhos sofreram uma significativa evolução ideológica e de conteúdo ao longo dos últimos sessenta anos. O que antes era sinônimo de narrativas curtas voltadas para o público infanto-juvenil se transformou a partir dos anos 60.

Sob influências da contra-cultura surgiram artistas *underground* - como Robert Crumb, Gilbert Shelton, Harvey Pekar e outros -, que utilizaram o meio para criar histórias voltadas para um público mais maduro. Repletas de cenas consideradas subversivas à época – como sexo, drogas e violência exacerbada -, as HQs começaram a ser respeitadas como manifestação cultural, onde o entretenimento poderia conter doses cavalares de reflexão e crítica social.

A década de 1980 é considerada um marco para os quadrinhos graças às mudanças editoriais pelas quais as duas maiores editoras do meio – as norte-americanas *Marvel* e *DC Comics* – foram submetidas. Com a ascensão de novos expoentes do meio, como Alan Moore, Frank Miller, Neil Gaiman e outros, a atmosfera das histórias em quadrinhos de super-heróis se modificou substancialmente. Com tramas mais adultas, violentas e soturnas, personagens dantes infantis passaram por mudanças de comportamento que podem ser observadas até hoje em dia nas bancas. Talvez o maior exemplo desta mudança seja o personagem *Batman*, da *DC Comics*. Durante as décadas de 1960 e 70 o personagem era protagonista de tramas simples, e tinha seriados televisivos voltados ao público infanto-juvenil – como Superamigos, por exemplo; nos anos 80, sob a batuta do roteirista e desenhista Frank Miller, o personagem ganhou ares de sobriedade e violência com histórias como “Batman Ano Um” e “O Cavaleiro das Trevas” – atualmente, o personagem é considerado um dos mais sombrios e “adultos” dentre os super-heróis, sempre envolvido em tramas violentas, e com temas mais densos.

Com esta mudança substancial no *status quo* das HQs na reta final do século XX, o meio ganhou obras com tramas diferenciadas, como histórias de

não-ficção (como *Maus*, de Art Spiegelman). Deste modo, surgem diversas obras que utilizam o meio como forma de contar histórias verídicas, trajetórias de vida e biografias. Entretanto, a sociedade, em sua maioria, ainda não assimilou completamente estas mudanças, e muitos ainda classificam as histórias em quadrinhos como “coisa de criança”.

Tendo estes fatores em vista, este estudo se propõe a analisar as possibilidades estético-narrativas do meio HQ como uma alternativa na prática do jornalismo. O jornalismo tem se aproveitado das mais diversas possibilidades comunicacionais para transmitir suas mensagens. Com a ascensão de diferentes meios de comunicação, como a televisão, rádio, internet e redes sociais, o jornalismo busca expandir sua influência ao maior público disponível. Desde o lançamento da HQ auto-biográfica *Maus*, de Spiegelman, em 1986, os quadrinhos têm ganhado novas publicações com teor similar ao jornalístico. Graças às possibilidades estético-narrativas das HQs, diversos autores têm se utilizado do meio para publicar reportagens e obras que exploram ao máximo os efeitos de sentido e leitura que os quadrinhos possibilitam. Sobre as possibilidades do meio, Eisner destaca:

(...) O quadrinho tenta lidar com os elementos mais amplos do diálogo: a capacidade decodificadora cognitiva e perceptiva, assim como a visual. O artista, para ser bem-sucedido nesse nível não verbal, deve levar em consideração a comunhão da experiência humana e o fenômeno da percepção que temos dela, que parece consistir em quadrinhos e episódios¹

Ao unir imagético e textual de forma ímpar, os quadrinhos demonstram uma rica potencialidade para se trabalhar também com temas não-ficcionais, onde se busca emular situações e representar fatos históricos. Por esta união, as histórias em quadrinhos têm se reafirmado como um meio descritivo e analítico. Pela linguagem híbrida formada por textos e imagens em consonância, os quadrinhos têm provado que conseguem entreter e, simultaneamente, fazer seus leitores refletirem sobre os temas abordados, graças às suas possibilidades estilístico-narrativas.

¹ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 38

Este trabalho busca contribuir para um maior conhecimento acerca das possibilidades técnicas e narrativas que demonstram a potencialidade das HQs como meio de comunicação e alternativa no jornalismo. Para tal, foi escolhido o trabalho desenvolvido pelo jornalista, cartunista e quadrinista Joe Sacco durante a Guerra da Bósnia (1992-95). As obras selecionadas foram *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, publicadas no Brasil pela editora Conrad, mostram o complexo trabalho de diálogo com fontes marginalizadas pelos grandes meios de comunicação que realizaram a cobertura do conflito nos Balcãs durante os anos 90. Por meio de uma extensa e complexa teia de testemunhos sobre a guerra, Sacco atribui identidades singulares a suas fontes, e mostra uma leitura muito particular da Guerra da Bósnia.

Tendo o trabalho de Joe em terras balcânicas como estudo de caso, se pretende mostrar que as obras *Sarajevo* e *Gorazde* preenchem lacunas deixadas em branco pelo jornalismo tradicional – cuja representação são os jornalistas retratados nas HQs de Sacco. Graças a uma incansável busca pelo “novo” – cujo valor-notícia é elevado em comparação a outros –, por meio de constantes atualizações sobre a guerra – baseadas em dados/ fontes oficiais e entrevistas e filmagens estereotipadas –, a grande mídia internacional realizou em terras balcânicas uma cobertura superficial, onde a falta de contextualização acerca do complexo conflito atrapalhou, por diversas vezes, o entendimento das notícias por parte do público-leitor. Sobre o tema, Serva destaca:

Os meios de massa impõem aos fatos ritmo e roteiro evolutivo que não são necessariamente os que parecem naturais às testemunhas dos acontecimentos. Esse descompasso se deve a necessidades intrínsecas ao papel cultural do sistema de comunicação na sociedade contemporânea²

A Guerra da Bósnia (1992-1995) foi o conflito mais duradouro em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e obteve massiva cobertura jornalística desde seu início. Entretanto, devido à sua complexidade estrutural – onde havia três diferentes vertentes, formadas pelas forças muçulmanas, sérvios e croatas, cada qual com apoiadores e religiões

² SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 127

completamente diferentes -, por inúmeras vezes fatos significativos eram reduzidos e simplificados. Estes processos de edição atrapalhavam, por inúmeras vezes, o processo de entendimento das notícias por parte do público. Soma-se a isso a contextualização insuficiente feita pela grande mídia acerca do conflito, originado em rugas étnico-nacionalistas com origens seculares que não eram mencionadas ou explicadas aos leitores/ espectadores.

Poucos fatos de nossa história recente receberam cobertura igual [à da Guerra da Bósnia]: o grande número de jornalistas envolvidos na produção das notícias, os recursos técnicos disponíveis, o espaço que ocupou em meios impressos ou eletrônicos, (...). Apesar do alcance e da força da cobertura, poucos são aqueles que compreendem de fato o que acontece naquele canto do mundo³

Com isso, o trabalho realizado por Joe Sacco em terras balcânicas destoa da cobertura jornalística dos grandes meios à época, e compõe um importante panorama acerca do complexo mosaico sócio-político da Bósnia no pré-guerra, durante o conflito, e no período posterior ao Acordo de Dayton, assinado em 14 de dezembro de 1995. Este estudo propõe também apresentar a guerra como um processo constituído por múltiplas visões e versões; segundo o trabalho de Joe Sacco, se pretende um aprofundamento em sua coleta de depoimentos e testemunhos de fontes distintas para mostrar como sua escolha pela não-simplificação e estereótipos da guerra tornam seu trabalho ímpar – e como estas práticas o auxiliam na construção de identidades para as personagens representadas. Há de se destacar que este processo se diferencia substancialmente do restante da maioria dos comunicadores⁴ presentes na Bósnia-Herzegovina à época.

Somando-se a discussão da potencialidade das HQs como forma de veiculação de obras não-ficcionais e jornalísticas com a análise acerca das identidades atribuídas por Joe Sacco ao mosaico que compunha a sociedade da Bósnia-Herzegovina no período das obras *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, o objetivo deste estudo é se aprofundar na potencialidade

³ SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p.19

⁴ Entenda-se “comunicadores” como os profissionais ligados à grande mídia internacional, que fez a cobertura da Guerra da Bósnia

dos quadrinhos como forma comunicacional de conteúdos por muitas vezes obliterados pela grande mídia.

Para tais objetivos, no primeiro capítulo se busca fazer um histórico sobre as práticas jornalísticas, com enfoque nos conceitos trabalhados por Nelson Traquina em seu livro *Teorias do Jornalismo, volume 2: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Neste capítulo, serão analisados conceitos cruciais no *modus operandi* do jornalismo atualmente - como valor-notícia, edição e outros. Além disso, irá se propor como as HQs se encaixam neste contexto, e de que modo elas podem acrescentar perspectivas e pontos de vista ao jornalismo.

No segundo capítulo, se fará um estudo detalhado sobre o autor de *Uma História de Sarajevo e Área de Segurança Gorazde*, Joe Sacco. A biografia do quadrinista será revisitada, juntamente com uma análise de seus traços estilístico-narrativos. Para tal, os estudos de Scott McCloud e Will Eisner serão as duas principais fontes teóricas.

No terceiro capítulo deste estudo, será o momento de visitar o contexto histórico que levou à derrocada da Iugoslávia como nação unificada, e como a ascensão de políticos extremo-nacionalistas nas diferentes repúblicas que compunham o país influenciou e destruiu a sociedade multi-étnica pensada pelo ex-presidente iugoslavo Josip Broz Tito. Como base, será utilizada a obra *O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia*, dos jornalistas Pedro Caldeira e Stevan Niksic, que fizeram um memorável trabalho de pesquisa e análise deste processo de destruição da nação iugoslava.

O quarto capítulo consiste na análise identitária das obras *Sarajevo e Gorazde*, sob a luz dos conceitos antropológicos de Denys Cuhe e Clifford Geertz. Neste capítulo serão analisadas – segundo majoritariamente os conceitos de “descrição densa” e “identidade” segundo Geertz e Cuhe – as identidades atribuídas por Joe Sacco aos personagens principais, secundários, oficiais e políticos, jornalistas e, por fim, a si mesmo.

Finalmente, no quinto capítulo serão apresentadas as conclusões alcançadas por este estudo e as considerações finais sobre o tema, focalizando principalmente nas práticas de Joe Sacco em território balcânico e na

potencialidade dos quadrinhos como alternativa no jornalismo, tentando mostrar como Joe tocou em pontos não atingidos pela grande imprensa.

Capítulo 1: As limitações e deficiências do modo de produção noticioso

O jornalismo tem como um de seus principais objetivos (senão o principal deles) informar a população de acontecimentos e fatos novos que possam alterar a consciência das pessoas. Ou seja, fornecer relatos dos acontecimentos julgados significativos e interessantes, segundo a ideologia jornalística dominante (ver Traquina, 2005). Entretanto, levando-se em conta a enorme quantidade de novos fatos que surge diariamente, a mídia não consegue captar e repassar tudo o que chega às suas mãos.

Mesmo se levarmos em conta a existência de vários meios de comunicação, como jornais, rádios, emissoras televisivas e agora sites e redes sociais noticiosas – como *blogs* e o *twitter* -, nem tudo consegue a “atenção da mídia”. Assim, há classes de acontecimentos relegadas ao esquecimento, seja por escolha editorial, força noticiosa, influência de pessoas ou organizações com poder de veto sobre este ou aquele fato/ ideologia dos meios de comunicação. Serva afirma:

O resultado desse trabalho de edição é uma página organizada – ou a soma de várias páginas, um jornal ou uma revista completos, também chamados de ‘edição’ -, com os fatos hierarquizados conforme a cultura do tempo, a intuição dos editores, o potencial surpreendente dos fatos ou “o desejo dos leitores”, como diz uma certa tradição norte-americana para quem o consumo de jornais é determinado pela necessidade dos leitores e, como numa eleição diária, a escolha do jornal se renova pela aprovação dos leitores⁵

Além da escolha pela não publicação ou divulgação de alguns fatos, há o problema de noticiá-los de maneira inapropriada. Um exemplo de imprecisão recorrente dos meios de comunicação é a contextualização dos fatos. Há muitos casos que a falta de contextualização interfere no entendimento da notícia.

A notícia contextualizada de maneira inadequada não transmite a devida gravidade ou importância que o acontecimento tratado pode realmente possuir para determinados segmentos da sociedade. O jornalista brasileiro Leão Serva escreve sobre a informação débil de maior embasamento ou profundidade em seu

⁵ SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p.55-56

livro *Jornalismo e Desinformação*, abordando aspectos desta “desinformação” que acontece nos meios de comunicação. “(...) Ele [Leão Serva] denuncia os equívocos que o jornalismo ‘comete há séculos e que continua cometendo nesta era de meios digitais’. Pecados que correm o risco de se tornarem mortais, quando a desinformação deixa de ser um erro para se converter em estratégia comercial” (MORAIS, 2001: 16).

A notícia, com o passar dos tempos, ganhou um caráter mais objetivo se baseando na técnica da “pirâmide invertida”⁶, com artifícios como o *lead*, a grande quantidade de fontes para corroborar as afirmações do jornalista, dentre outros.

Surgem nessa época as técnicas do *lead* e da ‘pirâmide invertida’, que permitiam ao leitor inteirar-se dos fatos com menor custo, facilitavam a redação das manchetes e agilizavam o ajuste (mesmo sem conhecer o texto, cortavam-se os últimos parágrafos com o menor prejuízo possível para a informação). A redação impessoal, a ausência de qualificativos, a atribuição das informações às fontes, a comprovação das afirmações feitas, a apresentação das partes ou das possibilidades em conflito (doutrina do equilíbrio) e o uso de aspas garantiriam a necessária imparcialidade informativa⁷

O professor Clóvis de Barros Filho se refere ao final do século XIX como o período histórico que os jornais começaram a se utilizar destas técnicas em suas edições. Assim, influências positivistas marcavam os rumos do jornalismo, cada vez mais calcado em fatos, fontes e informações – nem sempre devidamente discutidas ou contextualizadas para o público-leitor.

Até a década de 20 a objetividade jornalística baseada em simplificações e reduções era indiscutível. O panorama se modificou com o surgimento das grandes revistas, como a norte-americana *Time*, que buscavam uma volta ao modelo mais opinativo e de discussões das notícias, apresentando e discutindo os fatos em voga. Filho afirma:

Oferecer ao leitor uma série de dados isolados não contribuía para a redução da complexidade social, pois tirava o receptor da *ignorância* dos

⁶ O termo “pirâmide invertida” é um jargão comum no meio jornalístico, e representa a construção da notícia baseada na disposição das informações em ordem decrescente. Assim, o primeiro parágrafo – chamado de *lead* – deve responder a algumas perguntas básicas do leitor, como o quê, quem, onde, como, quando e por quê. A partir daí são dados mais detalhes, mas o principal deve estar contido no *lead*.

⁷ FILHO, Clóvis de Barros. **Ética na Comunicação – da informação ao receptor**. São Paulo: Editora Moderna, 1995, p. 24

fatos para deixá-lo na *confusão* dos fatos. A objetividade, se isso significa repetir fielmente as palavras ditas por uma fonte informativa, costuma deixar os leitores deficientemente informados quanto à significação dos acontecimentos⁸

Até a ascensão da televisão o jornalismo se manteve nesta corrente discussiva/opinativa; porém o panorama retorna à objetividade como meta com o jornalismo televisivo. A televisão se estabelece como o meio de comunicação mais forte e influente a partir de sua consolidação nas residências. Com a força da TV a imparcialidade volta a ficar em foco, e se buscam cada vez mais notícias: mais objetivas e em maior quantidade. Assim, o jornalismo volta ao tempo das contextualizações e discussões breves, insuficientes.

Ensinava-se aos alunos como *devem* atuar os jornalistas, admitida a objetividade como já adotada pelos profissionais, ou como *deveriam* atuar, quando se reconhecia que equivocadamente alguns ou todos os profissionais desrespeitavam a 'frieza dos fatos' com 'deslizes de subjetividade'⁹

Explica-se que a imparcialidade volta à tona pelo caráter rápido e fugaz da televisão. Assim, os defensores da imparcialidade e objetividade no jornalismo alegam que elas devem se fazer presentes por causa de limitações sociais, como a quantidade de emissoras existentes ou o tempo disponível para que o público possa compreender o tema em voga.

Para Hills, a expectativa de imparcialidade advém também de uma limitação de tempo por parte do receptor e do número de emissoras. Assim, se, por uma parte, não pode haver (por razões técnicas e econômicas) mais que um número reduzidíssimo de emissoras e, por outra, poucas pessoas dispõem do tempo necessário para saber o que dizem umas e outras, os programas informativos têm de ser, sobretudo, *imparciais*, informativos, objetivos, verazes e precisos¹⁰

Soma-se a este processo o advento da internet, redes sociais e sites a partir da década de 1990. Os meios se tornaram ainda mais breves, rápidos e instantâneos que a televisão. Por conseqüência, o caráter da notícia se tornou ainda mais fugaz. Grosso modo, se torna cada vez mais importante dar a notícia

⁸ FILHO, Clóvis de Barros. **Ética na Comunicação – da informação ao receptor**. São Paulo: Editora Moderna, 1995, p. 26

⁹ *Idem*, p. 27

¹⁰ *Ibidem*, p. 28-29

antes de seus concorrentes, o que acarreta por muitas vezes apurações superficiais e contextualizações deficientes.

O jornalismo tem como matéria-prima o fato novo, desconhecido, que pode causar surpresa. E que por isso é confuso, incompreensível, caótico. A surpresa pode ser compreendida como o resultado do aspecto *nonsense* do fato noticioso. Uma informação só faz sentido quando necessariamente se harmoniza com uma referência anterior do leitor – um signo referencial interior, o *interpretante*¹¹

Nelson Traquina, professor da Universidade Nova de Lisboa, fala sobre este imediatismo no jornalismo. Traquina discorre sobre como as notícias são construídas objetivando alcançar o “direto”, estado “puro” do imediato – seja para manter o relato do fato o mais verossímil possível, seja para atrair mais consumidores, leitores e expectadores.

Em termos logísticos, o valor do imediatismo leva ao reforço da importância da capacidade performativa dos jornalistas de uma empresa na montagem da cobertura. Com as capacidades tecnológicas atuais, o valor do imediatismo dá primazia, nesta era audiovisual, ao ‘direto’, que representa o estado ‘puro’ do imediatismo¹²

Traquina cita vários estudiosos do jornalismo, como Gaye Tuchman, Pierre Bordieu, Walter Lippmann e outros para discutir não apenas o imediatismo atrelado à prática jornalística, mas também para questionar o poder do jornalista neste processo de construção das notícias. Assim, além da questão do tempo, crucial aos meios noticiosos, há também valores políticos, econômicos e ideológicos na escolha do que deve ser noticiado. “Tornar-se num controlador, transcendendo por isso o caráter caprichoso, sacrificador, da notícia, é o que faz o trabalho noticioso tão excitante” (SCHLESINGER apud TRAQUINA, 2005: 40).

Assim, são os jornalistas aqueles que decidem o que é ou não “noticiável”, o que possui relevância. Como esta decisão cabe aos jornalistas, as pautas dos meios de comunicação pouco se alteram, pois os critérios de noticiabilidade são muito similares para diferentes empresas de comunicação do mesmo país, por

¹¹ SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 49

¹² TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, volume 2: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005, p. 37-38

exemplo. Traquina fala sobre este poder de decisão dos jornalistas, que é intimamente ligado ao conceito de valor-notícia.

A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que só membros da tribo jornalística partilham. (...) Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’ (*‘newsworthiness’*)¹³

Segundo Traquina, há muitos valores-notícia que norteiam as publicações e transmissões jornalísticas. Em geral, o que mais interessa é o “novo”, aquilo que ganha destaque por seu imediatismo, como um assassinato, por exemplo. Entretanto, não há lugar para um acontecimento longo sem que haja algum tipo de clímax, que atraia a atenção da mídia.

Segundo Galtung e Ruge, um assassinato leva pouco tempo e o acontecimento tem lugar entre a publicação de dois números sucessivos de um jornal diário, o que significa que se pode contar uma notícia significativa de um dia para o outro. Mas escolher um assassinato durante uma batalha onde existe um morto, todos os minutos, faria pouco sentido – nós geralmente só registraremos a batalha como tal. Do mesmo modo, um acontecimento que tem lugar durante um espaço de tempo maior (como a construção de uma barragem) ficará por registrar a menos que atinja um certo tipo de clímax dramático (a inauguração da barragem)¹⁴

Este não é o único valor-notícia descrito por Traquina que se calca no “novo”, no imediato. Assim, há séries de acontecimentos que sofrem com a falta de atenção da mídia por não terem este imediatismo, ou mesmo um clímax que chame a atenção da mídia. Exemplo disto são as guerras e conflitos armados. Da mesma forma que hoje se sabe que não foi o assassinato de Francisco Ferdinando a principal causa da Primeira Guerra Mundial, é conhecido também que foi com este estopim que a mídia internacional deu atenção devida às tensões políticas que aconteciam na Europa no final do século XIX, começo do século XX. A guerra é assunto recorrente na história do jornalismo, atraindo os holofotes da mídia, mas apenas depois que os conflitos se iniciam; por muitas vezes a imprensa negligencia tensões políticas que podem conduzir países a um

¹³ TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, volume 2: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005, p. 63

¹⁴ *Idem*, p. 70

conflito armado porque não há clímax, acontecimentos com valor-notícia relevante até o primeiro ataque.

Nestes casos em que o clímax ou “novo” se insere em um contexto específico, as notícias contêm trechos que servem para a contextualização do leitor. Entretanto, grande parte desta contextualização é insuficiente para que o leitor compreenda plenamente o fato tratado pela notícia. “(...) É possível apontar que, na sociedade contemporânea, naquelas relações mediadas pelos instrumentos de difusão, há uma dose considerável de ‘pseudocomunicação’” (LÓPEZ-ESCOBAR, 1995: 14). Entenda-se esta “pseudocomunicação” como uma notícia dotada de características da comunicação plena, mas que acaba não informando o leitor de maneira apropriada – principalmente por esta falta de contextualização.

Já citado, exemplo desta contextualização ineficiente são as coberturas jornalísticas sobre conflitos armados e guerras. Levando-se em conta a posição ideológica do meio de comunicação que veicula a notícia, muitas vezes um conflito que envolve complexas questões acaba sendo reduzido a um mero maniqueísmo, para uma compreensão mais rápida e fácil por parte do leitor/espectador. “A ausência de conhecimento de uma informação pelo receptor, por omissão, submissão, sonegação, saturação ou ainda por redução pode fazer com que uma história complexa se torne um caso de maniqueísmo” (SERVA, 2001: 98).

Esta dificuldade de compreensão acontece por motivos estruturais. É financeiramente desinteressante para o meio de comunicação investir em algum especialista sobre os lados envolvidos no conflito – que, por inúmeras vezes, tem raízes mais antigas e intrínsecas, exigem conhecimento, estudo e extenso acompanhamento dos fatos. Muitas vezes se pensa que não há público suficiente para este tipo de notícias. Isto causa o erro do meio de comunicação pensar em determinados assuntos segundo princípios de uma “comunicação coletiva”. López-Escobar declara sobre o tema:

Entendo por comunicação coletiva o fenômeno social que se caracteriza pela presença institucionalizada de organizações que se dedicam a produzir, colher, tratar e difundir as mesmas mensagens de um modo

potencialmente ilimitado e tendencialmente simultâneo, através de meios de difusão, a um público heterogêneo ou disperso¹⁵

Assim, a principal fonte, quando não se tem dinheiro ou interesse em enviar algum profissional da empresa de comunicação, se torna as agências internacionais de notícia. Por ser implícito que as agências que vendem notícias sobre o conflito saibam exatamente o que está acontecendo, o jornal se torna meramente um difusor de notícias. Por isso estas matérias nem sempre são devidamente apuradas ou investigadas em sua fonte primária. As agências são polarizadas pelo eixo Estados Unidos-Inglaterra, tendo a *Reuters* e a *Associated Press (AP)* como nomes fortes do mercado. Assim, a cobertura pode ser mais facilmente contaminada por interesses de fontes oficiais – que devem lidar com menos profissionais da imprensa, destas agências que monopolizam as informações.

As estratégias de comunicação e de relações públicas, elaboradas detalhadamente pelas forças armadas e pelos governos durante a preparação para uma guerra, evidenciam a importância que é atribuída à mídia pelos atores do conflito, seja para justificar ataques e campanhas diante da opinião pública, seja para manter o sentimento de patriotismo, que em tempos de guerra serve de combustível para a mobilização popular¹⁶

Em um contexto similar a este apresentado urge a necessidade de uma fonte alternativa de informações sobre o conflito – afinal, uma guerra/conflito é sempre formada, no mínimo, por dois lados opostos – para que a credibilidade e multiplicidade de pontos de vista sobre o mesmo fato sejam devidamente respeitadas e seguidas.

1.1 Como as Histórias em Quadrinhos se inserem neste contexto

Desde sua popularização, no começo do século XX nas tiras de jornais diários, as histórias em quadrinhos assumiram perante a sociedade um papel

¹⁵ LÓPEZ-ESCOBAR, Prefácio. In: Filho (org.). **Ética na Comunicação – da informação ao receptor**. São Paulo: Editora Moderna, 1995, p. 16

¹⁶ INTERCOM, 28, 2005, Rio de Janeiro. **O Jornalismo Na Guerra Do Iraque: A Relação Entre Jornalistas, Militares Na Era Dos Repórteres Embutidos**. Olinda: Antônio Martins de Araújo Neto, 2005

associado comumente a temas infantis e adolescentes, principalmente o humor e a aventura. Depois do crescente sucesso dentro dos jornais, as HQs (histórias em quadrinhos) ganharam força e espaço no mundo impresso, alcançando maior independência, com publicações próprias (com vários personagens e diferentes histórias compiladas) em diversos formatos por todo o resto do século XX até os dias atuais. Eisner declara:

Historicamente, os quadrinhos têm se restringido a narrações breves ou episódios de curta duração, mas movimentados. Na verdade, supunha-se que o leitor buscava nas histórias em quadrinhos informações de transmissão visual instantânea, como nas tiras de jornais, ou uma experiência visual de natureza sensorial, como nos quadrinhos fantásticos. Entre 1940 e o início da década de 1960, a indústria aceitava, comumente, o perfil do leitor de quadrinhos como o de uma 'criança de 10 anos, do interior'. Um adulto ler histórias em quadrinhos era considerado sinal de pouca inteligência. As editoras não estimulavam nem apoiavam nada além disso¹⁷

As HQs apresentaram seu maior crescimento de vendas e conquista de fãs com o surgimento dos super-heróis, no fim da década de 1930; o maior marco é a criação do Super-Homem, há mais de 70 anos, em 1938, por Jerry Siegel e Joe Shuster. Logo depois do *Superman* vieram *Batman*, *Flash* e muitos outros, que se tornaram fortes ícones da cultura pop contemporânea. Este sucesso se relaciona à necessidade de heróis e exemplos de conduta desta época, por conta da ameaça nazi-fascista que assombrava a Europa, em meados do início da Segunda Guerra Mundial. Assim, os super-heróis comumente combatiam Hitler e seus aliados nas tramas, inspirando e encorajando a opinião pública norte-americana para entrar na guerra.

Em quadrinhos voltados para um público essencialmente orientado para o visual, ou nos casos em que as exigências da história estão voltadas para um super-herói simples, a ação e o estilo da arte tornam-se tão dominantes, que o 'entrelaçamento' de palavras e arte se enfraquece¹⁸

Estas primeiras HQs de super-heróis e aventura eram simples, e fizeram muito sucesso entre o público infanto-juvenil. Inclusive, a maioria dos

¹⁷ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 138

¹⁸ *Idem*, p. 124

personagens criados na época não tem histórias inéditas sendo escritas desde os anos 40.

Dentre esses primeiros sucessos também devemos destacar a inovadora obra de alguns autores, como Will Eisner e seu personagem mais consagrado, *Spirit*. Criado em 1940, *Spirit* foi publicado durante muito tempo como herói de tirinhas de jornais dominicais.

Eisner revolucionou as técnicas dos quadrinhos, com o uso inovador dos próprios quadros (alterando tamanhos, quebrando uma linearidade e regularidade até então vigente, implantando uma visão cinematográfica das HQ), efeitos de luz e sombra inéditos, além de inventar inusitadas técnicas narrativas, para prender ainda mais a atenção do leitor e explorar a riqueza do meio de comunicação história em quadrinhos – nos anos 80 o autor revisitou suas inovações no livro teórico *Quadrinhos e a Arte Sequencial*, uma das obras mais importantes sobre o meio.

Como nova forma de comunicação que havia se tornado, a HQ começou a oferecer inúmeras ramificações, com o surgimento de títulos para diferentes públicos (um bom exemplo são as *Tijuana Bibles*, quadrinhos pornográficos adultos que satirizavam personagens famosos da época, indo desde atores hollywoodianos até personagens como *Betty Boop*, dentre outros, colocando-os em situações sexuais inusitadas). Assim, Will Eisner foi um dos precursores dos quadrinhos com temática adulta quanto à roteirização, por meio de suas histórias que procuravam sempre explorar o lado mais humano das suas personagens, sem se importar em manter a simplicidade e apelo infantil que HQs de super-heróis mantinham no começo.

Tivemos também nos anos 40 outros gêneros que se utilizavam de elementos não-infantis, como as *pulp fictions*, revistas de terror e ficção científica. Porém a verdadeira revolução veio com autores como Robert Crumb, Gilbert Shelton e outros, nos anos 60, chegando juntamente com a contracultura *hippie* e o “politicamente incorreto”. Passos discorre sobre este período da seguinte forma:

Na década de 60, ao explodir a contracultura hippie e os manifestos contra a guerra do Vietnã, um grupo de quadrinistas malucos usuários de substâncias ilícitas decidiu pôr as mãos na massa e subverter as imposições do mercado de quadrinhos dominado pelas mega-editoras DC e Marvel. Esse grupo utilizou a linguagem dos comics como válvula de

escape contra as autoridades e o governo da época, criticando-os ou apenas menosprezando a cultura de massa e os costumes de uma sociedade decadente e amedrontada pelos longos anos de guerra. (...) E foi aí que a história dos quadrinhos começou a se alterar¹⁹

Com a porta aberta por estes quadrinistas nos anos 60, a indústria especializada em quadrinhos destinados a um público diferenciado - mais adulto e maduro do que os leitores regulares das HQs de super-heróis das grandes editoras, como DC Comics (casa de Superman e Batman) e Marvel Comics (casa do Homem-Aranha e Capitão América) - cresceu cada vez mais com o tempo. Mas, mesmo assim, ainda sofre com o julgamento antiquado da sociedade em geral. “A forma de arte dos quadrinhos tem muitos séculos de idade, mas é vista como invenção recente e sofre o mal de toda nova mídia. O mal de ser julgada por padrões antigos” (McCLOUD, 2005: 151).

Como se sabe, as HQs podem ser consideradas um meio híbrido, fecundo do textual e do imagético; por isso, podem alcançar patamares que palavras ou imagens não podem separadamente. “A mistura de palavras e figuras é mais alquimia do que ciência. Alguns dos segredos desses primeiros artistas podem ter se perdido no passado remoto. Mas nós temos uma poderosa magia bem aqui, no século XX: a riqueza da linguagem moderna” (McCLOUD, 2005: 161). Este conhecimento sobre as possibilidades oferecidas pelo meio são tardios, pois os quadrinhos sofreram muito com o estigma de serem voltados para públicos infanto-juvenis, sem cultura literária em estágios avançados. Eisner afirma:

Desde o início, a concepção e a criação escrita de uma história são afetadas pelas limitações do veículo. Estas virtualmente ditam o alcance de uma história e a profundidade da sua narração. É por este motivo que as histórias e enredos simples, óbvia, dominaram por tanto tempo a literatura de quadrinhos. A seleção de uma história e a sua narração estão sujeitas às limitações do espaço, da habilidade do artista e da tecnologia de reprodução. Na verdade, do ponto de vista da arte ou da literatura, este veículo pode tratar de assuntos e temas profundamente complexos²⁰

Assim, a utilização de HQs para outros fins que ultrapassam o puro e inocente entretenimento acaba entrando em convergência com o jornalismo,

¹⁹ PASSOS, Leonardo. *Os quadrinhos suburbanos do Tio Sam*. Disponível em <<http://www.fanboy.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=666>> Acesso em: 10 de Agosto, 15:10

²⁰ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 127

mostrando que elas podem ser uma alternativa para a retratação de acontecimentos reais, por sua riqueza narrativo-visual. Afinal, a história em quadrinhos pode mostrar coisas que nem o texto ou a imagem podem fazer sozinhos. Aqui surgem dois grandes nomes que se utilizam dos quadrinhos para fins jornalísticos: Art Spiegelman e Joe Sacco. Nosso estudo é focalizado em Joe Sacco, mas vale a pena falar brevemente sobre a trajetória e importância de Spiegelman, autor da “HQ-relato” *Maus: relato de um sobrevivente*.

Art Spiegelman nasceu em Estocolmo, na Suécia, em 1948, três anos depois do final da Segunda Guerra. Junto com sua família, Art imigrou ainda muito novo para os Estados Unidos, onde se graduou em 1968 no curso de “*Art and Philosophy*” na *Binghantom University – Harpur College of Arts and Science*, em Nova York. Depois de graduado, Spiegelman se juntou ao movimento *underground* pelo qual as HQs passavam no final dos anos 60.

Spiegelman contribuiu com várias revistas de quadrinhos *underground* neste fim de anos 60/ década de 70, como a *Bizarre Sex*, *Real Pulp* e *Young Lust*. Em 1975, ele e Bill Griffith fundaram a revista *Arcade*, que tinha em seu *cast* de colaboradores quadrinistas como Robert Crumb. Em 1979 ele ingressou como professor de História e Estética dos Quadrinhos na *School of Visual Arts* de Nova York – ele trabalhou na instituição até 1986.

Em 1980, Spiegelman fundou ao lado de sua mulher, a também quadrinista Françoise Mouly a revista *RAW*, com quadrinhos e artes gráficas de vanguarda. Porém, foi em 1986 que o reconhecimento finalmente chegou a Art Spiegelman, com o lançamento de *Maus: A Survivor’s Tale*. Art já havia publicado uma história de *Maus* em 1972, na revista *Funny Animals*. Então, de 1980 a 86 ele produziu o livro, que foi lançado em 86.

Maus narra uma história verídica de como seus pais judeus sobreviveram ao Holocausto, e para tal construiu a seguinte metáfora: os judeus encarcerados pelos nazistas são representados como ratos (vale citar que a palavra *maus* é alemã, e significa “ratos”), e os nazistas são gatos, demonstrando o antagonismo dos lados neste episódio da história. Em 1991 é lançada a continuação do livro de 1986: *Maus II: From Mauthausen to the Catskills*. Seu trabalho foi tão inovador que Spiegelman foi o primeiro a receber o Prêmio *Pullitzer* de Jornalismo com uma história em quadrinhos, no ano de 1992.

Maus foi sucesso de público e crítica. Art conta a história de Vladek Spiegelman, judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz, Vladek é casado com Anja – eles são os pais de Art Spiegelman na vida real. *Maus* relata o Holocausto de uma forma diferenciada por algumas razões: por meio do antropomorfismo²¹, Spiegelman ironiza propagandas nazistas da Segunda Guerra, que realmente mostravam os judeus como ratos. Além disso, a colorização em preto-e-branco (P&B) confere à obra um tom sério, contrastando com as imagens animalizadas que o leitor observa.

Outro ponto que se destaca em *Maus* é a forma que Spiegelman aborda o tema: ele conduz a narrativa de uma forma muito eficaz e séria, sem se deixar contaminar por algum tipo de sentimentalismo ou sensacionalismo, comum em obras do mesmo tema. Um exemplo disso é a caracterização de seu próprio pai, Vladek, que é mostrado como alguém corajoso e valoroso, e simultaneamente também é racista e mesquinho. Spiegelman mostra uma visão muito sóbria do Holocausto, e por isso trata o tema da maneira mais nua e crua possível. Assim, a obra se destaca, e não à toa é premiada com o *Pullitzer* de Jornalismo, por mostrar da maneira mais fidedigna possível a história e trajetória da família de Art durante a tragédia.

Em 1993 Spiegelman é contratado como desenhista e escritor para a famosa revista *New Yorker*, onde ele fica até 2003. Sua saída se relaciona diretamente à história que ele produziu sobre os atentados de 11 de Setembro – a capa da *New Yorker* posterior à tragédia entrou para a história, com um desenho de Spiegelman mostrando a sombra das duas torres gêmeas do *World Trade Center*.

Spiegelman afirma que se demitiu da *New Yorker* após sofrer censura em alguns trabalhos, como uma capa para o 4 de Julho – feriado da Independência dos EUA -, onde mostrava uma bomba atômica, e outra para o Dia de Ação de Graças, onde Art havia desenhado aviões norte-americanos jogando perus no Afeganistão, sob o título “*Operation Enduring Turkey*”. Em 2004, após sua demissão da *New Yorker*, Art lançou novamente uma obra de cunho político,

²¹ “Antropomorfismo” significa atribuir características e aspectos humanos a animais ou objetos inanimados, normalmente utilizados em contos ou histórias. A prática se tornou comum com o surgimento dos desenhos animados no final do século XIX/ começo do século XX. Atualmente a expressão tem sido substituída pelo termo *furry*.

intitulada *In The Shadow of No Towers*, relatando suas experiências relacionadas ao 11 de Setembro. Sua saída da grande imprensa se relaciona com a seguinte declaração de Leão Serva:

A vocação monopolista dos meios impõe uma ‘metralhadora de palavras’ (hoje já é transformada em uma ‘metralhadora de signos’), não só para usar seu poder de fogo, mas também para impedir que do outro lado o consumidor se proponha a usar o seu. (...) É necessidade das grandes empresas que exploram de forma altamente concentrada os meios de comunicação em todo o mundo eliminar a capacidade de produção de voz do cidadão e de microorganismos sociais²²

Desde a ascensão de Spiegelman podemos observar uma mudança do *status quo* dos quadrinhos. Além da dissociação com a antiga imagem de “mero entretenimento infantil”, graças a uma corrente cada vez mais forte desde os anos 70 de “adultização” de personagens e histórias, surgem cada vez mais quadrinistas que se propõem a utilizar as HQs como meio de contar histórias verídicas. Autores como Marjane Sartrapi, autora da autobiográfica série *Persepolis* – que conta suas dificuldades e sua vida como iraniana muçulmana, e como isso se relaciona com as diferenças do mundo ocidental – e Didier Lefèvre, autor de *O Fotógrafo*, onde ele relata sua passagem pelo Afeganistão em 1986 com a organização Médicos Sem Fronteiras – têm chance de publicar seus trabalhos, porque o meio editorial está mais aberto a este tipo de quadrinho com temáticas diferenciadas. E por muitas vezes estas temáticas convergem com pontos e temáticas reais, o que nos leva a considerar e pensar o papel dos quadrinhos no jornalismo, como alternativa para temas cujo valor-notícia não se adequa aos meios de comunicação *mainstream*, como jornais de grande circulação, telejornais, etc.

Podemos perceber a importância das histórias em quadrinhos, e encaixá-las nesta luta contra os meios de comunicação dominantes, que se mostram monopolizantes quanto aos critérios de noticiabilidade e valor-notícia. O quadrinho se diferencia de qualquer outro meio de comunicação não apenas por sua riqueza técnica, ao juntar imagético e textual com liberdade ímpar, mas por ser um dos meios mais acessíveis: qualquer um pode fazer quadrinhos. Não são necessárias tecnologias avançadas para que alguém desenhe sua própria história

²² SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 80

em quadrinhos; inicialmente, caneta, papel e uma ideia são mais do que suficientes para se contar grandes e importantes histórias. “Os quadrinhos dão as boas-vindas a qualquer criador que entre em seu mundo, um mundo tão próximo quanto uma caneta, lápis ou papel” (McCLOUD, 2005: 197). A acessibilidade das HQs em relação ao rádio, jornais, emissoras televisivas e sites ou redes sociais noticiosas é maior, mais abrangente. “Diferentemente do teatro (e do cinema), cuja tecnologia exige, pela sua natureza, as contribuições coordenadas de muitos especialistas, as histórias em quadrinhos são, tradicionalmente, produto de um único indivíduo” (EISNER, 1989: 123).

Além disso, a liberdade editorial ao se escrever uma HQ é maior do que em matérias jornalísticas, presas pelo limite de caracteres, fotos ou pelo tempo de exibição. Pela riqueza narrativo-visual que o meio oferece, por muitas vezes uma página de HQ pode transmitir mais informações que uma matéria de página inteira em um jornal impresso, por exemplo. “Essencialmente, as histórias em quadrinhos são uma forma de arte voltada para a emulação da experiência real” (EISNER, 1989: 90).

Depois de introduzirmos o advento das HQs no século XX, e citarmos autores e artistas que realizaram obras substanciais, que foram essenciais para a evolução das HQs e mudança do *status quo* do meio diante da sociedade, é vital que nos aprofundemos na trajetória de Joe Sacco, quadrinista responsável pelas obras aqui estudadas, *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*.

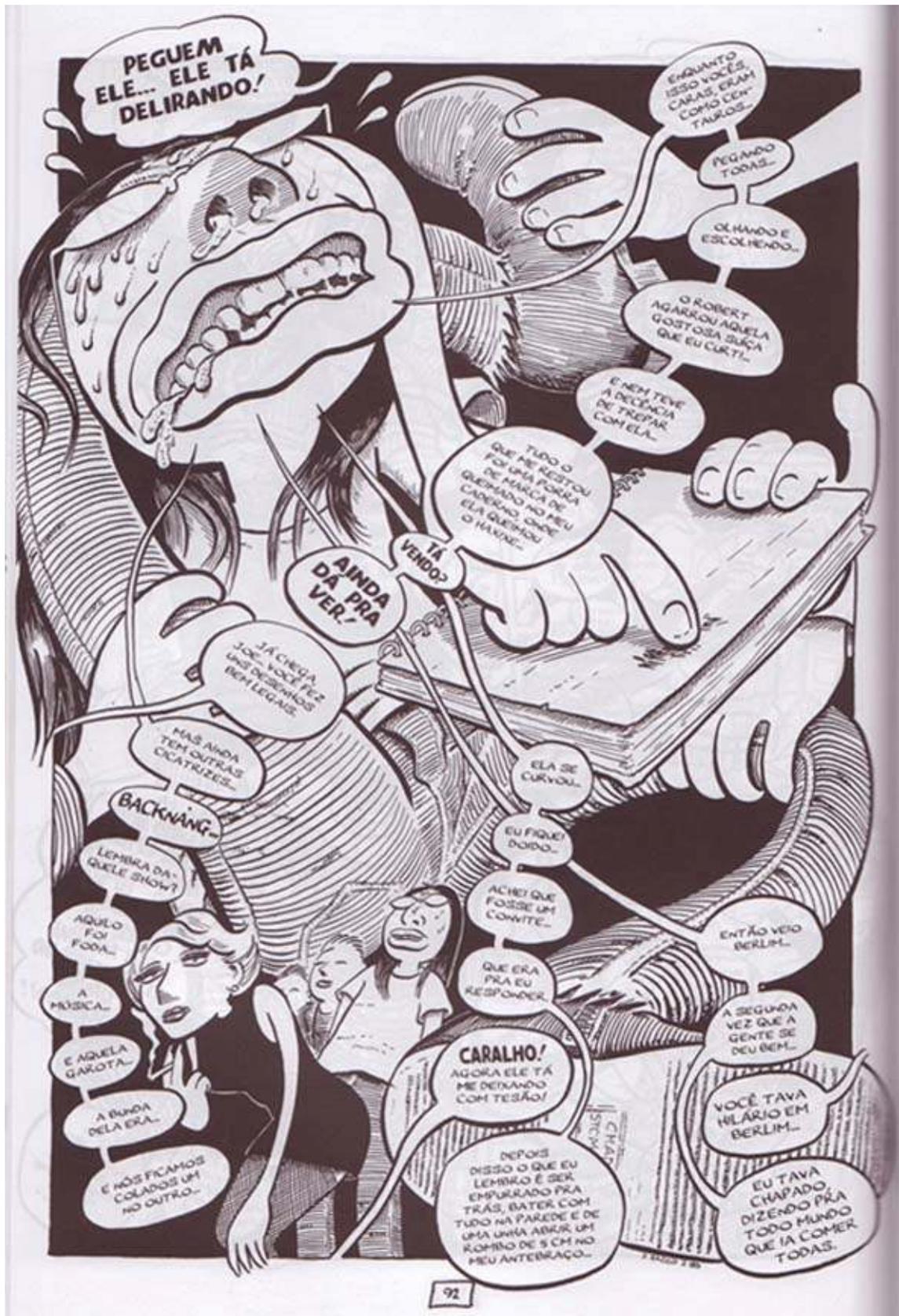
Capítulo 2 – O Homem que inovou o jornalismo e os quadrinhos

Joe Sacco nasceu em 1962 em Malta, e passou a infância na Austrália até completar onze anos, quando sua família mudou-se para os Estados Unidos. Joe, que é norte-americano naturalizado, recebe seu diploma de bacharel em Jornalismo pela Universidade de Oregon em 1981. O começo de sua trajetória envolvendo quadrinhos e jornalismo se deu a partir de 1983, ano de seu retorno à sua terra natal, quando ele trabalha como cartunista e publica uma série de romances ilustrados.

Sacco retornou aos Estados Unidos, e entre 1985 e 86 ele co-editou e co-publicou um jornal mensal de humor intitulado *Portland Permanent Press*. O jornal teve quinze edições ao todo, incluindo trabalhos de artistas como J.R. Williams e John Callahan. Ainda em 1986 o cartunista se muda para Los Angeles, e começa a trabalhar na *Fantagraphics Books*, que se tornaria a editora de suas principais obra até hoje.

Joe Sacco começou na *Fantagraphics* editando a seção de notícias para a publicação *The Comics Journal*, e criando tiras cômicas para a antologia *Centrifugal Bumble-Puppy*. Sacco teve sua primeira grande oportunidade de fazer um trabalho autoral com a revista *Yahoo*. Entre 1988 e 1992 ele viajou por vários pontos do globo reunindo material para criar histórias: ele viajou novamente para Malta e também acompanhou a turnê européia da banda *Miracle Workers*, de Portland. O material produzido durante a turnê foi publicado posteriormente em *Notes from a Derrotist*, publicado aqui no Brasil pela Editora Conrad com o título *Derrotista* – todas as obras de Joe Sacco publicadas aqui no Brasil saíram pela Editora Conrad.

Em *Derrotista*, uma compilação das primeiras obras de Joe Sacco, publicadas na revista *Yahoo*, já é nítido o estilo característico de Joe: seu traço cartunesco e estilizado, a escolha do preto-e-branco ao invés da colorização, seu humor ácido – escancarado em tiras como *Viagem ao fundo da biblioteca* – e sua visão “distorcida” de si mesmo. Leia-se “distorcida” como a representação exagerada de si mesmo, acentuando algumas de suas características pessoais, como o infortúnio na vida amorosa, por exemplo.



Acima de todas estas características citadas, o leitor pode descobrir a predileção de Joe Sacco por temas referentes a grandes conflitos e seus efeitos nas pessoas, como pode se observar na história *Mais Mulheres, Mais Crianças, Mais Rápido*, que conta a rotina de sua mãe em Malta durante a Segunda Guerra, convivendo sob constantes bombardeios. Outro bom exemplo de seu apreço pelo tema é observado na história *Quando Boas Bombas Acontecem a Pessoas Más*, onde Sacco se utiliza apenas de discursos oficiais referentes às épocas de três bombardeios distintos: bombardeio britânico à Alemanha entre 1940 e 1945, bombardeio dos Estados Unidos ao Japão entre 1944 e 1945 e o bombardeio norte-americano à Líbia, em 1986. Sacco mostra por meio de uma eficiente pesquisa em documentos históricos, jornais e revistas dos três períodos como a posição oficial pode ser “maleável”, e se alterar substancialmente conforme evolui um conflito. Além disso, Sacco cria uma fantástica estrutura narrativa ao organizar estas declarações de forma que o leitor perceba esta maleabilidade dos meios oficiais e desenhar quadros magistrais para ilustrar os bombardeios.

Joe Sacco morou por dois anos em Berlim, na Alemanha – ainda neste período em que viajou pelo mundo, entre 1988 e 1992 -, e fez capas de álbuns para várias bandas locais. Então, entre o fim de 1991 e o começo de 1992, Joe Sacco passou dois meses em Israel, viajando por territórios ocupados por palestinos (como a Faixa de Gaza), sempre tomando notas e conversando com os moradores. Com um modo de produção jornalístico imersivo, Joe Sacco se hospedava na casa dos habitantes locais, vivendo e experienciando a difícil rotina do povo palestino.

Em meados de 1992, Joe Sacco retornou a Portland, onde reuniu as informações obtidas na Palestina e em Israel e se utilizou de sua capacidade de desenhar e criar histórias em quadrinhos para explorar esta complexa e difícil situação vivida pelo povo palestino. A obra *Palestine*, resultado do trabalho de Joe, é lançada em 1993. No país a obra foi dividida em duas HQs: *Palestina: Uma Nação Ocupada* e *Palestina: Na Faixa de Gaza*.

Com o lançamento de *Palestine* Joe Sacco ganhou fama por sua inovação de estilo, pela profundidade de sua pesquisa realizada em Israel e na Palestina, e pela sensibilidade e dinâmica que impõe na obra. Com seu estilo peculiar, Sacco

é comparado a Art Spiegelman, autor da série *Maus*, ganhadora do prêmio Pulitzer e um marco para o jornalismo em quadrinhos.

Com *Palestine*, Joe Sacco foi premiado com o *American Book Award* em 1996. Seu trabalho posterior à *Palestine* foi *Natal com Karadzic*, publicada na revista *Zero Zero*. O trabalho seria o primeiro de uma série de histórias sobre a Guerra da Bósnia, que incluem ainda o livro *Soba*, publicado pela editora *Drawn & Quarterly* nos Estados Unidos, *Área de Segurança Gorazde: A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995*²³ (*Safe Area Gorazde*) – de 2000 - e *Uma História de Sarajevo (The Fixer)* – de 2003 -, pela *Fantagraphics* nos EUA.

Sacco ainda cobriu o julgamento dos Crimes de Guerra do conflito na Bósnia em Haia, na Holanda, a serviço para a revista *Details*, editada por Art Spiegelman, em 1998. Sua história de seis páginas lhe rendeu muitos elogios da crítica e do próprio *staff* da revista, que o contratou para um segundo serviço. Este serviço foi uma história sobre um velho músico de *blues* do Mississipi; a obra foi publicada na edição de maio de 2000 da revista.

Após o lançamento de *Safe Area Gorazde* e *The Fixer*, Joe Sacco foi contratado pelo jornal *The Washington Monthly* para criar tiras satírico-políticas de duas páginas. Joe trabalhou no *Washington Monthly* em 2004.

Em 2006, a *Fantagraphics* lançou *But I Like It*, coletânea de tirinhas de Joe sobre nomes do *rock'n roll* e *blues*. Já em 2007, *Palestine* ganhou uma nova edição da *Fantagraphics*, com capa dura e extras, como material introdutório à obra. Em 2009, Joe faz uma história sobre refugiados chechenos para a antologia *I Live Here*, livro cujas rendas foram revertidas para a Anistia Internacional.

Em 2010, Joe Sacco lançou a obra *Footnotes in Gaza*, revisitando a temática que o apresentou ao mundo. *Footnotes in Gaza* foi lançada nos Estados Unidos pela *Henry Holt/ Metropolitan Books* – ao contrário das editoras pelas quais Joe Sacco publicou suas obras anteriores, cuja especialidade era as histórias em quadrinhos, a *Henry Holt/ Metropolitan* é conhecida como uma editora de livros literários. *Footnotes in Gaza (Notas Sobre Gaza, no Brasil)* conta a história de um massacre de 300 civis palestinos pelas mãos do exército

²³ Para uma narrativa mais fluída, optou-se pela redução do título original da obra – *Área de Segurança Gorazde: A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995* – para *Área de Segurança Gorazde*

israelense na cidade de Khan Younis em 1956. Por meio de pesquisa histórica, em documentos e conversas com pessoas da época, procuradas por Joe Sacco.

2.1 O estilo artístico de Joe

Joe Sacco é um dos pioneiros na arte de se fazer jornalismo por meio das histórias em quadrinhos. Há, inclusive, uma pequena corrente que atribui a Joe o chamado *new-new journalism*, movimento atrelado ao *new journalism* dos anos 50 e aos quadrinistas da contra-cultura dos anos 60, como Harvey Pekar e Robert Crumb. O *new-new journalism* seria uma junção da narrativa do *new journalism* com os quadrinhos *indie* e *underground*.

Os argumentos de Joe Sacco são calcados em uma vasta e extensa pesquisa sobre o tema abordado, como a questão palestina ou a Guerra da Bósnia. Além disso, Joe aproveita sua formação jornalística para debater complicadas questões ouvindo a maior quantidade de fontes possíveis sobre o tema. Há de se ressaltar que Sacco tem uma predileção por ouvir os maiores atingidos pelas questões debatidas, como os refugiados palestinos de Gaza e cidadãos israelenses nas HQs da Palestina ou cidadãos bósnios do enclave de Gorazde em *Área de Segurança Gorazde*. Assim Joe se diferencia dos demais que debatem estes temas. Sobre seu trabalho na Palestina, Edward D. Said declara:

Assim, o choque do reconhecimento foi duplo, e quanto mais eu lia de forma compulsiva os gibis Palestina, de Joe Sacco, mais me convencia de que esse era um trabalho político e estético extremamente original e diferente de todos os outros, no longo, muitas vezes túrgido e irremediavelmente distorcido debate entre palestinos, israelenses e seus respectivos defensores²⁴

Said foi um dos pensadores palestinos mais importantes do século XX. Said, que nasceu em Jerusalém em novembro de 1935, teve uma educação cristã com referências à cultura norte-americana – pois seu pai tinha emigrado para os Estados Unidos antes da Primeira Guerra Mundial e regressou à Palestina como cidadão norte-americano. Edward estudou em Princeton e Harvard, e lecionou em

²⁴ SAID, Homenagem a Joe Sacco. In: Sacco (org.), *Palestina: Na Faixa de Gaza*. São Paulo: Conrad Editora, 2003, p. 9

importantes universidades norte-americanas por mais de quarenta anos. Said engajou-se na questão palestina durante sua vida, e foi membro do Conselho Nacional Palestino, entre 1977 e 1991. Em 2002, ele participou da criação da Iniciativa Nacional Palestina, uma alternativa ao Hamas e à Autoridade Nacional Palestina.

O jornalista norte-americano/maltês tem uma arte que combina a caricatura com o foto-realístico – bem exemplificado pelo norte-americano por Alex Ross²⁵. Enquanto as pessoas são representadas por traços caricaturais para reafirmar suas condições psicológicas – como tensão, medo ou alegria –, os locais por onde Joe passa são desenhados de maneira fidedigna à realidade. Para tal, Joe sempre faz suas pesquisas e realiza entrevistas munido de sua câmera fotográfica - para registrar detalhes para serem desenhados posteriormente (como bifurcações, estilo arquitetônico dos edifícios, feições e trejeitos dos entrevistados, etc.).

A escolha de Joe Sacco pelo estilo cartunesco ao desenhar seus personagens pode se explicar pela principal característica do cartum: a eliminação de detalhes específicos do indivíduo para se ressaltar algum ponto característico, como sentimentos humanos, tais como medo, alegria, etc. McCloud afirma:

Quando abstraímos uma imagem através do cartum, não estamos só eliminando os detalhes, mas nos concentrando em detalhes específicos. Ao reduzir uma imagem a seu 'significado' essencial, um artista pode ampliar esse significado de uma forma impossível pra arte realista. (...) A capacidade que o cartum tem de concentrar nossa atenção numa ideia é parte de seu poder especial, tanto nos quadrinhos como no desenho em geral²⁶

Scott McCloud explica a força do cartum na escolha de Joe Sacco ao falar também sobre a característica “universalizante” deste tipo de traço, que se adequa bem ao objetivo do jornalista em emular um pouco da realidade vivida por suas fontes, como bósnios e palestinos, por exemplo.

²⁵ Alex Ross é um conhecido desenhista e colorista cujo traço se assemelha muito com o real, sendo inclusive inúmeras vezes baseado em atores específicos, como Timothy Dalton, que serviu por muito tempo de modelo para o Homem de Ferro, personagem da *Marvel Comics*.

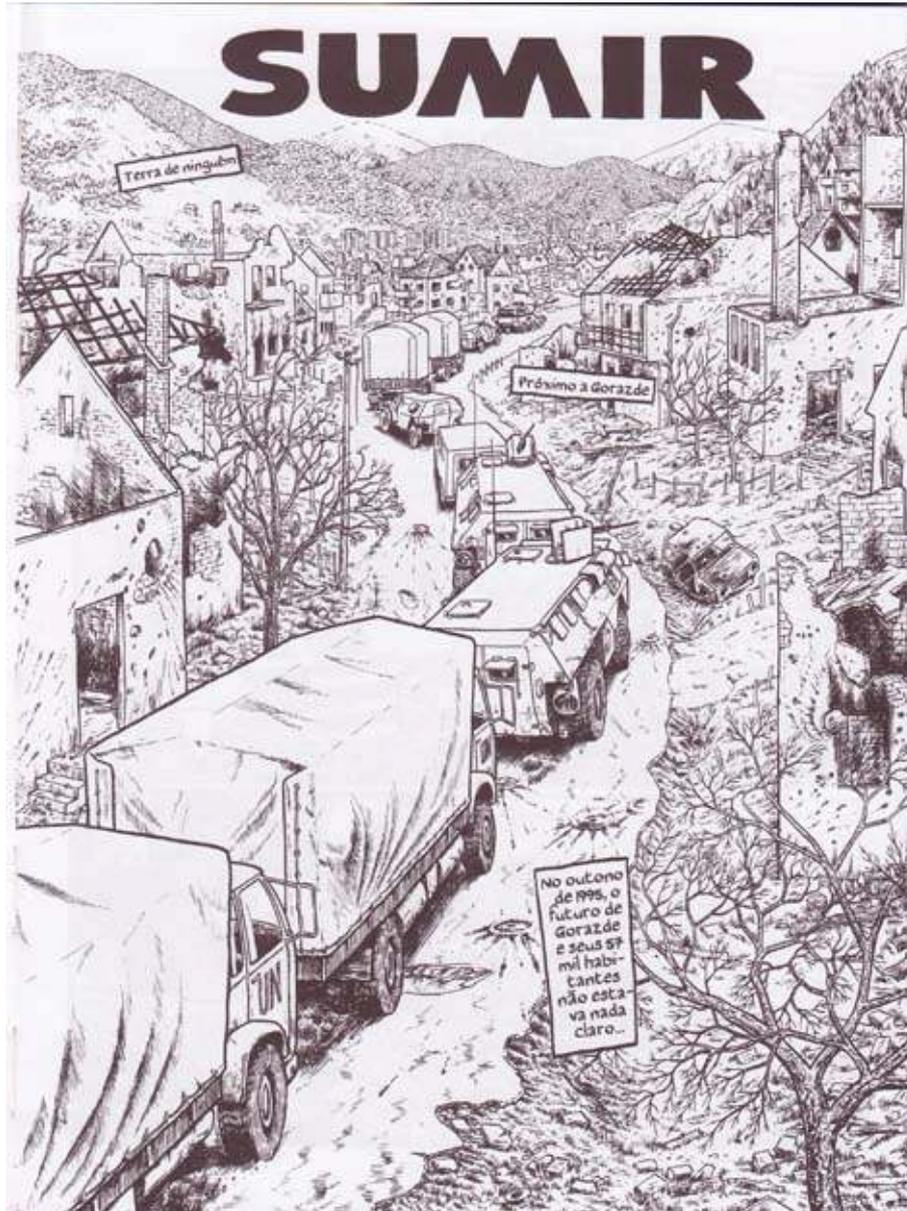
²⁶ McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. Hécio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro (Trad.), São Paulo: M. Books do Brasil, 2005, p. 30-31

Outra coisa é a universalidade de imagem do cartum. Quanto mais cartunizado é um rosto, mais pessoas ele pode descrever, dizem. Contudo, há outra coisa em ação nas nossas mentes quando vemos um cartum – sobretudo de um rosto humano – que merece mais investigação. (...) Quando você olha pra uma foto ou desenho realista de um rosto você vê isso como o rosto de outra pessoa. Contudo, quando entra no mundo do cartum, você vê a si mesmo²⁷

Joe Sacco mostra na maioria de seus trabalhos realidades difíceis, como a vida de uma população de um pequeno enclave abandonado à mercê de constantes ataques militares, como Gorazde, ou refugiados sob a tensão constante de militares inimigos, que abusam de sua força e poder, como no caso palestino. Ao fazer isso, Joe quer que o leitor compreenda e dê atenção a estas classes “abandonadas” pela mídia internacional, e uma das melhores maneiras para que seu leitor realmente se importe com o que está sendo descrito é o cartum. Pelo estilo cartunesco o leitor pode se colocar no lugar destas pessoas e experimentar, mesmo que minimamente, quão difícil é a vida delas. “O estilo e a adequação da técnica são acessórios da imagem e do que ela está tentando dizer” (EISNER, 1989: 14).

Sobre o foto-realismo das paisagens nas quais se dão as ações descritas por Joe, pode se perceber que a escolha por um estilo mais próximo ao real objetiva o conhecimento do leitor sobre o local citado.

²⁷ McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. Hécio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro (Trad.), São Paulo: M. Books do Brasil, 2005, p. 31-36



Além de situar o leitor na narrativa, ao colocá-lo no lugar dos personagens representados, Joe Sacco aumenta a imersão de sua narrativa ao mostrar com fidelidade o enclave de Gorazde ou a cidade destruída de Sarajevo, por exemplo. “Através do realismo tradicional, o desenhista de quadrinhos pode representar o mundo externo. (...) Se um artista quiser representar a beleza e a complexidade do mundo físico, algum tipo de realismo será importante” (McCLOUD, 2005: 41). Além disso, não há a necessidade com que o leitor se identifique com a cidade, mas se sinta imerso naquela realidade.

Por outro lado, como ninguém espera que as pessoas se identifiquem com paredes ou paisagens, os cenários tendem a ser mais realistas. (...) Essa

combinação permite que os leitores se disfarçam num personagem e entrem num mundo sensorialmente estimulante. Um conjunto de linhas para ver, outro para ser²⁸

Outra característica importante de Joe Sacco é a colorização de suas obras. Seus trabalhos sempre são em preto-e-branco – e isso não deve ser considerado “falta de colorização”. Historicamente, quando falamos de HQs, quando o autor (ou autores) escolhe(m) por não colorizar a obra, é obtida uma sensação de “cru”. Inúmeras vezes estas obras que contêm um conteúdo mais pesado, maduro e adulto, fazem esta escolha. Todas essas sensações se encaixam no campo da primeiridade segundo a semiótica *peirceana*, aquele campo das primeiras impressões e sensações. Chegamos à idéia que o autor quer passar a noção de seriedade e sobriedade, mostrar que o assunto não abre brechas para um tom predominantemente jocoso, não há espaço para cores radiantes e/ou felizes.



Como podemos perceber na cena acima, a escolha pelo P&B dá a seriedade que o fato abordado exige sem escandalizá-lo, como poderia, por exemplo, se fosse colorizada. Assim, poderíamos deduzir que Joe Sacco prefira o P&B porque não busca simplesmente chocar, pois a informação e as falas dos personagens são tão importantes quanto seus desenhos. “O quadrinho tenta lidar

²⁸ McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. Hécio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro (Trad.), São Paulo: M. Books do Brasil, 2005, p. 42-43

com os elementos mais amplos do diálogo: a capacidade decodificadora cognitiva e perceptiva, assim como a visual” (EISNER, 1989: 38).

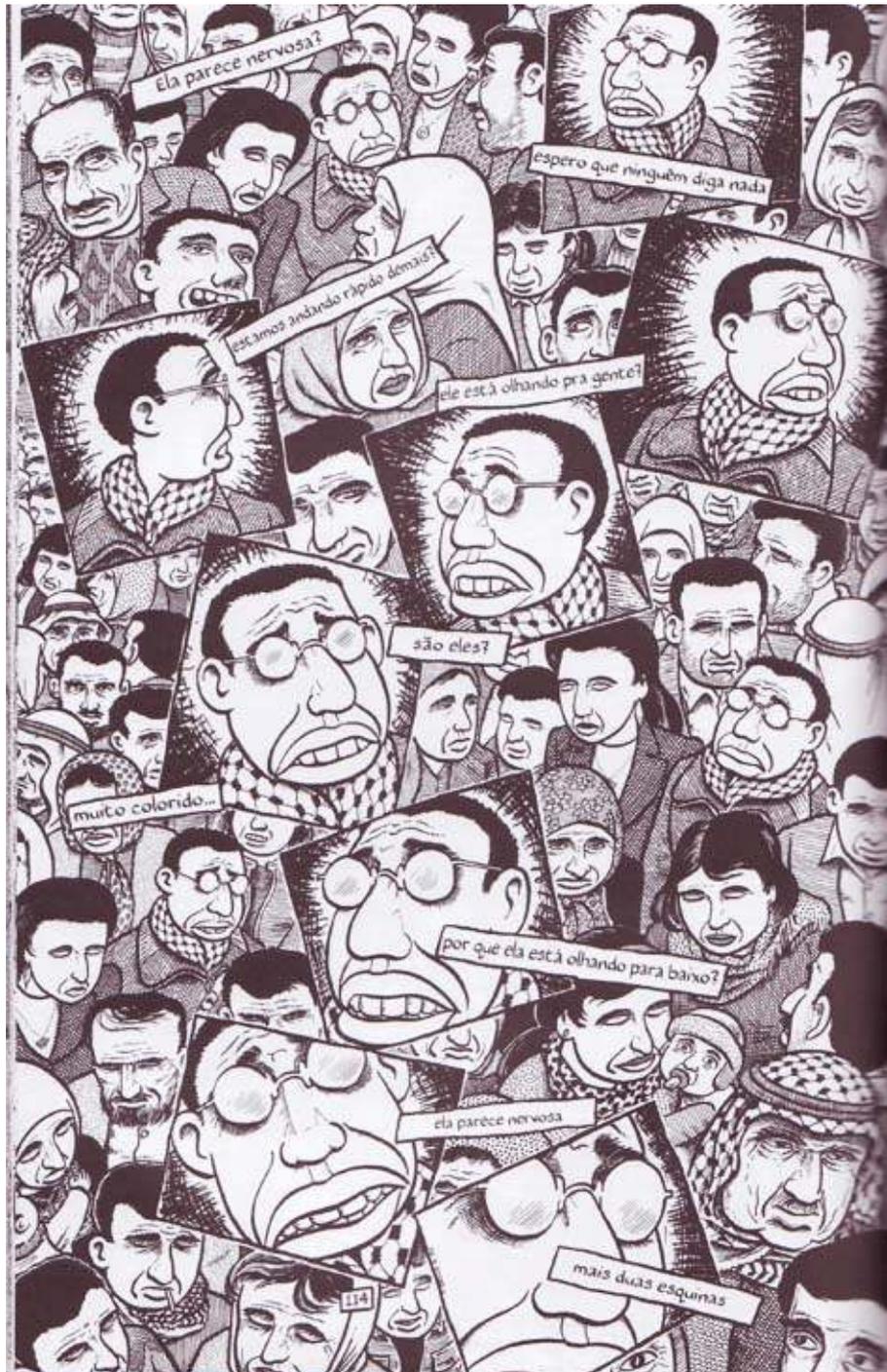
Ainda podemos citar a diagramação das histórias de Joe Sacco. Os quadros não estão em locais pré-determinados, nem possuem tamanho fixo – como nas tiras de jornal ou nos gibis mais antigos. Sacco exclui a sarjeta²⁹, mas não necessariamente impede que o leitor formule suas próprias conclusões sobre seus desenhos. Joe alterna quadros de página inteira com páginas com diagramação difusa, repleta de quadros em close de personagens e expressões, para deixar o leitor tão confuso quanto ele próprio na situação retratada.

Um dos aspectos importantes do quadrinho de página inteira é que planejar a decomposição do episódio e da ação em segmentos da página torna-se uma tarefa de primeira ordem. As páginas são a constante da narração da revista em quadrinhos. (...) a página tem de ser usada como uma unidade de contenção, embora ela também seja meramente uma parte do todo composta pela história em si³⁰

Um bom exemplo de quadro de página inteira de Joe Sacco pode ser observado na cena a seguir, retirada do livro *Palestina: Na Faixa de Gaza*, que mostra o medo e tensão de Joe Sacco em um mercado lotado em Jerusalém.

²⁹ “Sarjeta” é a denominação dada por fãs de quadrinhos ao espaço em branco entre os quadros. McCloud afirma que é na sarjeta que “a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma única ideia”

³⁰ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 63



2.2 Estudo de caso: como Joe Sacco se relaciona com a Guerra da Bósnia

Depois de publicar *Palestine* pela *Fantagraphics Books*, em 1993, Joe Sacco resolveu abordar outra complicada questão geopolítica: a Guerra da Bósnia. Diferente do conflito no Oriente Médio, a obra sobre a Guerra da Bósnia feita por Sacco é mais factual – por se tratar de um conflito declarado – e pode

ser compreendida como uma das ramificações da cobertura jornalística desta guerra. Entretanto, como não precisava respeitar alguns padrões das grandes mídias por ter um formato diferente dos outros - a HQ -, a obra de Joe Sacco sobre o tema se destacou ao dar voz àqueles que foram esquecidos pela cobertura internacional – como os moradores do pequeno enclave de Gorazde.

Tendo o modo de produção da notícia – dando ênfase ao duvidoso critério de escolha dos meios de comunicação para suas edições noticiosas e à apuração débil e apressada executada por profissionais da área ao se construir uma notícia – e a força das histórias em quadrinhos como meio de comunicação – por sua acessibilidade e riqueza técnica, ao unir imagens e palavras com grande liberdade e autonomia -, as HQs se estabelecem como uma alternativa no jornalismo. E o caso aqui estudado serão duas obras do jornalista maltês/norte-americano Joe Sacco: *Área de Segurança Gorazde e Uma História de Sarajevo*.

Joe Sacco viajou a Sarajevo e Gorazde no período final da guerra, próximo à assinatura do Acordo de Dayton – no dia 14 de dezembro de 1995. Mesmo com o clima amenizado pelo fim do conflito, a tensão era palpável, e Joe pôde coletar material suficiente para produzir os livros *Área de Segurança Gorazde e Uma História de Sarajevo*, além de outras histórias publicadas em *War's End: Profiles from Bosnia 1995-96*, pela editora *Drawn and Quarterly*, em 2005. Observando o rastro de destruição e morte que a guerra deixou aos povoados; Sacco conheceu sobreviventes e refugiados, ouviu suas trágicas histórias de perda e sobrevivência em meio a um conflito brutal e, por fim, pôde confirmar a omissão e ineficiência dos grandes meios de comunicação na cobertura jornalística feita nos Bálcãs. Leão Serva, que também esteve na Bósnia durante a guerra, afirma:

A versão jornalística dos fatos ocorridos nos Bálcãs, que os retrata como que em evolução permanente, que descarta suas raízes e seu contexto histórico, revela-se distante da verdade. E torna-se ainda mais excêntrica quando comparada com a imagem dos fatos que se produz nos Bálcãs. Para os autóctones, os fatos da guerra dos anos 90 são ocorrências renovadas de uma mesma história. Ou, como diz o leteiro no final de *Underground*, do bósnio-muçulmano que se denomina iugoslavo Emir Kusturica, no lugar do convencional 'The End': 'Esta história não tem fim'³¹

³¹ SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 126

O que chamava a atenção de Joe Sacco para o conflito nos Bálcãs eram as barbáries ali cometidas, além da complexidade estrutural desta guerra – composta por sérvios, croatas e bósnios, cada qual com sua religião e parceiros diferentes.

Parece que a verdadeira essência desta guerra foi de facto a tentativa de concretização desta ideia denominada <<limpeza étnica>>. (...) a <<limpeza étnica>>³² na antiga Jugoslávia não foi obviamente apenas motivada pelo ódio dos membros colectivos de um grupo em relação a outro grupo, ou grupos. Nem apenas pelo ódio colectivo de todos os grupos desta região em relação a um grupo. Em todos os casos, a <<limpeza étnica>> consistiu numa manifesta e objectiva intenção dos membros de um grupo étnico-nacional de eliminar todos os membros de outros grupos étnico-nacionais, mas nos territórios que estavam em disputa³³

Vale lembrar também que a Guerra da Bósnia foi o conflito armado mais duradouro em solo europeu depois da Segunda Guerra Mundial – a guerra na Bósnia começou no dia 5 de abril de 1992 e se alastrou até o dia 14 de dezembro de 1995, com a assinatura do Acordo de Dayton; foram pouco mais de três anos e oito meses de confrontos armados. Além da brutalidade em si do conflito, a limpeza étnica estava presente, com muitos estupros – estima-se que mais de 40.000 estupros tenham sido cometidos no período do conflito - e assassinatos de vilas inteiras, cujo maior exemplo é Srebrenica, palco de um massacre em 11 de julho de 1995 que vitimou 8.732 pessoas.

Desde o início dos conflitos armados na Jugoslávia, talvez mais de duzentos mil homens, mulheres e crianças, segundo algumas estatísticas, foram mortos nesta voraz e violenta conquista de territórios situados neste antigo país multi-étnico e federal. Mais de quatro milhões de pessoas que viviam na antiga federação jugoslava fundada por Tito – e que em 1991 contava com uma população de vinte e quatro milhões de habitantes – foram, de uma ou outra forma, forçadas a abandonar as suas casas para salvar suas vidas. Apenas menos de um terço da população total da antiga república central jugoslava da Bósnia-Herzegovina não foi obrigada a escapar da sua velha casa, em busca de segurança³⁴

³² A utilização de expressões entre o seguinte recurso gráfico (<<exemplo>>) foi mantida do original de Niksic e Rodrigues pela ausência de tradução exata para o português. Esta ausência de tradução exata se deve à ampla utilização deste recurso gráfico para emular outros recursos, como as aspas, parênteses e colchetes.

³³ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 11

³⁴ *Idem*, p. 11

Tendo estes fatores em vista, podemos questionar se a cobertura jornalística realizada na época da guerra foi realmente informativa, pois informações de pequenos enclaves e vilas eram desconhecidas à maioria. Apenas dados oficiais, número de mortos e outras informações meramente técnicas interessavam aos grandes meios. Durante a época do conflito o pensamento da imprensa era outro, e o lugar mais importante para todos era Sarajevo. Ninguém dava atenção a outros locais, até que fossem conquistados por algum dos lados a custo de milhares de vidas civis. Hitchens declara:

Os bósnios que encontramos nestas páginas não são heróicos – embora alguns sejam exemplares -, e suas ambições e necessidades são reconhecíveis em qualquer americano ou europeu. São traços reconhecíveis ao ponto de serem banais. Bem, então Joe Sacco parece dizer ‘você vai virar as costas ao extermínio de quem é tão semelhante às nossas próprias idiossincrasias desagradáveis?’ Ele não foi capaz de fazer isso em nenhum grau. Bom pra ele³⁵

Joe Sacco viu na Bósnia a oportunidade de manter o tom denunciativo/ crítico de seu trabalho no Oriente Médio, mostrando um lado oculto à maioria do público da mídia ocidental, polarizada para as informações oficiais e orientada pela ONU – entidade cuja participação no conflito é duramente criticada pelo jornalista.

Curiosamente, suas obras sobre a Guerra da Bósnia publicadas no Brasil sofrem com uma falta de atenção similar à do conflito ocorrido nos Bálcãs. Como poucos conhecem as obras *Área de Segurança Gorazde* e *Uma História de Sarajevo*, há pouquíssimos estudos e publicações sobre o trabalho de Joe Sacco na Bósnia, que ainda é desconhecido para a maior parte dos leitores e pesquisadores brasileiros.

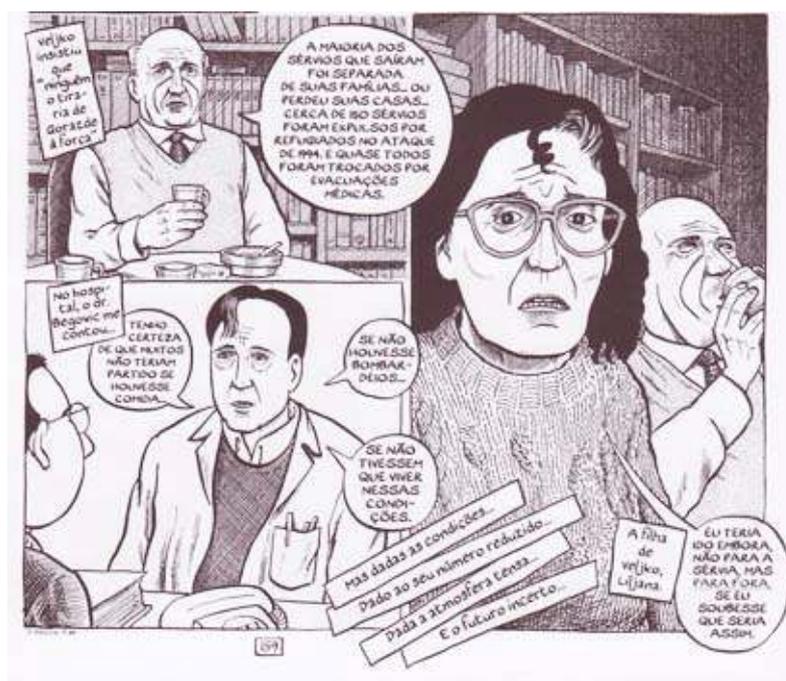
Na sociedade democrática não é possível retirar do receptor o poder de emissão, de produção de voz, por decreto, como em regimes autoritários. Então, esse processo é feito através de uma saturação dos canais de emissão – deixando ao consumidor, do outro lado, apenas o papel de receptor, ou, no máximo, de produtor de signos para uma distribuição tão desigual que receberá sempre uma atenção marginal (o que é ironicamente chamado de ‘mídia confidencial’, ou seja, o produto que, embora distribua conteúdos, tem um número inexpressivo de receptores³⁶

³⁵ HITCHENS, Introdução. In: Sacco (org.), *Área de Segurança Gorazde: A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995*. São Paulo: Conrad Editora, 2005, p.3

³⁶ SERVA, Leão. *Jornalismo e Desinformação*. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 81

Joe Sacco pesquisa as origens do conflito de forma diferenciada, e assim toma conhecimento do complicado relacionamento entre os três povos envolvidos no conflito: os bósnios, sérvios e croatas. Ao realizar suas duas obras sobre o tema, Joe Sacco contextualiza seu leitor de forma eficiente, mostrando a seu leitor quais são as verdadeiras cartas deste jogo, remontando as tensões da região, o governo mão de ferro do general Tito e a subsequente evolução dos fatos até a declaração de independência da Bósnia-Herzegovina, em 1992.

Sem se ater apenas a números e informações oficiais, Joe humaniza sua cobertura, ao conhecer as pessoas, ouvir o que estes sobreviventes viveram e viram durante o terrível conflito. De maneira contundente, o jornalista mostra que nem todos bósnios são inocentes, e nem todos sérvios concordam com o conflito étnico.



Ao ir além das informações oficiais e das coberturas das grandes agências de notícias, Joe Sacco mostra com sobriedade e autoridade a incompetência e demora das organizações internacionais – como ONU e OTAN – a tomar partido no conflito, e auxiliar aqueles que precisavam de ajuda. A presença dos “capacetes azuis” – denominação dada pela mídia aos voluntários da ONU na

Bósnia – foi alvo de críticas de muitos meios de comunicação por sua omissão no conflito.

Acusados de serem meras testemunhas do massacre que ocorria na região, os soldados da ONU e a OTAN só obtiveram permissão para pegar em armas no fim de 1995 – três anos depois do início do conflito. Principalmente em *Área de Segurança Gorazde* o jornalista mostra como milhares de bósnios foram abandonados à mercê de sérvios, mais bem armados e equipados, além de retratar a indecisão de organizações internacionais para entrar em ação.

Pelo facto de as inúmeras iniciativas dos políticos e diplomatas de diversos países que tentaram actuar como mediadores nesta complexa crise não terem atingido resultados satisfatórios, essa função acabou por ser efetuada por soldados. Mas uma vez que as forças internacionais, primeiro a ONU e depois a NATO [OTAN no português do Brasil], se envolveram na tentativa de tapar o <<buraco negro>> dos conflitos armados na região central dos Balcãs, também se coloca outra questão: o que estão a fazer, ou deverão fazer, os soldados estrangeiros colocados nesta região?³⁷

Joe faz uma dura crítica também à postura norte-americana no conflito, até satirizando a figura do presidente Bill Clinton e suas posições políticas perante a guerra em alguns momentos de “Área de Segurança: Gorazde”. Ao criticar o papel das organizações internacionais e dos Estados Unidos na Guerra da Bósnia, Joe remete à corriqueira postura norte-americana em problemas geopolíticos na Europa e no resto do mundo: se intrometer mesmo sem saber exatamente o posicionamento que deva ser tomado.

Mas o primeiro Estado moderno, enquanto <<casa comum>> para todas as nações desta região – o reino da Jugoslávia -, apenas foi formado no início do século XX. E foi praticamente formado sobre as ruínas das potências derrotadas na I Guerra Mundial. A sua composição assemelhava-se a um aglomerado de nações, religiões e regiões (...) tratou-se do primeiro envolvimento directo norte-americano nos problemas geo-estratégicos na Europa neste século³⁸

Somando-se todos estes fatores podemos perceber a importância do trabalho de Joe Sacco na Bósnia. Assim, urge a necessidade de um estudo

³⁷ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 14

³⁸ *Idem*, p. 22

aprofundado sobre seu trabalho como jornalista-quadrinista na região balcânica, para que se possa compreender plenamente o diferencial do trabalho de Sacco, e como ele se sobressai na já viciada cobertura jornalística. Além disso, soma-se à importância deste estudo a grandiosidade da Guerra da Bósnia, e como o conflito foi facilmente esquecido pela maior parte da sociedade, por falta de informações precisas sobre a guerra, graças a um trabalho tendencioso da mídia internacional no conflito nos Bálcãs.

Ao dar voz aos esquecidos pela maior parcela da mídia, Joe Sacco mexe em feridas, apresenta fatos cuja importância foi considerada irrelevante pelos grandes meios (quando eram tão importantes quanto números e notas oficiais) e mostra algumas causas do selvagem conflito. Serva constata:

Por fim, o mecanismo de eleição dos fatos mais e menos importantes, a própria essência da técnica de edição, impõe distorções também ao desenvolver uma espécie de ritmo de expansão e contração com a intenção de provocar surpresa, seguida de paulatino esquecimento e posterior renovação da surpresa. Mesmo (e ainda mais) quando uma notícia tem um desenvolvimento prolongado no tempo e seu desfecho terá necessariamente um tratamento destacado quando ocorrer, ainda assim ela tende a se reduzir paulatinamente até explodir novamente como uma surpresa. Esse procedimento não se deve a uma distorção do trabalho jornalístico; como vimos, ele é mesmo prescrito pelas normas, explícitas ou não, que dirigem a atividade jornalística³⁹

Joe Sacco informa quando a maioria da mídia internacional não o faz, e mostra que a culpa pelo desinteresse na Guerra da Bósnia é diretamente ligada ao papel da mídia. Por consequência, o quadrinho assim se torna uma alternativa no jornalismo, seja por mostrar inúmeras possibilidades técnicas para se montar a narrativa do fato abordado, seja por se mostrar mais democrático nas escolhas editoriais e nos critérios-notícia.

³⁹ SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 125

Capítulo 3 – Como a Iugoslávia ascendeu e ruuiu

Os povos eslavos que formavam a antiga Iugoslávia possuem mitologias nacionais tradicionais e estabelecidas. Durante séculos estes povos viveram sob domínio de grandes impérios, como o Turco-Otomano e Austro-Húngaro. Durante o período de dominação de nações mais poderosas, as identidades nacionais se mantiveram presentes, como forma de oposição ao domínio sofrido. Ao fim do século XIX, as lideranças intelectuais das diversas nacionalidades da região, como sérvios, croatas e bósnios indicavam que uma união destes povos eslavos em torno de uma grande nação poderia se tornar realidade, para assim instituir uma autonomia sócio-política mais igualitária aos povos envolvidos. Entretanto, com os acontecimentos que se seguiriam nas décadas seguintes, esta união se mostrou ineficiente e corrompida desde suas raízes.

No caso do reino da Iugoslávia, foi imediatamente visível desde o início que as bases, as fundações sobre as quais foi construído este país, eram substancialmente diferentes. E as razões das diversas nações desta região se juntarem num país comum, sobretudo entre as classes dominantes e as elites, também eram diferentes. Assim, a semente de turbulência que mais tarde culminou no drama jugoslavo, foi plantada no próprio início da realização deste projecto; numerosas alterações políticas e constitucionais posteriores apenas contribuíram para aprofundar a <<desestabilização>>, em vez de permitirem a consolidação do conceito multinacional, multicultural e multi-religioso da Iugoslávia⁴⁰

A primeira formação da antiga Iugoslávia, nação que uniria estes povos sob o mesmo território, se deu depois da I Guerra Mundial (1914-1918). Como já citado anteriormente, em meados do século XIX havia entre pensadores e elites culturais dos povos eslavos (croatas, sérvios e bósnios) o desejo de união territorial conjunta. Existiram conversas ao longo do século XIX entre os responsáveis políticos por estas nações, mas nunca se chegou a um acordo até então. Neste período houve a publicação de artigos e memorandos sobre o tema, como o Memorando de Gasaranin - primeiro documento sérvio sobre a unificação em torno da nação sérvia. Este documento se baseava em ideias que juntavam os povos eslavos do Sul (incluindo o norte da Albânia, Bósnia-Herzegovina,

⁴⁰ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Iugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 23

Croácia, Dalmácia e com estreitas ligações com a Bulgária), e unificavam língua, território e outros pontos. Este conjunto de ideias construiria uma nação iugoslava baseada ao redor de um Estado central sérvio. Estas conversas aconteceram ainda na primeira metade do século XIX - entretanto, a realização deste sonho só foi possível em 1918.

Mas o primeiro Estado moderno, enquanto <<casa comum>> para todas as nações desta região – o reino da Jugoslávia -, apenas foi formado no início do século XX. E foi praticamente formado sobre as ruínas das potências derrotadas na I Guerra Mundial. A sua composição assemelhava-se a um aglomerado de nações, religiões e regiões⁴¹

A concepção deste primeiro Estado Iugoslavo, denominado inicialmente de “Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos”, se realizou em 1º de dezembro de 1918 em Belgrado, na casa da família Krsmanovic. A dinastia sérvia dos Karadjordjevic conduziria o país recém-criado, nascido sob comum acordo de representantes da Croácia, Eslovênia e Sérvia. Dez anos depois, em 1928, a conjuntura política firmada por esta declaração formal assinada em Belgrado se desintegraria, em detrimento de constantes atritos políticos entre sérvios e croatas. Em 1929 o rei Alexander Karadjordjevic instaurou sua ditadura, e renomeou o então “Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos”: era fundado ali o “Reino da Iugoslávia”.

A primeira década da existência da Iugoslávia foi marcada pelas divergências dos croatas, que queriam se separar do resto do país. Em abril de 1939, o então primeiro-ministro Iugoslavo Dragisa Cvetkovic assinou uma resolução em conjunto com o presidente do Partido Camponês Croata Vlatko Macek que criava uma província croata separada, com direitos e estatuto constitucional específicos no interior do reino da Iugoslávia – era concedida autonomia à Croácia. Até este momento a fonte dos problemas políticos da região era a relação entre croatas e sérvios.

Durante a II Guerra Mundial (1939-1945) a Iugoslávia foi dividida entre as forças alemãs e italianas. Em 1943, o general croata Josip Broz Tito e os comunistas Iugoslavos fundavam a nova Iugoslávia, composta por seis repúblicas

⁴¹ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 22

ou Estados membros – Sérvia, Croácia, Eslovênia, Montenegro, Macedônia e Bósnia-Herzegovina. As conversas iniciais sobre a estruturação de uma nova Iugoslávia não incluíam a Bósnia-Herzegovina, por sua pluralidade étnica, religiosa e cultural, que destoava das outras cinco repúblicas.

Ao entrar nos planos de formação da Iugoslávia por Tito, a Bósnia-Herzegovina se tornou o melhor exemplo para os planos do general croata nesta nova nação iugoslava que se formava - principalmente por mostrar uma existência pacífica e respeitosa entre o caldeirão de etnias que habitavam a Bósnia-Herzegovina. Niksic e Rodrigues constataam:

Contudo, a Bósnia-Herzegovina foi, desde seu início, considerada diferente das restantes <<repúblicas>> jugoslavas, e encarada como uma espécie de <<pequena Jugoslávia>>, a região onde se praticava efectivamente a ideia de <<unidade e fraternidade>> formulada pelo próprio Tito⁴²

O posicionamento político do novo Estado iugoslavo, parte integrante da área de influência da socialista União Soviética, era inverso à idéia de pluralidade étnica, cultural e religiosa de Tito. A Iugoslávia era fortemente centralizada inicialmente, e a maioria das decisões importantes do país estava sob as mãos do general e do Partido Comunista da Iugoslávia, sob controle do general.

(...) apenas a mão ditatorial de Tito e do Partido Comunista da Jugoslávia (Liga dos Comunistas da Jugoslávia, LCJ, a partir de 1963) conseguiu manter unido este conjunto diverso de nações, religiões e regiões, apesar da sangrenta guerra civil que tinha ocorrido na Jugoslávia durante o segundo conflito mundial⁴³

Como se pôde reparar em outras nações comunistas ao longo da segunda metade do século XX, a centralização governamental ruiu gradativamente, e o governo de Tito sofreu fortes pressões internas e externas para a democratização. “Ao contrário da democratização real do país, geralmente considerada <<liberal>> e <<pró-ocidental>> pelo <<mundo comunista>>, decidiram iniciar gradualmente um amplo projecto de descentralização” (NIKSIC e RODRIGUES, 1996: 32).

⁴² NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 31

⁴³ *Idem*, p. 31

Esta descentralização não surtiu o efeito desejado pelo general, e acabou apenas encobrindo a crise sócio-política pela qual o país passava. O país era regido pela Liga dos Comunistas: não mais pelo governo central de Tito, mas por células locais e regionais dos Comunistas. Assim, nos anos 80, com a morte de Tito, os problemas estruturais começam a eclodir.

A forte descentralização da Jugoslávia, dirigida pelas filiais locais da Liga dos Comunistas, contribuiu em grande medida para encobrir a profunda crise política e social durante a década de 80, após a morte de Tito – apesar de também ter contribuído para provocar novos e graves problemas, devido ao comportamento muitas vezes irracional dos chefes locais do partido⁴⁴

A Iugoslávia trilhava a largos passos sua autodestruição, com um panorama sócio-político sob constante tensão. Sem Tito, que a duras penas mantinha o país unificado, têm início as ideias nacionalistas em cada uma das diferentes repúblicas. No livro *O Vírus Balcânico – O Caso da Jugoslávia*, os jornalistas Stevan Niksic e Pedro Caldeira Rodrigues especulam que o acontecimento mais importante para a destruição da Iugoslávia aconteceu no dia 16 de setembro de 1985, quando as elites culturais e nacionais de Sérvia e Eslovênia se reuniram secretamente em um restaurante em Ljubljana, capital eslovena. O encontro, simbolicamente denominado de “Mrak” – traduzido para o português como “Ecuridão” -, deu início à postura nacionalista/ separatista das duas repúblicas diante do governo iugoslavo. Isso mostrava o forte poder de influência que as elites intelectuais e culturais tinham no país.

Nesta região da Europa, a influência das elites políticas e intelectuais, quer as legítimas que as autoproclamadas, tem-se tornado em muitas situações mais importante e decisiva que a própria influência das instituições do próprio sistema, como os parlamentos ou os partidos políticos. (...) Esta característica também tem a sua explicação histórica. Pelo facto de durante vários séculos, em pleno domínio dos Impérios Otomano e Austro-Húngaro, as nações jugoslavas não terem tido a possibilidade de concretizar a sua identidade colectiva por meios políticos, faziam-no sobretudo através da religião, língua, cultura ou mitologia nacional⁴⁵

⁴⁴ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 32

⁴⁵ *Idem*, p. 33

Após a reunião, os sérvios lançaram o famoso *Memorandum*, que defendia a separação sérvia da Iugoslávia, e os eslovenos lançaram uma série de reportagens especiais na *Nova Revija* (influyente revista eslovena) fomentando debates e posicionamentos acerca de políticas nacionalistas. Com estas duas publicações as outras etnias também começaram a publicar textos de teor similar, defendendo políticas nacionalistas e a separação da Iugoslávia.

Um simples e inquestionável facto é que a contestação aberta e directa da Iugoslávia enquanto Estado comum de diferentes nações (...) foi desencadeada inicialmente através de uma acção coordenada das elites nacionais sérvia e eslovena. Ambas proclamaram a sua <<insatisfação com a posição das suas nações no Estado comum>> (...): os eslovenos, os mais pequenos e com o melhor nível de vida. Os sérvios, os mais numerosos e uma das mais pobres nações de toda a Iugoslávia⁴⁶

Cada república viu a ascensão de políticos e lideranças que defendiam com veemência o nacionalismo, como o croata Franjo Tudjman e o bósnio Alija Izetbegovic. A Iugoslávia via cada vez mais perto seu fim como nação unificada. Enquanto a tensão aumentava e as massas aderiam a este nacionalismo, o povo iugoslavo via-se cada vez mais ameaçado. Niksic e Rodrigues destacam:

Tornou-se então óbvio que a <<opção étnica>> de cada indivíduo poderia ser de importância vital para os dias futuros. Mas nessa Iugoslávia, poucas pessoas tinham ainda compreendido que declarar-se sérvio, croata ou muçulmano poderia tornar-se muito em breve numa questão de vida ou de morte⁴⁷

As eleições de 1990 refletiram a ascensão nacionalista: a maioria dos líderes das diferentes repúblicas foi eleita e apoiada por grande parte das populações de suas respectivas nações, como o sérvio Slobodan Milosevic, Tudjman e o Izetbegovic. Milosevic, eleito presidente da Iugoslávia, começou a colocar em prática os interesses sérvios, como a anulação do acordo de 1960 que garantia a independência de Kosovo. A situação se agravou ainda mais com a queda da União Soviética em 1991, nação que exercia grande influência na Iugoslávia e nos outros países do bloco socialista europeu.

⁴⁶ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Iugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 35

⁴⁷ *Idem*, p. 38

Vale destacar que não era apenas o governo centralizador e autoritário de Tito que mantinha os nacionalismos controlados, pois o comunismo também exercia papel fundamental na união entre estes povos tão diferentes. Por suas características centralizadoras, o comunismo na Iugoslávia manteve as fervuras nacionalistas sob controle, pois o Estado central tinha grande poder sob as etnias, pensadores e lideranças que poderiam incitar de forma ainda mais veemente o discurso nacionalista e separatista. Com a derrocada da União Soviética e do socialismo, as minorias conseguiram espaço para que os diferentes nacionalismos pudessem ganhar ainda mais poder, acelerando de maneira perigosa este processo de separação iugoslavo. Os conflitos eclodiram ainda em 1991, com a declaração de independência da Eslovênia. Era decretado o fim da Iugoslávia como Tito a concebera.

3.1 Quando vizinhos não se cumprimentam mais

A partir da declaração de independência eslovena em 1991, as outras repúblicas iugoslavas se vêem no dilema de permanecerem juntas - e por conseqüência apaziguarem e controlarem seus nacionalismos - ou trilharem o mesmo rumo esloveno - e se prepararem para um inevitável conflito armado. Os eslovenos seguiram o conceito de “direito de uma nação à autodeterminação”, determinado pela ONU como uma das máximas irrevogáveis da democracia. Este conceito criava um grave precedente para estas repúblicas iugoslavas, e uma complicada questão sócio-política para a comunidade internacional.

Se um Estado multi-étnico e multicultural como a Jugoslávia, um Estado soberano e co-fundador da ONU (...), deveria deixar simplesmente de existir devido aos desejos de uma das suas nações em utilizar o seu direito próprio à autodeterminação, por todos os meios e a qualquer preço, qual seria a verdadeira base legal da comunidade internacional para proteger a existência de outro Estado multi-étnico e multicultural, em contradição com os desejos das comunidades étnicas no interior das suas fronteiras, que tentavam o caminho da secessão? Como era o caso da Bósnia-Herzegovina... Porquê <<defender>> a Bósnia-Herzegovina e não a Jugoslávia?⁴⁸

⁴⁸ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 41

A questão eslovena escancarava o problema constitucional na Iugoslávia, que não possuía uma jurisdição-base para o processo de nacionalização de suas repúblicas. De forma brutal, cada república indagava seu direito à autodeterminação, o que extenuava esta nova e grave crise sócio-política. Os fatores desta questão apontavam cada vez mais para um possível conflito armado entre as repúblicas iugoslavas, pois, por exemplo, segundo o *Memorandum*, a nova Sérvia deveria englobar todos os territórios onde houvesse maioria étnica sérvia, mesmo que estas áreas não fizessem parte da atual área de governo sérvia.

Dez dias depois do primeiro tiro na Eslovênia o governo iugoslavo retira suas forças armadas da Eslovênia. O representante croata na presidência da Iugoslávia na época, Stjepan Mesic, temia que o novo centro da crise se tornasse a Croácia.

Houve um impasse quanto ao destino do restante das Forças Armadas iugoslavas em Belgrado: existia uma forte corrente governista que defendia a instalação destas forças nas supostas fronteiras da antiga Iugoslávia - compreendendo o território da Sérvia, Montenegro, Bósnia-Herzegovina, Macedônia e parte da Croácia. Enquanto isso, os embates entre sérvios e croatas se intensificavam internamente, e forçavam o lado croata a tomar alguma decisão quanto à separação ou não da Iugoslávia.

(...) era óbvio que a Croácia seria praticamente obrigada a fazer o mesmo [que a Eslovênia]. Imediatamente e sem hesitação. <<Não permaneceremos nem mais um dia na Jugoslávia se a Eslovênia sair>>, tinha afirmado Stipe Mesic, representante da Croácia na presidência colegial⁴⁹

Em 1991 a Croácia adotou uma nova Constituição, que declarava a república como “um Estado nacional do povo croata”, contrariando as antigas bases, que determinavam o território como base do povo croata e sérvio. Franjo Tudjman, eleito presidente pelo povo croata em 1990, era também o representante máximo do partido HDZ, que defendia o nacionalismo croata na região. Com a nova constituição os sérvios locais - cuja presença data de séculos antes do governo iugoslavo de Tito - começaram a defender sua autonomia, e

⁴⁹ *Idem*, p. 41

contavam com o apoio do Exército Popular Iugoslavo (JNA) e de unidades paramilitares da Sérvia – tal qual aconteceria posteriormente na Bósnia-Herzegovina.

No dia 25 de junho de 1991 a Croácia declarava sua independência, e isto agrava a situação política na Iugoslávia. Ao mesmo tempo, intensificam-se as conversas em outras repúblicas sobre a separação da Iugoslávia, como no caso da Macedônia – que proclama sua independência no dia 15 de setembro do mesmo ano.

Nos dias 15 e 16 de dezembro de 1991 a Comunidade Europeia, sob forte pressão do governo alemão – alinhado ao lado croata -, reconhecia as independências de Eslovênia e Croácia. A decisão enfureceu Sérvia e Montenegro, que se alinharam politicamente e mantiveram a bandeira iugoslava. A partir daí os conflitos armados aumentam na Croácia, e a guerra na Iugoslávia se torna cada vez mais próxima.

Como a Bósnia-Herzegovina se caracterizava como uma república multi-étnica, vale citar o breve período político anterior à guerra, que chegou ao território bósnio-herzegovino em 1992. Como nas outras repúblicas iugoslavas, as eleições multi-partidárias de 1990 confirmaram a ascensão dos nacionalismos na Bósnia-Herzegovina. Como a Bósnia-Herzegovina se caracterizava como uma república multi-étnica, as três etnias mais poderosas dominaram o resultado das urnas: sérvios, croatas e muçulmanos. O SDA de Izetbegovic conseguiu 86 lugares no parlamento; o Partido Democrático Sérvio (SDS), de Radovan Karadzic, obteve 72 lugares; por fim, os croatas votaram massivamente no HDZ, representante na Bósnia-Herzegovina do partido de Franjo Tudjman na Croácia, que obteve 44 lugares de um total de 240 assentos do Parlamento.

Tratou-se de facto de um importante teste para avaliar a cultura política e a consciência política de uma sociedade, e que afinal produziu resultados desastrosos: mais de oitenta por cento de todos os muçulmanos, sérvios e croatas da Bósnia-Herzegovina não entenderam estas primeiras eleições como uma hipótese de optar entre diversos programas e alternativas políticas, mas apenas como uma oportunidade para declarar a sua identidade nacional, afinal já determinada pelo nascimento⁵⁰

⁵⁰ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 76-77

Com os lados devidamente posicionados, as ambições começaram a se revelar: a maioria dos muçulmanos bósnios desejava uma Bósnia-Herzegovina fortemente centralizada, unitária e sob seu domínio. Os sérvios desejavam a divisão da Bósnia, e a união dos territórios bósnio-sérvios à Sérvia, contando com o apoio de Belgrado, da Rússia e de outros países cristãos ortodoxos. Já os croatas desejavam a anexação completa do território bósnio-herzegovino pela Croácia, com apoio da Alemanha e do Vaticano – graças ao alinhamento pelo catolicismo –, e se utilizariam do inimigo em comum (os sérvios) para manipular a população muçulmana a favor de suas aspirações.

Em 1991 foi decidido que a Bósnia-Herzegovina teria um governo de coligação entre as três grandes etnias, vencedoras da eleição em 1990. Alija Izetbegovic assume como o primeiro Presidente da Presidência Colegial, após a desistência do candidato eleito pelo SDA, Fikret Abdic - Abdic depois comandou um levante durante a guerra contra os bósnios muçulmanos e autoridades de Sarajevo. Pelos sérvios, Nikola Koljevic e Biljana Plavsic eram os representantes, e Stepan Kljuic defenderia os interesses croatas – Kljuic seria substituído ao final de 1991 por Mate Boban, membro da ala ultranacionalista do HDZ. “Esta difícil coligação dos três partidos nacionais da Bósnia-Herzegovina apenas sobreviveu durante cerca de um ano. Com a Jugoslávia a soçobrar de forma dramática, a Bósnia-Herzegovina enfrentava seu maior desafio” (NIKSIC e RODRIGUES, 1996: 78).

Em 27 de fevereiro de 1991 Alija Izetbegovic, como Presidente da Presidência Colegial da Bósnia-Herzegovina, realizou seu movimento decisivo para a independência do país. Ao declarar no parlamento que estaria disposto a sacrificar a paz pela soberania da Bósnia-Herzegovina, a ala sérvia do parlamento compreendeu o discurso como um grito de guerra. Muitos discutiram e afirmavam que Izetbegovic não estava muito seguro de sua decisão à época, mesmo tendo o apoio da ala croata no parlamento.

O próprio Izetbegovic confessou mais tarde que, dez meses antes de a Bósnia-Herzegovina ser reconhecida como um Estado soberano e independente, o partido muçulmano bósnio SDA formou a sua própria ala militar e a construção das suas Forças Armadas, denominadas <<Liga Patriótica>>, também conhecidas por <<boinas verdes>>. Assim, e seguindo exactamente os mesmos passos efectuados pelos outros líderes

nacionais da antiga Jugoslávia, Izetbegovic iniciou de imediato os preparativos para uma guerra, destinada à concretização do seu sonho⁵¹

Ainda em dezembro de 1991, Izetbegovic prevê dificuldades em manter a unidade bósnio-herzegovina e requisita a presença de “capacetes azuis” – forças de paz da ONU – no país. Porém o pedido não é atendido, e o conflito se torna eminente.

Houve duas grandes propostas, elaboradas para “adiar” um pouco mais os inevitáveis conflitos: a “Iniciativa Izetbegovic-Gligorov” – elaborada pelos líderes bósnio-herzegovino e macedônio, que defendia a federação iugoslava como uma união de Estados soberanos, tal qual à Comunidade de Estados Independentes (CEI), da antiga União Soviética – e a “Iniciativa de Belgrado” – proposta pelo Presidente da Sérvia, Slobodan Milosevic, que defendia a manutenção da Bósnia-Herzegovina no território iugoslavo, sem a presença de Croácia e Eslovênia. Entretanto, a primeira iniciativa foi rechaçada por Eslovênia, Croácia e Sérvia, enquanto a segunda teve forte oposição do SDA e do HDZ, dentro da própria Bósnia-Herzegovina - o que impediu até um possível encontro entre Izetbegovic e Milosevic para discutir a ideia.

Parece contudo que Izetbegovic suspeitou desta proposta, pelo facto de os seus compatriotas muçulmanos permanecerem uma minoria nesta nova fórmula, que também o privava do habitual apoio dos eslovenos, croatas e macedônios, tradicionalmente opositores à ideia de domínio sérvio da Jugoslávia. Assim, optou por defender um Estado totalmente independente para a Bósnia-Herzegovina, onde os muçulmanos bósnios poderiam pelo menos constituir uma maioria relativa⁵²

Dentro do parlamento bósnio-herzegovino as pressões aumentavam gradativamente pela escolha de uma das iniciativas propostas, até que no dia 15 de outubro de 1991 os deputados sérvios abandonam o governo; por consequência, os deputados do HDZ e do SDA votaram de imediato a favor da soberania da Bósnia-Herzegovina e rejeitaram a “Iniciativa de Belgrado”. Em meados de novembro do mesmo ano os deputados sérvios foram convocados pela recém-criada Assembleia da Nação Sérvia, e declaram a República Sérvia

⁵¹ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 79

⁵² *Idem*, p. 80

da Bósnia-Herzegovina – República *Sprska*. A nova república se declarava também parte integrante da federação iugoslava, e se tornaria efetiva a partir da data de reconhecimento internacional da autonomia bósnio-herzegovina.

Em 1992, com a União Europeia já sob comando português – Portugal assumira a presidência rotativa da União Europeia no dia 1º de janeiro do mesmo ano -, foi assinado no dia 19 de março pelos três grandes líderes da Bósnia-Herzegovina (Izetbegovic, Karadzic e Boban) um plano que reconhecia a existência de fronteiras externas no país, e que propunha a formação de unidades territoriais no interior da república. Mas logo após a assinatura, Izetbegovic mudou de opinião e decidiu rejeitar a validade do documento. O diplomata português José Cutileiro e o britânico Lord Peter Carrington, que mediam conversas entre os três líderes, afirmaram publicamente que o acordo assinado não tinha o consenso de Washington; ao mesmo tempo, o jornalista norte-americano David Blinder, do New York Times, revelou que o embaixador dos EUA na Iugoslávia, Warren Zimmermann, havia influenciado Izetbegovic a desistir da proposta assinada.

Em março do mesmo ano era votado um referendo acerca da independência da Bósnia-Herzegovina: os sérvios, que somavam 32% da população da Bósnia, boicotam as votações; mesmo assim, muçulmanos e croatas aprovaram a independência. A crise em território bósnio culminou com o assassinato de um cidadão sérvio num casamento ortodoxo em Sarajevo, durante a primavera de 1992 (ilustração abaixo). A guerra chegava a Sarajevo, capital bósnia, quando barricadas começavam a ser montadas pelos sérvio bósnios.



No dia 5 de abril começava de fato a guerra em Sarajevo, com a morte da estudante de medicina Sueda Dilberovic, de 21 anos. Ela era uma das

manifestantes em uma passeata contra a guerra que passou em frente ao quartel general do líder sérvio bósnio Radovan Karadzic – instalado no hotel Holiday Inn. Karadzic, que sempre negou responsabilidade pelo disparo contra a estudante, avisava que se a Bósnia-Herzegovina conseguisse reconhecimento como Estado soberano, a guerra teria início imediatamente.

(...) [Karadzic] avisou em simultâneo que caso a Bósnia-Herzegovina conseguisse ser reconhecida internacionalmente como Estado soberano, não duraria mais de um dia. Na tarde de 6 de abril de 1992, a CEE [União Europeia] reconheceu a Bósnia-Herzegovina, e no dia seguinte seguiu-se a vez dos Estados Unidos. Karadzic manteve a sua palavra. E a guerra começou⁵³

Stevan Niksic e Pedro Caldeira Rodrigues mostram uma interessante declaração de Lord Carrington acerca do que ele acredita ter sido o erro diplomático que causou a guerra na Bósnia. Segundo Carrington, o reconhecimento internacional da independência da Bósnia-Herzegovina se mostrou um equívoco, pois o momento não era o correto. Carrington afirma que o acordo entre Sérvia e Croácia durante a conferência de paz em Haia acerca de uma autonomia sérvia em determinados territórios croatas forçou o desinteresse da Croácia em seguir nas negociações de outras repúblicas. Ao mesmo tempo, se tornava obrigação oferecer o reconhecimento de autonomia para as outras repúblicas, como era o caso da Bósnia-Herzegovina.

(...) 'Esta espécie de oferta à Bósnia-Herzegovina, antes de ter sido alcançado qualquer espécie de acordo constitucional entre as três partes, não era apenas contrária à Constituição deste país, mas provocaria inevitavelmente uma sangrenta guerra civil', afirmou Lord Carrington⁵⁴

Sarajevo estava sob cerco sérvio, e os conflitos armados se intensificaram pelo território bósnio-herzegovino. Ao mesmo tempo, a Comunidade Europeia vê acordos de cessar-fogo e tréguas sendo desrespeitados continuamente, e o impasse entre as partes só aumenta.

A Guerra da Bósnia teve constantes reviravoltas políticas em seus bastidores. No começo, as forças armadas bósnias desejavam expulsar o JNA

⁵³ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 83

⁵⁴ *Idem*, p. 83

(exército iugoslavo, sob comando sérvio) do território da república. Entretanto, como os sérvios bósnios tinham melhor armamento – com parte do arsenal do JNA e artilharia pesada - logo no início do conflito, mais de setenta por cento do território da Bósnia-Herzegovina ficou sob seu controle. Com deficiências em seu arsenal, o governo bósnio-herzegovino tentou provocar uma intervenção internacional.

Pelo facto de os sérvios bósnios (...) terem conseguido controlar no início mais de setenta por cento do território da Bósnia-Herzegovina, enquanto as forças governamentais sofriam de grande escassez de armamento, sobretudo artilharia pesada, o principal objectivo estratégico da liderança de Sarajevo foi tentar provocar uma intervenção internacional. Com o objectivo de garantir essa desejável intervenção, não hesitaram mesmo em atacar as forças de paz das Nações Unidas, por diversas formas⁵⁵

O maior prejudicado pelos jogos de poder que as três etnias travavam foi o povo da Bósnia-Herzegovina. As estatísticas variam entre duzentos e duzentos e cinqüenta mil mortos durante toda a guerra na Bósnia, e números próximos a um milhão de feridos - sem contabilizarmos desabrigados e refugiados de guerra.

Com o decorrer do tempo, o conflito entre apenas dois exércitos, o dos sérvios bósnios contra as forças conjuntas do exército muçulmano da Bósnia-Herzegovina (Armija) e do Conselho de Defesa croata (HVO), transformou-se numa complicada guerra entre três beligerantes, onde todos estavam contra todos, incluindo muçulmanos contra muçulmanos no enclave de Bihac⁵⁶

O principal líder sérvio bósnio no período era Radovan Karadzic. Em comparação aos outros grandes líderes étnicos da Guerra da Bósnia, Karadzic tinha características muito peculiares. Anticomunista desde os tempos de Tito, Radovan também sempre foi um fervoroso nacionalista sérvio, e mantinha estreitas ligações com a igreja ortodoxa - ao contrário do líder sérvio Slobodan Milosevic. Psiquiatra de formação, até 1990 Karadzic não tinha envolvimento na política, mas acaba se tornando uma importante figura do conflito: herói para os sérvios bósnios, e um dos maiores criminosos de guerra para o resto do mundo – ele foi o primeiro grande nome a estar em voga no Tribunal Penal Internacional

⁵⁵ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 83-84

⁵⁶ *Idem*, p. 84

das Nações Unidas em Haia, na Holanda, sobre os crimes de guerra cometidos na Guerra da Bósnia, ao lado do general militar Ratko Mladic (comandante militar dos sérvios bósnios) – Ratko não foi capturado até hoje.

Em 1989, após a criação do HDZ (Comunidade Democrática Croata) por Franjo Tudjman, surgiram conversas para a criação do Partido Democrático Sérvio (SDS) em Knin, uma espécie de capital sérvia na Croácia. Seu fundador foi o também psiquiatra Jovan Raskovic, popular entre os sérvios da Croácia. Raskovic e seus seguidores decidiram criar uma ramificação do partido na Bósnia-Herzegovina e, com a recusa de outros nomes pretendidos, Karadzic foi o nome escolhido para conduzir o partido político sérvio em Sarajevo.

Desde o nascimento do SDS, Karadzic deixou suas ideias e crenças políticas bem claras: acreditava que o povo sérvio havia sido deveras humilhado até então, e que era seu direito se reunir e recuperar toda sua grandiosidade e poder. Assim, no Congresso de fundação do SDS em Sarajevo, perante seu mentor Raskovic e seu adversário muçulmano Izetbegovic, Radovan afirmou que o povo sérvio deveria possuir direitos econômicos, culturais e religiosos iguais aos dos outros povos da república da Bósnia-Herzegovina.

A escolha pelo voto paritário para as eleições gerais havia sido feita, e sérvios bósnios e croatas bósnios sabiam que suas decisões seriam derrotadas pela maioria muçulmana nas urnas. Karadzic e os sérvios bósnios do SDS se convenceram que neste sistema político não haveria qualquer possibilidade da existência de um Estado multi-étnico. Niksic e Rodrigues afirmam:

Na sua perspectiva, a ideia de um Estado multi-étnico, multicultural e multi-religioso na Bósnia-Herzegovina, a ideia de uma vida em comum com as outras comunidades ou grupos étnicos, culturais e religiosos, era simplesmente idêntica a uma <<ilusão comunista>>, uma <<fórmula artificial>> que tinha desaparecido juntamente com o comunismo. Neste aspecto, também estavam convencidos que o objectivo de uma Bósnia-Herzegovina independente (...) apenas poderia ser alcançado através da força. E tornaram-se obcecados em também resistir pela força, com o objectivo de fundar um Estado nacional sérvio no caso de declaração de independência da Bósnia-Herzegovina⁵⁷

⁵⁷ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 119

Com a comunidade internacional defendendo os processos de separação das diferentes repúblicas iugoslavas ao mesmo tempo em que defendia a integridade territorial da Bósnia-Herzegovina, Karadzic se viu acuado. Internamente, seu confronto era com os muçulmanos, dispostos a defender uma Bósnia independente, centrada no islamismo; no exterior, as grandes potências não aceitavam a divisão da Bósnia-Herzegovina em linhas étnicas; por fim, o confronto que ainda viria seria com Slobodan Milosevic e seu governo na Sérvia, que ainda iria ser visto como traidor nacional e comunista por ter voltado suas costas à Karadzic e aliados. Então, Karadzic decide empreender sua guerra contra tudo e todos. Niksic e Rodrigues lembram:

Esta decisão – escolher se necessário o caminho da confrontação com as principais potências mundiais em vez de sacrificar as suas crenças e convicções, mesmo que erradas – depressa transformou Karadzic numa espécie de <<herói mítico>> para muitos sérvios. Mesmo para os sérvios que não partilhavam as suas perspectivas nacionalistas radicais, ou que não partilhavam necessariamente as suas atitudes anti-comunistas radicais, ou que acusavam o seu exército de ter praticado os piores crimes de guerra na Bósnia-Herzegovina (...), Karadzic passou a ser considerado como o herói mais trágico de toda a crise na antiga Jugoslávia⁵⁸

Uma das primeiras demonstrações da agressividade de Karadzic pôde ser vista na crise na Croácia, em 1991. Ao invés de trabalhar para que os ânimos na região se acalmem, ele decide se preparar para uma guerra “sangrenta” – mostrando que não tinha medo de qualquer conflito.

A sua resposta e sua reacção foram, pelo contrário, as mais simples e brutais que se possam imaginar: se querem guerra, terão uma guerra, mas uma guerra verdadeiramente sangrenta – foi de facto o que afirmou Karadzic de forma quase directa⁵⁹

Karadzic continuaria a dar provas de suas intenções na Bósnia-Herzegovina. Em sessão do parlamento no dia 15 de outubro de 1991 Karadzic intimida Izetbegovic e todos os muçulmanos, avisando que, se houvesse qualquer decisão que desagradasse os sérvios, uma sangrenta guerra civil teria início.

⁵⁸ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 120

⁵⁹ *Idem*, p. 122

(...) ao discursar <<em nome de toda a nação>>, um <<líder nacional>> (Karadzic) dirigia-se a outro <<líder nacional>> (Izetbegovic), e avisava-o - <<se fizer o que não deve, conduzirei a minha nação numa guerra contra a sua nação, e a sua nação acabará por ser eliminada!>>⁶⁰

Com o incidente já citado anteriormente, no qual um civil sérvio foi morto durante uma festa de casamento em Sarajevo, Izetbegovic ignorou as tentativas de diálogo com Karadzic; assim, Radovan ordenou que seus homens construíssem barricadas por toda a capital, que ficou completamente bloqueada. A partir daí, o líder sérvio bósnio empreendeu sua grande ofensiva contra as forças muçulmanas e croatas bósnias, amparado pelo governo sérvio de Slobodan Milosevic.

As milícias formadas pelo governo bósnio muçulmano desempenharam papel importante na Guerra da Bósnia. Devido aos sucessivos embargos bélicos impostos pela ONU aos envolvidos na guerra, e pelo domínio sérvio bósnio no território – as forças de Karadzic chegaram a controlar mais de 70% do território da Bósnia-Herzegovina durante a guerra -, Izetbegovic precisou do apoio de países muçulmanos para consolidar suas forças de defesa diante das forças inimigas, e de milícias armadas comandadas por não-militares – como as apresentadas por Joe Sacco em *Uma História de Sarajevo*. Além disso, sabe-se que houve apoio dos *Mujahideen* – guerrilheiros fanáticos islâmicos – aos muçulmanos, além de soldados iranianos que lutaram pelos muçulmanos bósnios.

O resultado destas complicadas relações sócio-políticas entre os envolvidos pôde ser observado no conflito armado que caracterizou a Guerra da Bósnia. As forças de Karadzic tentavam avançar e conquistar cada vez mais territórios na Bósnia-Herzegovina; Izetbegovic e os bosníacos (denominação utilizada por Izetbegovic para se referir aos muçulmanos bósnios) tentavam defender o território bósnio com auxílio bélico de nações islâmicas (como o Irã) para o Exército Muçulmano da Bósnia-Herzegovina (Armija), ao mesmo tempo em que reforçava o poder das milícias paramilitares; por fim, os croatas bósnios constantemente alteravam suas posições políticas – existiam territórios onde muçulmanos e croatas bósnios batalhavam juntos, e outros onde se enfrentavam -, e o Conselho de Defesa Croata (HVO) lutava em diversas frentes de batalha.

⁶⁰ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 122

Com o decorrer do tempo, o conflito entre apenas dois exércitos, o dos sérvios bósnios contra as forças conjuntas do exército muçulmano da Bósnia-Herzegovina (Armija) e do Conselho de Defesa croata (HVO), transformou-se numa complicada guerra entre três beligerantes, onde todos estavam contra todos, incluindo muçulmanos contra muçulmanos no enclave de Bihac.⁶¹

Com superioridade bélica e apoio de Milosevic durante a maior parte do conflito, os sérvios bósnios obtiveram mais conquistas territoriais ao longo da Guerra da Bósnia. Mais bem municiados, os comandados de Radovan Karadzic impuseram severas derrotas aos muçulmanos e croatas bósnios. Entretanto, a força sérvia bósnia começou a se enfraquecer quando Karadzic se viu acuado por diversos lados – já citados anteriormente -, e principalmente pela suspensão do apoio providenciado por Milosevic.

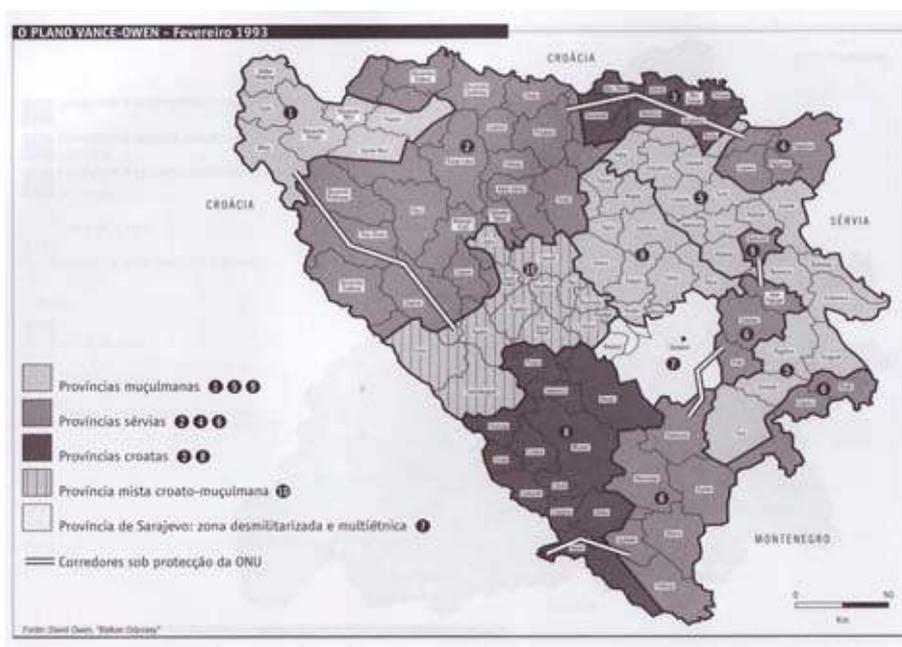
Para se tornar bem-sucedido em seu objetivo de domínio sérvio na Bósnia-Herzegovina, Karadzic fez o máximo que pôde em diversas frentes, como a militar e a política. Durante a guerra houve várias tentativas para que os conflitos terminassem. Nestes casos Karadzic manteve sua posição radical e intransigente, resultado de uma vaidade “ferida” pelos outros líderes bósnios. Depois de rugas e dificuldades diplomáticas com Slobodan Milosevic, Karadzic fez jogo duplo em várias negociações de paz conduzidas pela ONU.

Exemplo da atuação diplomática ambígua de Karadzic pode ser observado no plano Vance-Owen, proposto em janeiro de 1993. Este plano propunha a divisão da Bósnia-Herzegovina em dez províncias com forte autonomia face ao governo central - nesta época os sérvios bósnios controlavam 70% do território da Bósnia-Herzegovina. Karadzic aceitou os novos princípios constitucionais do plano, mas rejeitava os mapas propostos em Vance-Owen; com isso, Radovan achava que não ficaria marcado como “o líder que rejeitou as tentativas de paz”, ao mesmo tempo em que não perderia o controle dos territórios já conquistados por suas forças militares. Por fim, Izetbegovic assinou todos os documentos de Vance-Owen – para refutá-lo logo em seguida -, enquanto Karadzic não o fez, rejeitando o conjunto do plano.

⁶¹ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 84

Com sua atuação dúbia nas já estremecidas relações diplomáticas na Bósnia-Herzegovina, Karadzic conquistou a ira daquele que deveria ser seu maior aliado, o líder sérvio Slobodan Milosevic. Ao rejeitar a proposta Vance-Owen depois de inúmeros esforços de Milosevic para que a mesma fosse assinada, Karadzic se tornou um inimigo do regime sérvio. Com esforços de Milosevic e seus meios de comunicação em Belgrado - que apontavam Radovan como um “aventureiro que colocava a nação sérvia em risco” - e Karadzic - com um referendo público que rejeitava o plano Vance-Owen, mostrando uma “moção de censura” contra Milosevic -, logo a divisão entre os dois líderes sérvios ficou clara. As pontes de contato entre Radovan e Slobodan foram cortadas. Niksic e Rodrigues afirmam:

Neste caso, era óbvio que Karadzic se tinha transformado numa personagem que pretendia jogar com uma parada demasiado alta. Decidiu colocar a sua própria vida, bem como a vida de milhares e milhares de outras pessoas, em risco, e aceitar os desafios mais difíceis para concretizar seu sonho. E acabou por perder⁶²



Pelas recusas e negativas de Karadzic pelo fim dos conflitos, no dia 17 de abril de 1993 o Conselho de Segurança da ONU adotou a resolução nº 820, que

⁶² NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 124

agravava as sanções internacionais à República Federativa da Iugoslávia - constituída por Sérvia e Montenegro -, devido à recusa sérvio bósnia do plano Vance-Owen. Além das sanções, a Casa Branca acenava com a possibilidade de bombardeios contra os sérvios bósnios se o panorama não se modificasse⁶³.

Vale explicar que em 16 de abril de 1993, um dia antes da adoção da resolução nº 820, o Conselho de Segurança da ONU adotou outra importante medida: a resolução nº 819, que criava seis zonas/ áreas de segurança no território da Bósnia-Herzegovina. Estas áreas de segurança seriam Zepa, Gorazde, Sarajevo, Tuzla, Bihac e Srebrenica. Junto com a criação destas zonas de segurança seriam enviados 34 mil soldados da ONU para garantir a segurança destes locais; porém a ONU envia um contingente de apenas sete mil homens - fato que manteve a pressão sérvio bósnia sobre estes locais.

Depois de inúmeras sanções e pressões internacionais, em meados de agosto de 1994 o presidente Milosevic intensificou sua orientação pacifista e impôs, a partir do dia 4, um embargo quase total à República *Sprska* de Karadzic, após mais uma rejeição por parte dos sérvios bósnios em outro plano de paz internacional. O até então “invencível” exército – cuja força residia em sua superioridade militar devido ao arsenal do antigo JNA – de Karadzic e Ratko Mladic, seu mais importante general, começava a perder suas primeiras batalhas, no noroeste da Bósnia-Herzegovina.

Sem contar mais com o apoio sérvio, as forças de Radovan Karadzic foram perdendo gradualmente seu poderio diante dos muçulmanos e croatas bósnios, que conquistavam cada vez mais vitórias. Em 1995, já na reta final da guerra, Karadzic selou seu caminho rumo à derrota ao conquistar dois enclaves muçulmanos: Zepa e Srebrenica. Em julho, estes dois enclaves – que eram áreas de segurança da ONU – foram conquistados pelas forças sérvio bósnias à custa de milhares de vidas, naquela que seria a ofensiva mais violenta contra as forças muçulmanas durante os mais de três anos e meio de conflito.

No dia 11 de julho foi decretada a conquista do enclave de Srebrenica, e nos dias seguintes milhares de pessoas foram mortas a sangue frio pelas forças sérvio bósnias. “E o massacre de Srebrenica (...) constituiu o principal argumento

⁶³ Há de se recordar um fato importante: a intervenção militar internacional aconteceu apenas em 1995, dois anos depois da resolução nº 820.

do TPI para emitir mandatos de captura internacionais contra Radovan Karadzic e o general Ratko Mladic, o chefe militar sérvio bósnio” (NIKSIC e RODRIGUES, 1996: 126). Pouco antes da conquista da zona de segurança de Srebrenica, especula-se que 12 mil homens muçulmanos tentaram empreender uma desesperada fuga para atingir territórios controlados pelo governo bósnio. “Julga-se que entre três a oito mil (os números variam segundo as fontes de informação) acabaram por ser mortos em encarniçados combates, ou pura e simplesmente executados” (NIKSIC e RODRIGUES, 1996: 128). Esta conquista significava muito para os sérvios bósnios porque, no início dos conflitos armados na Bósnia-Herzegovina, ainda em 1992, as forças muçulmanas proporcionaram nesta mesma região de Srebrenica uma vingança contra a população civil sérvia. O massacre seria uma retaliação à limpeza étnica efetuada por forças paramilitares da Sérvia ao longo do Rio Drina – sobretudo em Bjeljina e Zvornik – em abril de 1992.

Em agosto de 1995, Karadzic se viu confrontado por uma vasta ofensiva coligada entre croatas e muçulmanos. No verão, suas tropas abandonaram dez importantes cidades no Oeste da Bósnia-Herzegovina. No mesmo período se iniciaram os bombardeios da OTAN, autorizados pelo quartel da ONU em Nova York. Os bombardeios duraram duas semanas, e cem mil refugiados sérvios bósnios chegaram à cidade de Banja Luka - capital da República *Sprska* -, já superlotada por duzentos mil refugiados provenientes da Croácia. Com a derrota sérvio bósnia se tornando cada vez mais iminente, Karadzic recua, e aceita adentrar no diálogo em busca do fim da Guerra da Bósnia.

No dia 14 de dezembro de 1995 os diálogos entre os líderes sérvio – Slobodan Milosevic -, croata – Franjo Tudman – e muçulmano bósnio – Alija Izetbegovic – resultam em um acordo, assinado em Paris. Negociado em Dayton, Ohio, nos Estados Unidos, é criado o Acordo de Dayton, que põe fim à guerra.

3.2 O Acordo de Dayton e o saldo da guerra

Assinado no dia 14 de dezembro de 1995 em Paris, o Acordo de Dayton colocava um fim nos conflitos armados na antiga Iugoslávia, e principalmente na

Bósnia-Herzegovina. Izetbegovic, Tudjman e Milosevic assinaram o acordo que reorganizava territorial e politicamente a região que formava a Bósnia-Herzegovina. Segundo o acordo, a Bósnia-Herzegovina se tornaria um estado dividido em duas entidades territoriais: a Federação Bósnio-Croata (ou Federação Muçulmano-Croata) e a República *Sprska* (ou República da Sérvia/ República Sérvia da Bósnia).

A Federação Bósnio-Croata seria controlada por lideranças bósnio croatas e bósnio muçulmanas em conjunto. Sob seu domínio permaneceriam algumas das áreas de segurança criadas pela ONU, como Tuzla, Bihac, Gorazde e a capital Sarajevo – a cidade seria considerada a capital do território unificado da República *Sprska* e da Federação Muçulmano-Croata. A Federação Bósnio-Croata teria domínio territorial da antiga Bósnia-Herzegovina – como podemos observar no mapa abaixo -, totalizando 51% do território pré-Guerra da Bósnia.

A República *Sprska* seria controlada pelos sérvios bósnios, e compreenderia grande parte das áreas conquistadas pelas forças de Karadzic, como a antiga área de segurança de Srebrenica – palco do maior massacre da Guerra da Bósnia [há divergências quanto ao número oficial de mortes para a conquista de Srebrenica, mas os números indicam que por volta de 8.500 pessoas morreram no combate de 1995]. A República *Sprska* controlaria 49% do território pré-Guerra (veja o mapa na página seguinte).



O Acordo de Dayton também determinou a presença armada de forças internacionais – por meio da IFOR [Força de Implementação internacional coordenada pela OTAN] – para a manutenção da paz em território bósnio. Segundo o acordo, as forças deveriam abandonar o território ao final de 1996, mas a evolução dos acontecimentos políticos pós-Guerra da Bósnia – como as eleições diretas diretamente incentivadas pelo presidente norte-americano na época, Bill Clinton – exigiu a permanência de forças armadas internacionais para a manutenção da paz. O panorama pós-Acordo de Dayton mostrou que as tensões políticas não se apaziguaram plenamente – principalmente graças ao armamento croata-muçulmano financiado pelos norte-americanos.

Os aspectos modernos do novo fenómeno da geopolítica e geo-estratégia europeia jogam-se nos campos da Bósnia-Herzegovina, da Sérvia, da Macedónia, da Albânia. Uma zona muito instável onde se chocam interesses contraditórios e mesmo irreconciliáveis. A aparente estratégia dos dirigentes políticos dos Estados Unidos para a região balcânica, sobretudo da administração democrata, parece assentar no frágil equilíbrio entre este universo agitado, onde conflui o mundo católico,

ortodoxo e muçulmano. Aliar-se a Zagreb, ajudar Sarajevo e não hostilizar em demasia Belgrado⁶⁴

Com a nova organização político-territorial da antiga Iugoslávia, as tensões políticas estavam controladas por algum tempo, mesmo que de maneira muito frágil – vide o conflito armado na região de Kosovo no final de década de 1990 entre sérvios e albaneses, também embebido em tensões mantidas por séculos a fio.

O Acordo de Dayton colocava fim ao conflito armado mais duradouro em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial (1939-1945); foram aproximadamente três anos e meio de conflitos armados nos Bálcãs. Segundo levantamentos do Observatório de Direitos Humanos (*Human Rights Watch*) em junho de 2009, mais de 117451 bósnios foram registrados como refugiados realocados para outras regiões da Bósnia-Herzegovina; os números indicam 66215 realocados na República *Sprska* (a maioria da etnia sérvia), 50468 na Federação Croato-Muçulmano (90% bosníacos e 10% croatas) e 768 no distrito de Brcko. Se contabilizarmos desde o início dos conflitos em 1992, as estatísticas apontam para aproximadamente 1,8 milhão de refugiados que tiveram que sair de suas residências em detrimento da guerra.

As estatísticas quanto ao número exato de mortos durante os pouco mais de três anos e meio de conflitos são variadas. Tendo em vista a dificuldade de se chegar a um número exato pelo grande número de valas comuns, corpos realocados ou desmembrados e desaparecimentos, não há um número exato de vítimas da Guerra da Bósnia. Segundo dados da Anistia Internacional e do *Human Rights Watch*, o número de mortos fica em torno de 200 a 250 mil pessoas – a maioria das vítimas foram muçulmanos bósnios, com números aproximados de vítimas em torno de 30 mil civis, e outros 30 mil militares. Vale destacar que, segundo o HRW, só no massacre em Srebrenica vitimou mais de 7500 muçulmanos bósnios.

On August 2, 2001, the International Criminal Tribunal for the former Yugoslavia delivered its first ever genocide conviction, for crimes committed in the wake of 1995 capture of Srebrenica by the Bosnia Serb

⁶⁴ NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p. 284

Army. (...) More than 7,500 Bosniak men were killed during Srebrenica operation, the biggest single atrocity committed during the 1992-1995 war in Bosnia-Herzegovina⁶⁵

Durante o conflito, diversas determinações humanitárias estipuladas na Convenção de Genebra foram desrespeitadas. A Guerra da Bósnia foi considerada um conflito sanguinário, marcado pela limpeza étnica cometida por todas as partes envolvidas; genocídio e estupros eram atos praticados por sérvios bósnios, croatas bósnios e muçulmanos durante o período de guerra. Segundo a Anistia Internacional, mais de 20.000 mulheres muçulmanas foram violentadas durante a guerra – e houve muitos outros estupros, cometidos contra mulheres sérvio bósnias e croato bósnias também. “Mas desde o início era óbvio que as facções rivais envolvidas nos diversos conflitos não respeitaram as regras das leis humanitárias internacionais. Assim, todos os meios utilizados nesta guerra foram justificados” (NIKSIC e RODRIGUES, 1996: 175).



Após o Acordo de Dayton, o Tribunal Penal Internacional das Nações Unidas (TPI) foi o órgão designado para o julgamento dos crimes de guerra cometidos na Bósnia-Herzegovina. Entretanto, houve diversos imbróglis legais e políticos para o início e para a condução destes julgamentos. Dentre os problemas, podemos destacar os protestos dos sérvios bósnios por serem tratados como agressores – quando o Acordo de Dayton não determinava a

⁶⁵ _____ . **Bosnia-Herzegovina Genocide Conviction for Srebrenica**. Disponível em <<http://www.hrw.org/campaigns/bosnia/>> Acesso em: 11 de Outubro, 15:37

existência de agressores e vítimas no conflito nos Bálcãs -, as divergências quanto à legalidade da separação das repúblicas dissidentes na antiga Iugoslávia e, por fim, quem teria autoridade para julgar os responsáveis pelos crimes humanitários cometidos na Guerra da Bósnia. “Todos consideravam e se definiam com <<as vítimas>> da guerra, porque a sua luta tinha uma <<justificação>>, e apenas o <<outro lado>> era rotulado de <<agressor>>, e apenas esses <<inimigos>> poderiam ser acusados de crimes de guerra” (NIKSIC e RODRIGUES, 1996: 174).

A Guerra da Bósnia foi um conflito marcado por diversos interesses sócio-políticos misturados a tensões seculares entre os povos que formavam a antiga Iugoslávia. Com a ascensão dos nacionalismos nas repúblicas iugoslavas após a morte de Tito, políticos extremo-nacionalistas como Radovan Karadzic chegaram ao poder, aumentando a tensão até um ponto insustentável, causando um dos conflitos mais sanguinários de toda a história.

Com milhares de vítimas mortais, e mais de um milhão e quinhentos mil desabrigados, a guerra foi consequência direta de nacionalismos inflados por séculos a fio, intolerância política dos envolvidos e constantes incitações a violência por parte da mídia e dos governos. Outro fator complicador para o conflito foi uma ambígua participação internacional nas tentativas de apaziguar as tensões e terminar a guerra. A demora no tempo-resposta das Nações Unidas em auxiliar as vítimas civis do conflito, aliada ao posicionamento conflitante de importantes nações internacionais - como Estados Unidos, Alemanha e Rússia - perante a guerra nos Bálcãs foi crucial para que a Bósnia-Herzegovina se tornasse um palco de barbáries. Com o Acordo de Dayton em 1995 o conflito terminava, mas as tensões entre os povos envolvidos não foram extintas.

Em um processo político conturbado no pós-guerra, envolvendo interesses estrangeiros no território balcânico e uma espécie de “paz armada” financiada principalmente pelos Estados Unidos, as tensões entre bósnios, sérvios e croatas se apaziguaram, mas não foram extintas. Como se pode notar na trajetória destes países com o passar dos séculos, mesmo sob dominação de grandes impérios, como o Austro-Húngaro ou o Turco-Otomano, os nacionalismos não foram extintos. O confronto entre croatas, sérvios e bósnios não tem suas raízes apenas

na derrocada do socialismo titista e ascensão de políticos extremistas; as causas da guerra são seculares, e ainda persistem em existir nos Bálcãs.

Após retomarmos importantes conceitos estéticos, técnicos e ideológicos das histórias em quadrinhos, problemáticas do modo de produção noticioso contemporâneo – que se mostra deficiente quanto à contextualização dos fatos relatados, seja por motivos financeiros, valores-notícia baixos ou opção do próprio meio de comunicação – e as origens históricas e sócio-políticas da Guerra da Bósnia, urge a necessidade de analisar a identidade criada por Joe Sacco para os bósnios em suas obras sobre a guerra nos Bálcãs. Por meio deste estudo buscamos compreender como as histórias em quadrinhos podem se tornar uma alternativa viável no jornalismo, para preencher algumas lacunas criadas pela junção dos fatores anteriormente citados e explicitados.

Capítulo 4 – As identidades retratadas em *Uma História de Sarajevo e Área de Segurança Gorazde*

Após revisitarmos os acontecimentos determinantes para os rumos das repúblicas dos Balcãs rumo à Guerra da Bósnia, retomar conceitos técnicos e de sentido das histórias em quadrinhos e problematizarmos o modo contemporâneo de produção da notícia – que preza pela rapidez, dinamicidade e por muitas vezes peca na contextualização e na seleção de fatos segundo os conceitos de valor-notícia -, é crucial que se faça uma análise das obras *Uma História de Sarajevo e Área de Segurança Gorazde*, de Joe Sacco, seguindo conceitos antropológicos de Clifford Geertz e Denys Cuhe.

Antes de começar a análise propriamente dita, é vital abordar como o método utilizado por Joe Sacco para realizar as duas obras estudadas se relaciona com os conceitos selecionados de Geertz e Cuhe utilizados para a análise a seguir.

Em sua passagem pela Bósnia, em meados de 1995 e 1996, Joe Sacco buscava material para produzir algumas obras sobre a guerra. Como já era um costume particular, Sacco estreitou suas relações com suas fontes, como o ex-combatente bósnio Neven (em *Uma História de Sarajevo*) e o professor Edin (em *Área de Segurança Gorazde*). Para coletar as entrevistas e depoimentos – que constituem o diálogo de Joe com membros marginalizados pela mídia internacional - em território balcânico, Joe deu preferência pelas fontes informais, ou seja, cidadãos comuns que se viam às voltas de um sanguinário conflito étnico. Por mais que o autor tenha procurado fontes oficiais – como pode ser visto na obra *Natal com Karadzic*, que mostra a busca de Sacco por Radovan Karadzic -, sua principal fonte de informação são as pessoas comuns, aquelas que tiveram sua vida sensivelmente alterada em detrimento da guerra.

Se observarmos atentamente suas entrevistas em território balcânico, Joe Sacco se aproxima intimamente dos conceitos de descrição densa e etnografia de Clifford Geertz.

(...) a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato (...) é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas

delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.⁶⁶

Para Geertz, a etnografia e a descrição densa são as bases para um estudo de comportamento e interpretação de culturas. Os resultados obtidos por meio de uma descrição densa resultam em uma interpretação antropológica, que constrói uma leitura do objeto observado – seja ele um povo, uma pequena comunidade, uma nação, etc. Nesta interpretação, a especificidade complexa, a circunstancialidade, é o que importa dos achados do antropólogo. Tendo a especificidade complexa determinada, a teoria deve fornecer vocabulário para se explicitar os significados por trás destes atos simbólicos específicos ao objeto estudado.

A descrição densa realizada por Joe Sacco pode ser percebida na ampla coleta de dados acerca da guerra, e das influências e consequências deste conflito nas vidas destes personagens apresentados; na apreensão dos depoimentos e fatos presenciados; a compreensão dos fatores observados e gravados por Joe e, por fim, a apresentação dos resultados obtidos em forma de história em quadrinhos. Geertz declara em *A Interpretação das Culturas*:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.⁶⁷

Com a apresentação das obras, que representam os resultados da apuração e vivência de Joe Sacco no meio observado – a Bósnia-Herzegovina ao fim do conflito armado que assolou a região por aproximadamente três anos e meio -, Sacco comprova outra idéia de Geertz: a antropologia tem um caráter debativo, que não procura apresentar conclusões, mas sustentar discussões. “A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que

⁶⁶ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1989, p. 7

⁶⁷ *Idem*, p. 7

outros deram (...) e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou” (GEERTZ, 1989: 21).

As discussões propostas acerca dos fatos e depoimentos coletados por Joe Sacco em *Uma História de Sarajevo e Área de Segurança Gorazde* se aproximam aos debates propostos por Denys Cuche ao redor das relações entre cultura e identidade. Sacco consegue, mesmo que este não seja o objetivo principal, trazer pertinentes fatos e depoimentos acerca da identidade bósnia, discutindo os fatores que caracterizavam os cidadãos bósnios no pré-guerra – a Bósnia-Herzegovina era uma nação multi-étnica relativamente harmoniosa -, e no pós-guerra – onde se declara a segregação e separação étnica da Iugoslávia e, principalmente, da Bósnia como um todo.

As questões acerca da identidade iugoslava, moldada principalmente pelo governo titista, e das identidades específicas aos povos envolvidos no conflito – como sérvios, bósnios, eslovenos, croatas, etc. – se aproximam das idéias e conceitos trabalhados por Cuche. Denys debate os conceitos de identidade e cultura, que eram divergentes na região balcânica. “A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999: 176). Na antiga Iugoslávia, as culturas das diferentes repúblicas que compunham o país estavam estabelecidas – vide a importância das trajetórias nacionais como forma de oposição aos diversos domínios sofridos pelos povos balcânicos durante séculos -, e faziam parte do inconsciente de sérvios, croatas e bósnios. Sob o governo ditatorial de Tito, as culturas nacionais foram oprimidas pela construção da identidade oficial iugoslava, que agrupava todos estes povos completamente distintos em um grande “caldeirão” étnico. Este caldeirão derroca juntamente com o socialismo e o titismo, e as tensões entre as culturas nacionais e a identidade iugoslava se acirraram e ajudaram no processo que levou o país à Guerra da Bósnia. Cuche constata:

A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade

não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais.⁶⁸

Cuche acredita que as identidades se constroem e desconstroem constantemente no interior das trocas sociais e nos diferentes contextos. Pelo que podemos observar nos depoimentos coletados de moradores da Bósnia-Herzegovina por Joe Sacco, as identidades na Bósnia se alteram em diferentes contextos sociais. Antigos vizinhos e amigos que pertenciam a diferentes etnias escolheram, na maioria dos casos, o alinhamento a identidades nacionais à identidade iugoslava quando as tensões se acirraram, e a segregação étnica tomou conta do território balcânico. Aqueles que antes partilhavam a mesma mesa em uma festa de feriado optaram, por muitas vezes, abandonar os antigos laços iugoslavos em detrimento de suas etnias e, caso fosse necessário, matar aqueles que fossem diferentes. Leia-se diferentes como os “outros”, cidadãos de outras etnias, que antes eram seus compatriotas iugoslavos. “A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato” (CUCHE, 1999: 182).

Denys Cuche ainda aborda a influência do Estado na definição das identidades. No caso balcânico, a identidade iugoslava se moldou de acordo com os interesses do Estado titista; inclusive, a Bósnia-Herzegovina era o melhor exemplo do que Tito almejava para todo o território iugoslavo, pois o Estado bósnio-herzegovino representava uma mistura étnica que vivia em relativa harmonia. Por isso Tito oprimiu os nacionalismos durante seus anos de governo, suprimindo possíveis manifestações nacionalistas sérvias, croatas, eslovenas, albanesas e bósnias.

A autoridade legítima tem o poder simbólico de fazer reconhecer como fundamentadas as suas categorias de representação da realidade social e seus próprios princípios de divisão do mundo social. Por isso mesmo, esta autoridade pode fazer e desfazer os grupos.⁶⁹

Cuche também afirma em seu livro *A Noção de Cultura em Ciências Sociais* que, devido ao caráter constantemente mutável da identidade, há o conceito de “estratégia de identidade”. Nesta perspectiva, a identidade é utilizada

⁶⁸ CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura em Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999, p. 182

⁶⁹ *Idem*, p. 186

como meio para atingir um objetivo. Esta noção de identidade pode ser observada na obra de Joe Sacco, principalmente em *Uma História de Sarajevo*, quando o personagem Neven questiona a classificação populacional em diferentes etnias, indagando seus próprios motivos para adentrar na guerra ao lado dos muçulmanos bósnios – e quão determinante é pertencer a um lado ou a outro naquela guerra.



Em suas obras sobre a Guerra da Bósnia, Joe Sacco mostra o panorama das relações sócio-políticas e culturais entre os povos da antiga Iugoslávia após o conflito nos Balcãs. Tanto em *Uma História de Sarajevo* quanto em *Área de Segurança Gorazde* o autor aborda as complicadas relações entre estes povos, e também questiona o que Cuche denomina de “fronteiras da identidade”.

(...) no processo de identificação o principal é a vontade de marcar os limites entre “eles” e “nós” e logo, de estabelecer e manter o que chamamos de “fronteira”. Mais precisamente, a fronteira estabelecida

resulta de um compromisso entre a que o grupo pretende marcar e a que os outros querem lhe designar.⁷⁰

Antes de iniciar a análise das identidades retratadas, é imprescindível definir a temática das duas obras analisadas. Em *Uma História de Sarajevo*, Joe Sacco focaliza sua grande reportagem em quadrinhos na capital da Bósnia-Herzegovina. Acompanhado do ex-combatente e guia de origem sérvia Neven, Joe remonta a ascensão e queda das unidades paramilitares muçulmano bósnias, e mostra depoimentos sobre confrontos armados entre as forças sérvio bósnias e os muçulmanos bósnios. Neven é focalizado como o exemplo de uma Sarajevo extinta graças à guerra: um sérvio que batalha ao lado de muçulmanos e croatas por uma cidade multi-étnica em harmonia. Na obra, por meio de inúmeras entrevistas e um perfil (quase) completo de Neven, Joe questiona não somente a guerra, por meio de indagações acerca da verossimilhança dos fatos e da forma como são narrados.

Já em *Área de Segurança Gorazde* o foco de Joe são os sobreviventes do vilarejo de Gorazde. Ao lado de Srebrenica e Zepa, Gorazde era uma das áreas sob maiores riscos de sucumbir às investidas das forças sérvio bósnias de Karadzic durante a guerra – as outras duas áreas de segurança citadas acabaram por soçobrar em 1995, como já foi analisado no capítulo anterior. Por meio de inúmeros depoimentos de moradores do vilarejo, Sacco monta um complicado labirinto de sobrevivência em meio ao cerco sérvio pelo qual Gorazde passou, e mostra ao leitor como a eminência de um genocídio alterou a vida dos habitantes da área de segurança.

Joe também mostra a briga pela sobrevivência pela qual os moradores tiveram que passar, seja nas mortais buscas por alimento, nos constantes bombardeios sérvio bósnios e a pressão psicológica – graças principalmente ao interminável cerco das forças de Karadzic - pela qual Gorazde passou. Por fim, Joe mostra Gorazde como exemplo de inúmeras outras cidades bósnio-herzegovinas que foram negligenciadas pela imprensa internacional em sua cobertura do conflito nos Bálcãs; por meio deste questionamento, Sacco põe em xeque a postura da mídia diante da guerra. Hitchens declara:

⁷⁰ CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura em Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999, p. 200

Como é maravilhoso, então, que à medida que todos estamos nos perdendo, Joe Sacco dá um passo à frente, limpa a garganta e ilumina nossa visão. Como é maravilhoso, também, que ele tenha trazido à luz a fora de moda e inacessível Gorazde, em vez de um campo de batalha mais chique e charmoso.⁷¹

Depois de uma breve introdução de alguns conceitos consoantes de Geertz e Cuche que serão utilizados na análise, e uma sinopse das obras de Joe Sacco sobre a Guerra da Bósnia, debateremos aspectos e características de *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde* que sugerem a viabilidade das histórias em quadrinhos no jornalismo, e como o meio HQ pode se inserir e preencher algumas lacunas criadas pelo modo de produção de notícias contemporâneo. Para tal, analisaremos a identidade bósnia nestas duas obras de Sacco, buscando delimitar a visão do autor em relação aos refugiados, ex-combatentes, cidadãos comuns e jornalistas que fizeram parte do mosaico multi-étnico ao redor da Guerra da Bósnia.

4.1 As identidades de Neven (*Uma História de Sarajevo*) e Edin (*Área de Segurança Gorazde*)

Após revisitarmos os acontecimentos determinantes para os rumos das repúblicas dos Bálcãs, é hora de observarmos de forma mais atenta os dois personagens de maior destaque nas obras analisadas de Joe Sacco: Neven, em *Uma História de Sarajevo*, e Edin, em *Área de Segurança Gorazde*. A maior semelhança entre ambos reside no fato em que tanto Neven quanto Edin são os principais guias de Joe Sacco durante sua passagem pela Bósnia-Herzegovina – Joe esteve no país ao fim da guerra, entre 1995 e 96. Excluindo este fato, a trajetória de ambos é muito diferente, tal qual o teor de ambas as obras.

A análise se inicia pelo ex-combatente Neven, principal guia de Joe Sacco na cidade de Sarajevo em *Uma História de Sarajevo*. Joe Sacco conhece o personagem logo após sua chegada em Sarajevo, no hotel Holliday Inn – um dos principais pontos de estadia de jornalistas internacionais durante a cobertura da Guerra da Bósnia. Neven é sérvio, diferentemente do bósnio Edin; filho de mãe

⁷¹ HITCHENS, Christopher. Introdução. In: Sacco (org.), *Gorazde - Área de Segurança - A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995*. São Paulo: Conrad Editora, 2005. p. 3

muçulmana e pai sérvio, Neven foi criado pelo pai como pertencente de tal etnia. Entretanto, durante a guerra lutou ao lado do grupo armado muçulmano bósnio Boinas Verdes.



Joe Sacco caracteriza Neven como parte da população que partilhava a ideologia bósnia pré-guerra – mais especificamente falando das características da capital Sarajevo, considerada por muitos como um mosaico de diferentes culturas e etnias em harmonia -, quando “as diferenças étnicas são [eram] muito menos importantes do que em outras partes da Bósnia”. Fica claro que o guia, que se considera “um sérvio nacionalista – no sentido que ‘ama’ seu país”, toma partido pela causa bósnio muçulmana para sobreviver em meio à guerra que consumia o país.

O ex-combatente e guia se alinha aos bósnios muçulmanos, primeiramente, para combater as idéias extremo-nacionalistas de Karadzic e das forças sérvio bósnias – que buscavam conquistar o território bósnio para alinhá-lo aos interesses de Slobodan Milosevic, e, conseqüentemente, da Sérvia. Em segundo lugar, durante a obra podemos intuir que Neven luta para que a convivência pacífica entre as diferentes etnias presentes na Bósnia-Herzegovina pudesse ser restabelecida – principalmente na cidade de Sarajevo, local pelo qual o ex-combatente nutre um grande amor e apreço.

Neven foi combatente dos Boinas Verdes, mas teve que se desligar da unidade pelo fato de ser, tecnicamente, sérvio. O líder do grupo, Ismet Bajramovic - conhecido como “Celo” – foi quem lhe comunicou a decisão de que estava fora da unidade. Segundo as informações que Neven passa a Joe em seus testemunhos, na época muitos sérvios que faziam parte do lado bósnio muçulmano nos campos de batalha estavam desaparecendo e/ou eram encontrados mortos. Neven não escondia suas origens sérvias, pois acreditava que não combatia os mesmos de sua estirpe étnica, pois lutava contra *chetniks*⁷². A partir disso, por ser devidamente familiarizado com todo o conflito nos Bálcãs e conhecer amplamente a região, Neven começa a trabalhar como guia para jornalistas estrangeiros que trabalhavam na cobertura da Guerra da Bósnia.

Desde seu primeiro encontro com Neven, Joe Sacco estabelece uma relação ímpar com o guia. Joe tem definido desde o começo que o guia fazia todo o possível para levá-lo a lugares em Sarajevo e apresentá-lo a combatentes e outras fontes de informação por “todos os marcos [unidade monetária da Bósnia à época] de sua carteira”. Inicialmente, Joe Sacco e Neven estão em uma espécie de jogo de interesses, onde cada um almeja aproveitar ao máximo as possibilidades do outro lado: Neven deseja o maior montante financeiro que Joe Sacco possa lhe oferecer, enquanto o quadrinista procura a maior gama de informações e testemunhos que o guia possa arranjar e/ou fornecer. Para reafirmar a necessidade de Sacco para Neven, podemos ainda citar o desinteresse da imprensa internacional na cidade de Sarajevo, pois a história se situa ao fim de 1995, período final da guerra, que marcava o fim do cerco à cidade. Neven tinha pouca oferta de trabalho como guia jornalístico, e Joe Sacco era sua “luz no fim do túnel”.

⁷² O termo *chetnik* era utilizado de maneira pejorativa pelas forças anti-sérvios na Guerra da Bósnia, e caracterizava os nacionalistas sérvios. No uso por Neven, *chetnik* procura estabelecer não apenas suas diferenças pessoais para com as forças sérvio bósnias, como para determinar quem seriam seus verdadeiros inimigos no conflito.



Ao longo da narrativa este panorama se alterna, porque surge uma amizade entre guia e quadrinista. A cada depoimento e história contada por Neven, a relação entre ele e Sacco se estreita progressivamente – e, por consequência, a confiança do quadrinista nas informações e testemunhos do ex-combatente também cresce. “Com o Neven, sou tipo um adolescente em começo de namoro – interessado, um pouco fascinado talvez, ou um pouco apaixonado – e o amor, no final, é uma transação...” (SACCO, 2005: 24)



Simultaneamente a esta construção da realidade de Sarajevo e, por consequência, da Guerra da Bósnia, através dos depoimentos e histórias de Neven, Sacco mostra ao leitor uma faceta cética ante Neven. Enquanto Joe mostra diversos acontecimentos da guerra e histórias contadas por fontes indicadas por Neven, para constantemente uma dúvida: quão verdadeiras são as informações de Neven?



Sacco tem outras fontes de informação sobre a Guerra da Bósnia – sem necessariamente citá-las ou representá-las em *Uma História de Sarajevo* –, que, por inúmeras vezes, contestam os feitos heróicos e as histórias de guerra de Neven durante o conflito [como podemos observar nos quadros acima]. Porém, o quadrinista maltês demonstra ter consciência que a Guerra da Bósnia, como outros inúmeros conflitos, possui diversas facetas. As conversas de bar, as longas caminhadas pelas ruas de Sarajevo e encontros casuais com Neven são, portanto, uma das milhares facetas desta complexa guerra. Por meio desta descrição densa de Neven e de Sarajevo, Joe Sacco compreende que os fatos narrados em *Uma História de Sarajevo* podem, por muitas vezes, representar apenas lendas acerca de conflitos que não aconteceram, ou características pessoais de criminosos de guerra – como os líderes de unidades paramilitares apresentados durante a obra – terem sido inventadas por alguém como Neven. Geertz aborda esta característica não-conclusiva da antropologia interpretativa, que se relaciona intimamente com a caracterização feita por Joe em *Uma História de Sarajevo*.

A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as

respostas que outros deram – apascentando outros carneiros em outros vales – e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou⁷³

Antes de qualquer outro objetivo que possa ser interpretado a partir da seleção de fatos, histórias e diálogos apresentados por Joe em *Sarajevo*, o quadrinista almeja demonstrar que um conflito tem múltiplas facetas e versões. Ao contrário das agências de notícias internacionais, que se atinham predominantemente a dados e informações oficiais, Joe Sacco busca fontes de informação alternativas, dando voz a pessoas cuja vida foi diretamente afetada pela guerra, e que não seriam ouvidas pela grande mídia. Por meio desta atenção a classes marginalizadas perante a grande mídia, Joe aborda a Guerra da Bósnia como um acontecimento muito mais complexo, que não se resume a um caso de maniqueísmo entre “sérvios maus” e “muçulmanos inocentes”. Serva afirma:

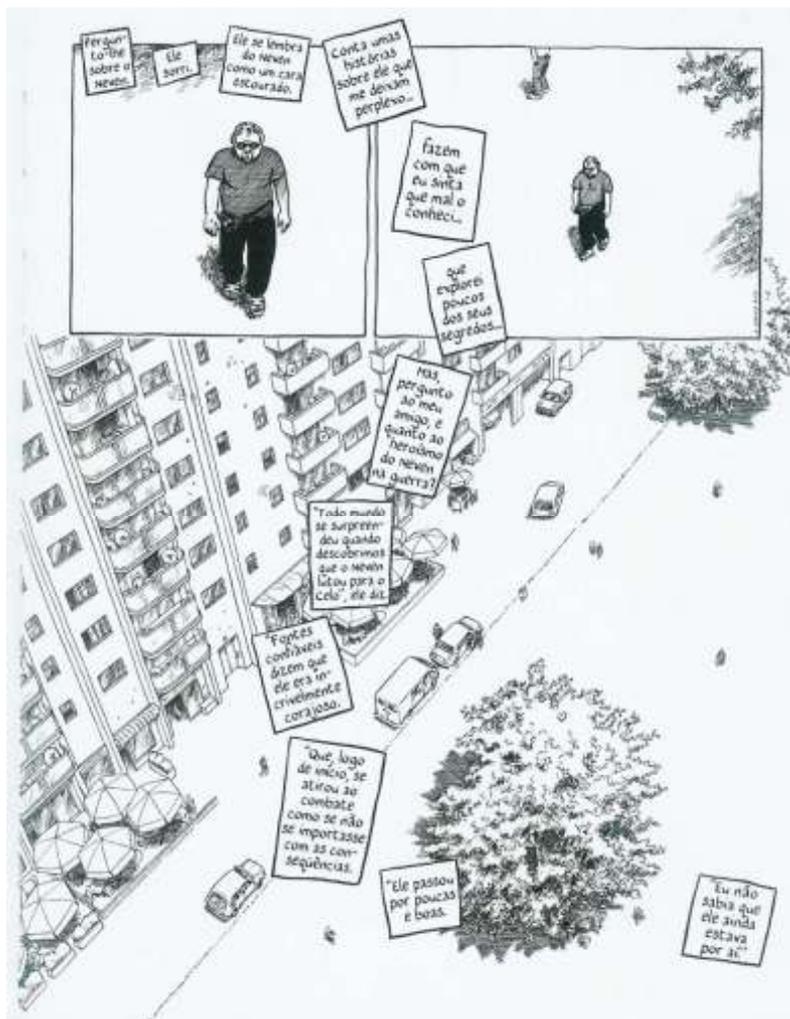
O reducionismo jornalístico acaba funcionando como o próprio reducionismo nacionalista – recusando informações mais ‘complicadas’, digamos, do que conceitos excludentes como raça, nação, pátria, etc. E na descrição de fatos pelo jornalismo, uma alteração de paradigma pode inverter o sinal de uma história, de um papel, um herói pode facilmente aparecer como vilão, um caso complexo virar uma história simples⁷⁴

Sacco reforça o caráter intimista de sua cobertura da Guerra da Bósnia ao dar voz e importância a fontes como o próprio Neven - considerado por muitos outros jornalistas como um guia de sanidade discutível. Para Joe, por mais que as informações do ex-combatente possam ser contestadas e discutidas, elas têm sua importância na montagem do mosaico de interesses e rugas que caracterizou a Guerra da Bósnia.



⁷³ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1989, p. 21

⁷⁴ SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 98



Há de se ressaltar que, durante toda a obra, Joe Sacco reforça a importância do discurso de Neven ao relatar toda a trajetória do ex-combatente, e também ao apresentar as causas, razões e objetivos de Neven na guerra. E é pela escolha pessoal de Sacco ao apresentar tais informações que se observam as diferentes identidades de Neven: a civil, e a militar.

Há duas identidades distintas atribuídas ao ex-combatente ao longo da obra. Primeiramente, a identidade civil de Neven o aponta como um filho de muçulmanos e sérvios, criado à luz da etnia sérvia. A obra demonstra que, para Neven, não há um sentimento de simpatia ou até alinhamento político-ideológico para com a causa muçulmana na Bósnia-Herzegovina; inclusive, Neven é mostrado como alguém com ressentimento pelos muçulmanos após o início da guerra, e, intrinsecamente, pelos planos de Izetbegovic de tornar a Bósnia-Herzegovina um território governado em favor dos seguidores do Alcorão.



Neven partilha de um ideal de nação bósnia-herzegovina substancialmente diferente das lideranças políticas envolvidas na Guerra da Bósnia. Para ele, a principal característica do país - e principalmente de Sarajevo - é a pluralidade étnica, e era por ela que a luta valia a pena. Sacco expõe as convicções políticas de Neven – e seu descontentamento para com os rumos que a guerra e as negociações políticas para o fim dos conflitos – por meio de uma narrativa imersiva, que procura destacar as opiniões e posicionamentos do ex-combatente ao situar o leitor em seu lugar. Sacco o faz por meio de um constante diálogo com o leitor, repleto de expressões como “coloque-se no lugar dele”, “imagine que você está”, “coloque-se no lugar do Neven”, etc. Não é apenas o texto que corrobora com esta corrente imersiva; na maior parte destes quadros, nos quais Joe tenta emular ao leitor a situação na qual ele ou o próprio Neven se encontram, os desenhos são normalmente *close-ups* nas feições e situações nas quais o personagem focalizado se encontra.





Esta técnica narrativa de imersão é utilizada por Joe Sacco não apenas para que o leitor se coloque no lugar de Neven, como também para que este se coloque no papel do próprio Sacco. Desta forma, o leitor tem maiores possibilidades de captar a mensagem transmitida por Joe por meio dos quadrinhos: as diversas e distintas visões acerca do mesmo acontecimento – no caso, a Guerra da Bósnia e os combates e situações apresentados em *Uma História de Sarajevo*.

Além disso, pelo uso desta técnica, se percebe a intersubjetividade pretendida por Joe Sacco, fugindo da objetividade e imparcialidade predominantes nos grandes meios de comunicação internacionais. Ao invés de simplesmente inserir o leitor no relato sobre a guerra – como fazia a maioria da mídia internacional –, Sacco pretende dar a visão do “outro lado” por meio desta intersubjetividade, contextualizando e emulando uma determinada vivência das personagens focalizadas – como, por exemplo, no caso de Neven ou de Joe - (ver Geertz, 1989).

Para corroborar com a técnica narrativa de imersão no campo textual, Joe Sacco desenha quadros que dialogam diretamente com o leitor, principalmente pelos enquadramentos e focos que inserem o leitor na obra – além das expressões realçadas dos personagens pelo traço caricaturesco de Joe.

É importante destacar que a cada um desses planos são vinculados uma carga de expressividade. A utilização de um deles por parte do desenhista depende do que pretende comunicar no momento. Neste sentido, observa-se que enquanto o plano geral dá pouca informação sobre a personalidade da personagem, o primeiro plano permite que se preste atenção às suas expressões faciais.⁷⁵



⁷⁵ INTERCOM, 24, 2001, Campo Grande. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos**. Campo Grande: Nadilson M. da Silva, 2001, p. 3



A identidade militar atribuída a Neven é sensivelmente diferente de sua faceta civil. O modo de relatar as histórias, batalhas e situações vividas por Neven em *Uma História de Sarajevo* se aproxima intimamente e subjetivamente com o ficcional. Joe nos mostra que Neven adentra a batalha ao lado dos muçulmanos por acreditar, primeiramente, em uma Bósnia multi-étnica e plural – onde ele, como sérvio, possa conviver pacificamente com outros sérvios, croatas e muçulmanos. Ou seja, Neven se considera sérvio, mas, acima de tudo, bósnio. Cuche declara:

De fato, cada indivíduo integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história. (...) Cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional. (...) A identidade funciona, por assim dizer, como as bonecas russas, encaixadas umas nas outras⁷⁶

É o momento de se aprofundar nesta atmosfera de ficcionalidade de *Uma História de Sarajevo* – que se relaciona intimamente com a identidade militar atribuída ao ex-combatente Neven por Joe Sacco. Uma das diferenças substanciais entre esta obra e *Área de Segurança Gorazde* é a forma como Joe Sacco constrói a narrativa. Vale dizer que o processo de coleta de informações e dados destas duas HQs é muito similar, mas o material coletado é muito diferente. Enquanto Joe retrata a batalha pela sobrevivência dos moradores de Gorazde, em *Uma História de Sarajevo* o clima se assemelha, por diversas vezes, a um

⁷⁶ CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura em Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999, p. 195

filme de ação hollywoodiano. Os conflitos armados estão presentes em ambas as obras, porém em *Sarajevo* a principal fonte de informações retratada por Joe Sacco é Neven, um ex-combatente militar pertencente a uma unidade paramilitar. Além de civil, Neven também conhece muito bem o lado militar da Guerra da Bósnia – graças a suas experiências com os Boinas Verdes durante um ano.



A abordagem das batalhas, e o enfoque realizado em *Uma História de Sarajevo* destoam do modo que Sacco retrata os conflitos armados em *Gorazde*. O enfoque utilizado por Sacco dá preferência aos olhos de Neven, fonte majoritária dos relatos de *Sarajevo*; as batalhas são vistas de dentro, como se o leitor fizesse parte da luta. Mais do que isso: as cenas são dignas de filmes de guerra ou ação, com atos heróicos e ímpares, como na sequência em que ele e outros catorze homens devem impedir o avanço de dois tanques com apenas seis granadas, ou o episódio no qual ele mata um soldado sérvio à la Doc Holiday⁷⁷. Nestas cenas de ação, Joe altera o tamanho dos quadros proporcionalmente ao tempo transcorrido da ação – quanto maior o quadro, maior o tempo para a ação acontecer (ver Da Silva, 2001, e Eisner, 1989) -, e valoriza a utilização dos ângulos de visão médios. Da Silva declara:

Para a correta interpretação dos quadros é necessário se deter sobre mais um elemento, denominado ângulo de visão, que é o ponto a partir do qual se observa a ação. Este pode ser de três tipos: o *médio* ocorre como se a cena estivesse acontecendo à altura dos olhos; o *superior* observa a ação de cima e por fim o *inferior* que se coloca abaixo das personagens.⁷⁸

⁷⁷ Doc Holiday é uma figura histórica do Velho Oeste norte-americano, conhecido por suas habilidades com o revólver, e por ser um dos melhores amigos do também histórico Wyatt Earp, um dos maiores xerifes da história do Velho Oeste

⁷⁸ INTERCOM, 24, 2001, Campo Grande. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos**. Campo Grande: Nadilson M. da Silva, 2001, p. 3







Esta atmosfera que permeia a narrativa remete não apenas à ficcionalidade dos filmes de ação, como também à faceta da guerra como forma de ascensão – seja social, política ou econômica. Vale destacar que a escolha da utilização dos quadrinhos como meio de comunicação para retratar os testemunhos e experiências relatadas por Joe Sacco em terras balcânicas é decisiva para os efeitos de sentido produzidos pelo autor. Eisner constata:

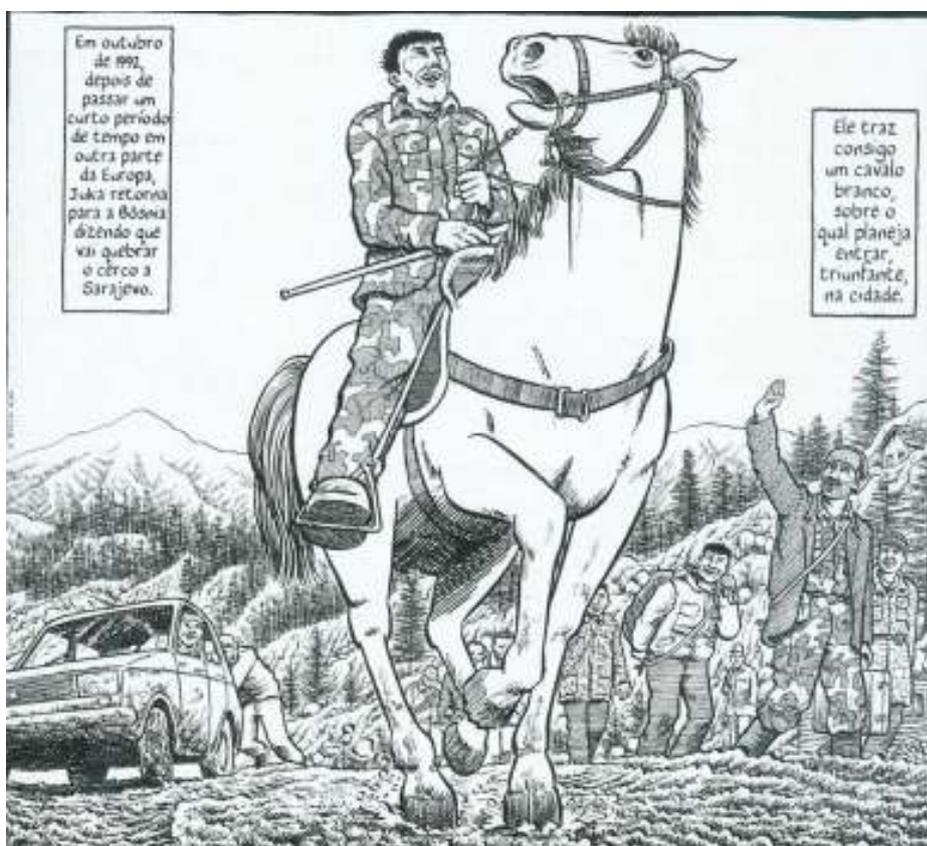
Essencialmente, as histórias em quadrinhos são uma forma de arte voltada para a emulação da experiência real. O escritor/ artista em busca da realidade deve, portanto, estar constantemente preocupado com a perspectiva⁷⁹

A escolha de imagens, características ressaltadas pelo traço caricaturesco de Joe Sacco, os enquadramentos, jogos de sombras, disposição dos elementos nestas e em outras cenas e as perspectivas escolhidas corroboram com a ideia que muitos soldados se alinhavam às tropas (muçulmano bósnias, no caso

⁷⁹ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 90

específico de *Uma História de Sarajevo*) para obter mais do que a libertação ante a ameaça sérvia. A guerra para homens como Neven, Ismet Bajramovic (Celo), Jusuf Prazina (Juka), Musan Topalovic (Caco) e muitos outros representava também uma possibilidade tangível de se tornar um “senhor da guerra”.

Quando se examina uma obra de quadrinhos como um todo, a disposição dos elementos específicos assume a característica de uma linguagem. (...) As histórias em quadrinhos comunicam numa “linguagem” que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação de texto.⁸⁰



Por meio da liderança das tropas muçulmano bósnias contra as forças de Karadzic, estes homens obtinham ilicitamente privilégios, como bebidas, festas e ostentação em meio ao caos instaurado na Bósnia-Herzegovina. As armas em punho permitiam, por inúmeras vezes, a estes soldados cometer abusos de autoridade – tal como os crimes cometidos por *chetniks* contra muçulmanos em

⁸⁰ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 7

na área de segurança de Gorazde, por exemplo. Joe retrata Neven como parte integrante de toda a corrente de saques e abusos de autoridade cometidos pelos paramilitares sem, entretanto, julgá-lo explicitamente; Sacco dialoga com o guia sob o tema, e mostra a opinião de Neven sobre o assunto, sem condenações ou absolvições aparentes.



Após este gradativo processo de construção das duas identidades de Neven – a civil e a militar –, Joe Sacco as une para desconstruí-las simultaneamente. Este momento chega na retratação do dia 15 de abril de 1993; as motivações e ganas de Neven como militar já haviam se apaziguado – ele já havia se tornado um ex-combatente, pois estava fora dos Boinas Verdes. Neste dia 15 de abril, os ideais do ex-combatente acerca de uma Bósnia-Herzegovina harmoniosa entre as diferentes etnias são arruinados graças às declarações do presidente Alija Izetbegovic em rede nacional. O discurso condenava as forças militares de Celso – antigo comandante de Neven durante a guerra –, acusando-as de diversos crimes de guerra, os rebaixando de soldados a meros bandidos.



Após isso, Neven é retratado de forma diferente. O ex-combatente busca, a qualquer custo, abandonar a Bósnia. Esta mudança na postura do guia – que, inclusive, protagoniza um ambíguo diálogo com Joe, com ameaças implícitas, a certo ponto da obra – é alegórica, pois fugir do território bósnio seria uma espécie de confirmação de sua descrença para com os rumos do conflito, e dos acordos para o fim da guerra. Neven não tem mais motivos para ficar no país, já não acredita mais nos rumos políticos e sociais da Bósnia-Herzegovina, e seu objetivo de viver harmoniosamente ao lado de outras etnias é, a este ponto, inatingível.

A narrativa, ao fim, salta para o ano de 2001. Antes de rememorar o último encontro entre Neven e Sacco, vale destacar a importância do quadrinho nestas idas e vindas temporais. A liberdade narrativa oferecida pela HQ para que se criem fluxos temporais, para que Joe Sacco possa retornar ou avançar no tempo ao narrar a obra é crucial. Há vários pontos da trama onde Sacco ouve algum relato de Neven, e no quadro seguinte situa o leitor na recriação de tal acontecimento.



Uma História de Sarajevo termina em 2001, com o último encontro de Neven e Joe Sacco. O quadrinista encontra uma faceta diferente daquela que conheceu em 1995: o ex-combatente trabalhou com algumas organizações internacionais, e o tempo cicatrizou algumas de suas feridas da guerra. É neste ponto que Neven revela algumas das facetas que nunca havia mostrado antes para o quadrinista. O ex-combatente relata as seqüelas e traumas que a guerra causou em sua vida.



O questionamento final de Neven acerca das questões étnicas se materializa em um imbróglio judicial no qual ele se envolve – o ex-combatente teve sua casa tomada por um “filho-da-puta bem relacionado”. Ali, Neven deve seguir as leis para provar que o apartamento realmente lhe pertencia, e falha nesta empreitada. Sacco o questiona, indagando se o insucesso nos tribunais não estaria diretamente relacionado à sua origem sérvia. Ao responder, Neven sacramenta sua desilusão para com os rumos finais da Guerra da Bósnia, que dividiu o país em cantões étnicos.



Joe Sacco reforça, por meio deste reencontro com Neven em 2001, a insolubilidade dos problemas étnicos por meio do conflito armado balcânico entre 1992 e 1995. A situação de Neven no pós-guerra – e principalmente o imbróglio acerca de seu apartamento e sua nacionalidade sérvia – é emblemática para o personagem, que vê seus esforços durante a Guerra da Bósnia terem se tornado em vão, pois as tensões étnicas dentro da Bósnia-Herzegovina não se apaziguaram plenamente após o Acordo de Dayton.

Ao fim de *Uma História de Sarajevo*, Sacco relata uma conversa com “uma pessoa que também conhece bem o Neven”, uma pessoa cuja opinião é considerada confiável. O teor desta conversa revela facetas pouco exploradas pelo quadrinista, e praticamente mantidas em segredo pelo ex-combatente. A

impressão que fica ao fim da obra remonta a célebre frase “quando a lenda se torna fato, imprime-se a lenda”⁸¹; de certa forma, Joe Sacco não busca desmentir os testemunhos de Neven, pois não acredita que lhe caiba esta decisão. Mais importante do que uma busca pela “verdade” – exemplificada pela busca pela imparcialidade no jornalismo contemporâneo, do qual fazem parte os inúmeros veículos de comunicação que cobriram os conflitos na região balcânica – é dar voz àqueles marginalizados por estes mesmos meios de comunicação. Neven, cuja sanidade é contestada por grande parte dos profissionais que cobriram a guerra, foi parte integrante do conflito – como militar e civil; portanto, o ex-combatente tem a sua versão dos acontecimentos, e seus testemunhos, para Joe Sacco, também merecem o devido crédito.

Já Edin, principal guia de Joe Sacco na área de segurança de Gorazde, tem características distintas de Neven. Edin é professor, estudante universitário, pacifista, cuja convivência com as outras etnias sempre havia sido pacífica. Antes da guerra, Edin era estudante de engenharia mecânica na Universidade de Sarajevo e, em detrimento do conflito, não havia se formado – “faltava só um exame oral pra defender sua tese perante seus professores, um discurso de cerca de quinze minutos. (...) Mas estava preso em Gorazde. Faz três anos e meio que ele está a 15 minutos de seu diploma” (SACCO, 2005: 98). Ao contrário de Neven, Edin evitava o conflito – buscava apenas sobreviver e proteger seus familiares em meio ao caos instaurado em Gorazde e região. Edin empunhou armas durante a Guerra da Bósnia, mas, ao contrário de Neven, fazia o máximo para se manter perto de seus entes mais próximos; para o professor de Gorazde, as batalhas eram, por muitas vezes, o único modo de proteger sua casa, seus amigos e familiares, ou seu vilarejo.

⁸¹“Quando a lenda se torna fato, imprime-se a lenda” é uma célebre frase proferida no clássico *western* americano *The Man Who Shot Liberty Vance* – *O Homem que Matou o Facínora* no Brasil -, filme de 1952 do diretor norte-americano John Ford.



Sacco remonta as origens de Edin e, além disso, indaga sobre as razões pelas quais ele se tornou um guia tão solícito para com os repórteres internacionais. Em meio a uma sociedade arruinada pela guerra, Edin via os jornalistas das mais diferentes nacionalidades como um caminho para se reintroduzir no mundo ocidental – discutindo assuntos triviais como basquete, etc. -, e, principalmente, um modo de se manter ocupado.



De um modo diferente do que havia acontecido em *Uma História de Sarajevo*, Joe Sacco se relaciona de uma forma singular com Edin. Em ambas as obras o quadrinista declara ser amigo de seus guias, mas o que o leitor observa

em *Gorazde* é uma amizade diferente daquela estabelecida entre Sacco e Neven. A causa principal seja, talvez, o comportamento diferente de Edin em relação ao quadrinista. Durante sua passagem pela área de segurança, Joe ficava hospedado na casa do guia. Ao contrário de Neven, Edin sempre se mostrou solícito para Joe, sem esconder os acontecimentos mais sombrios e aterrorizantes que enfrentou durante a Guerra da Bósnia.

Graças às peregrinações e andanças pela cidade ao lado de Joe Sacco, Edin também pôde entrar em contato com as tragédias e sequelas que a guerra havia causado em outras pessoas, em outras famílias. Como tradutor, ele ouviu duras palavras de rancor e tristeza perante os ataques contra Gorazde – palavras que ele mesmo evitou durante um tempo.



Ao longo da obra, Edin guia Joe por grande parte de Gorazde, apresentando ao jornalista uma cidade em ruínas estruturais e psicológicas. Graças à amizade que floresceu entre eles, o guia relatou a Sacco inúmeras incursões armadas contra as forças sérvio bósnias de Karadzic e Mladic. Na maioria destes casos, Edin e os outros moradores de Gorazde que tentavam formar linhas de defesa perante as forças inimigas estavam mal equipados, e em condições físicas inadequadas – há, inclusive, a retratação de um caso em que

Edin, que tinha levado um tiro dias antes perto do olho, teve que se juntar às forças de defesa contra uma ofensiva sérvia em Gorazde.



Outra faceta da sobrevivência explicitada por meio dos testemunhos de Edin era a luta pela comida. Sacco retrata as inúmeras incursões floresta adentro em busca dos suprimentos humanitários despejados pelas forças da OTAN. O quadrinista consegue, por meio de páginas e quadros sombrios, representar o desespero dos cidadãos em busca de alimento por meio de *close-ups* em suas feições aterradoras – extremadas pelo traço cartunizado de Joe Sacco -, e o esforço praticamente sobre-humano para trazer o máximo de suprimento possível.



Para Joe Sacco, Edin é, primeiramente, um ótimo guia na área de segurança de Gorazde. Solícito e fluente na língua inglesa, o professor e estudante universitário conduz o quadrinista com maestria pelos meandros mais obscuros, e pelos pecados mais escondidos de uma sociedade cuja intolerância étnica vitimou milhares de civis. Edin também se torna um grande amigo de Joe, ao optar por um diálogo honesto acerca não apenas de suas opiniões sobre o conflito nos Balcãs, como também sobre suas origens históricas, dramas e traumas pessoais. Como sua filiação nas forças de defesa de Gorazde não provém de uma carreira militar, Edin personifica, na visão de Joe Sacco, uma das possíveis facetas do cidadão comum diante de um sanguinolento conflito.

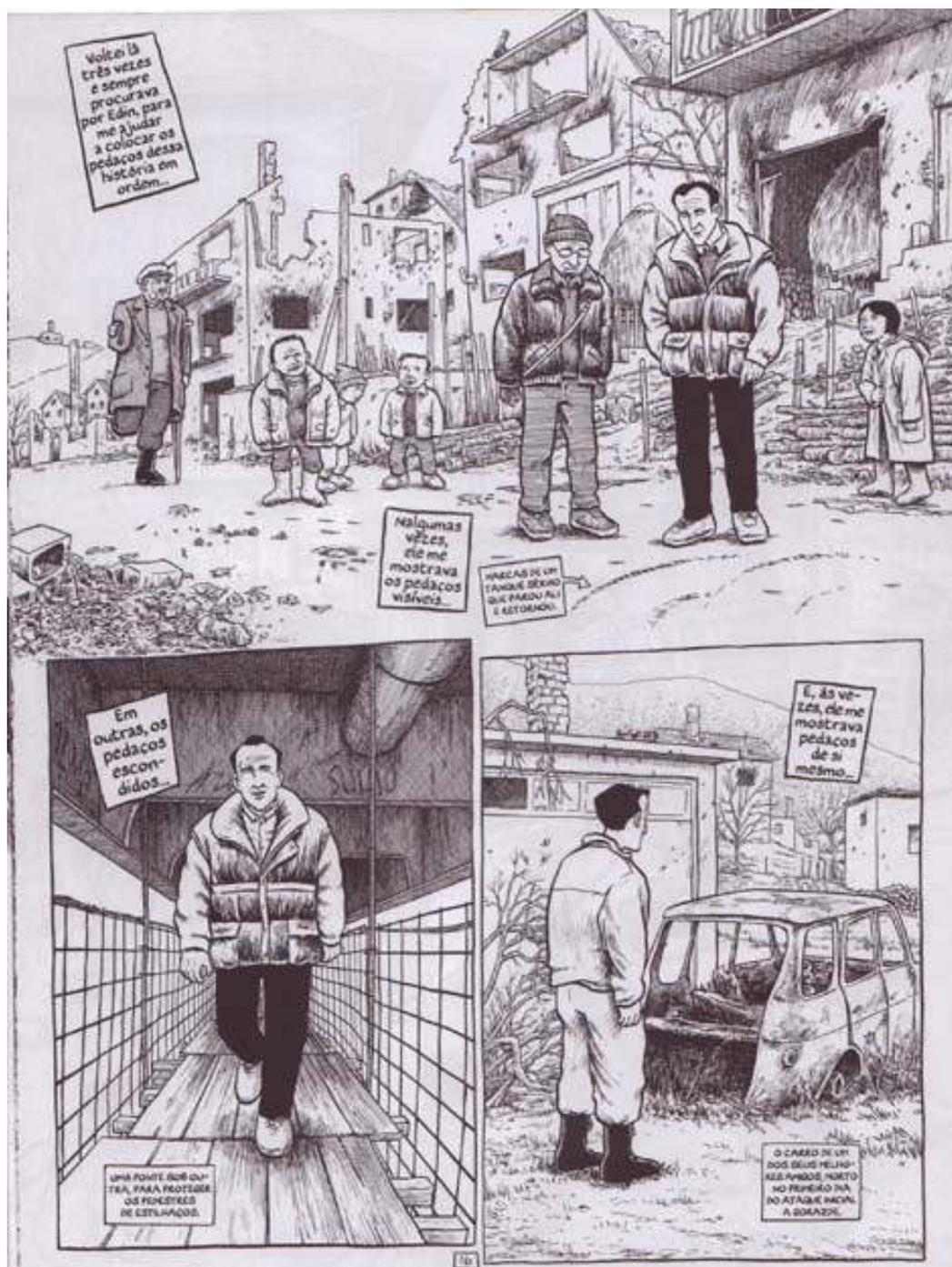
Se pudesse ser classificada como positiva ou negativa, a identidade de Edin para Joe Sacco tenderia para o lado positivo. Por meio dos testemunhos do professor sobre suas experiências durante a guerra, Sacco constrói a imagem de um homem modificado pelo conflito balcânico. Para Sacco, Edin é um homem ponderado, que admite que nem todos os sérvios odeiam os muçulmanos; entretanto, os traumáticos acontecimentos pelo qual teve que passar ao lado de seus familiares durante a Guerra da Bósnia, observando amigos e vizinhos se transformarem em inimigos mortais, ruíram quaisquer vínculos de confiança no povo sérvio – pelo menos nos sérvios bósnios provenientes do lado oriental do país. “Em Sarajevo dá para se viver junto com os sérvios, mas na Bósnia Oriental

é impossível. Nós não conseguimos distinguir os sérvios normais e os assassinos” (SACCO, 2005: 160).

Joe Sacco acompanha ao lado de Edin e outros personagens - que ainda serão citados neste trabalho - a divulgação da assinatura do Acordo de Dayton. Ao mesmo tempo em que a alegria pelo fim do conflito armado mais duradouro em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial foi transmitida com fidelidade pelos desenhos de Joe, o quadrinista também decide mostrar um tom de desconfiança entre os bósnios. Mesmo com a representação da dança de Dalila, que não sabia como extravasar sua alegria diante daquele momento, Edin, ao final da página 211, profere as seguintes palavras: “Eu não acredito”. A frase, que pode ser interpretada como prova de desconfiança no acordo, ou como uma exclamação de alegria, é retomada ao fim da obra. Edin, que após o fim da guerra voltou para Sarajevo, estava feliz com o rumo de sua vida pós-conflito. Morando com um casal de tios, Edin afirma para Joe que não sente necessidade de bens materiais de ótima qualidade, porque conhece a história dos Bálcãs. Sabe que as rusgas nacionalistas entre sérvios, croatas e muçulmanos são seculares, e que o conflito na Bósnia-Herzegovina entre 1992 e 1995 não era fruto de dois ou quatro anos de governos nacionalistas no poder – como pôde ser observado no capítulo anterior deste trabalho. Para Joe Sacco, Edin sabe que deve aproveitar o presente, enquanto nenhum nacionalismo ou rusga histórica explode em terras balcânicas novamente.



Vale dizer que, mesmo com um profundo e extenso estudo acerca da história da região e de suas tensões sócio-políticas, o trabalho de Joe Sacco em *Uma História de Sarajevo e Área de Segurança Gorazde* se calca nos relatos, testemunhos e diálogos dos dois principais guias do quadrinista: Neven e Edin. Por mais que a maior parte dos brutais e traumáticos relatos acerca da guerra em Gorazde tenham como fonte os próprios moradores – que serão abordados mais a frente neste trabalho –, a influência de Edin na escolha e na sugestão das fontes é presente. Como o próprio Joe Sacco afirma no início da obra, Edin é um guia competente, com contatos em diversas camadas sociais – desde militares a senhores de idade, passando por jovens estudantes, enfermeiras, médicos, etc.



O mesmo pode ser dito acerca de Neven, guia principal de Sacco em Sarajevo. É graças aos relatos do ex-combatente sobre os principais líderes paramilitares das forças muçulmanas que Sacco consegue construir de forma tão singular suas diferentes identidades. Pela mistura de dados oficiais, relatos de fontes que faziam parte do governo, das forças militares e, principalmente, pelos testemunhos de Neven sobre estes homens – vale destacar que o ex-combatente

conheceu a maioria dos senhores de guerra do lado muçulmano bósnio – que Joe chega ao resultado observado em *Uma História de Sarajevo*. Tais práticas se alinham aos conceitos de Geertz:

Olhar as dimensões simbólicas da ação social – arte, religião, ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum – não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida em favor de algum domínio empírico de formas não-emocionalizadas; é mergulhar no meio delas⁸²

O que se ressalta em um olhar mais cuidadoso é que Joe Sacco, por meio de extensos e inúmeros testemunhos de fontes oficiais, e outras marginalizadas pelos grandes meios de comunicação, não se propõe a buscar a imparcialidade diante da Guerra da Bósnia. Sacco deseja mostrar outras visões, outras opiniões que possam acrescentar-se à discussão acerca deste brutal e traumático conflito nos Bálcãs. E os quadrinhos se encaixam perfeitamente em sua empreitada de recriar eventos simbólicos a partir de testemunhos – com inúmeras idas e vindas aos anos passados. McCloud afirma:

Os quadrinhos oferecem recursos tremendos para todos os roteiristas e desenhistas: Constância e controle, uma chance de ser ouvido em toda parte, sem de compromisso... Oferece uma gama de versatilidade com a fantasia potencial do cinema e da pintura, além da intimidade da palavra escrita⁸³

Por meio da agilidade narrativa, e de todas as possibilidades técnicas que os quadrinhos possibilitam, Joe Sacco consegue destrinchar parte dos fantasmas e traumas de uma Bósnia assombrada pela guerra, e mostrar como o cidadão comum tem sua vida alterada em detrimento da guerra.

Ao se aprofundar nas identidades estabelecidas por Joe Sacco para os dois principais guias nas obras *Uma História de Sarajevo* (Neven) e *Área de Segurança Gorazde* (Edin), fica claro que estas personagens não guiam apenas o quadrinista por terras bósnias, como também norteiam indiretamente o leitor por este país arrasado pelos conflitos étnicos. Tanto Neven como Edin servem como articuladores das narrativas de *Sarajevo* e *Gorazde*, pois é a partir de suas

⁸² GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1989, p. 21

⁸³ McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. Hélcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro (Trad.), São Paulo: M. Books do Brasil, 2005, p. 212

perspectivas que Joe Sacco cria o fio-condutor de cada obra, e se torna o eixo estruturador delas. Em *Sarajevo*, graças às experiências militares de Neven, o quadrinista constrói uma narrativa predominantemente embebida no militarismo da Guerra da Bósnia; já em *Gorazde*, as origens civis e pacifistas de Edin guiam a narração da trama, embebida no lado civil do conflito balcânico.

4.2 Os Senhores de Guerra em *Uma História de Sarajevo*, e os Habitantes e Refugiados de *Área de Segurança Gorazde*

Após estabelecer o panorama acerca das identidades criadas por Joe Sacco para os principais personagens de *Uma História de Sarajevo* – Neven – e *Área de Segurança Gorazde* – Edin –, é o momento de se olhar com mais atenção os personagens secundários destas duas obras. Em conjunto, *Sarajevo* e *Gorazde* constroem uma visão ampla da situação da Bósnia-Herzegovina ao fim do conflito armado entre 1992 e 1995, mostrando a visão muçulmano bósnia da guerra. Para tal, como foi visto anteriormente, Joe Sacco realiza um amplo e complexo trabalho de pesquisa e diálogo com a população local – com ênfase na capital Sarajevo, e na área de segurança de Gorazde.

Na capital, devido à sua proximidade com o ex-combatente Neven, Sacco coletou material sobre os grandes senhores de guerra bosníacos: Ismet Bajramovic (Celo), Jusuf Prazina (Juka), Musan Topalovic (Caco) e Ramiz Delalic (Celo⁸⁴). Em *Gorazde*, Joe Sacco dá destaque aos moradores que sobreviveram ao cerco de mais de três anos que o vilarejo viveu. Além de Edin, Sacco dá maior destaque a alguns outros personagens, pertencentes ao círculo social do professor, como o combatente (e colega de faculdade de Edin) Riki, as “garotas tolas” – Kimeta, Sabina, Nudjejma -, Lejla e Ema, os familiares de Edin, o Dr. Alija Begovic e as enfermeiras do hospital de Gorazde, além de outras vítimas da guerra.

A escolha das personagens enquadradas por Joe demonstra de forma eficaz o caráter das duas obras. Em *Uma História de Sarajevo*, a escolha de se

⁸⁴ Vale destacar que Bajramovic e Delalic utilizavam o mesmo codinome – Celo – durante o conflito. O próprio Joe Sacco afirma, em nota ao fim do livro, que preferiu utilizar o codinome “Celo” para Bajramovic, personagem mais próximo de Neven. Neste trabalho, adotaremos a mesma postura: Bajramovic será tratado como “Celo”, e Ramiz será tratado como Delalic.

aprofundar nos senhores da guerra, personagens importantes no conflito balcânico, corrobora com o tom ficcionalizado/ romantizado da obra, pois a moldagem destas identidades tem como base dados e informações oficiais, mas principalmente os testemunhos de Neven – na posição de ex-paramilitar que conhecia a maioria destes homens. Sacco retrata inúmeros episódios violentos relacionados a estes senhores de guerra, ora os baseando nas memórias de Neven, ora os retratando segundo relatos de outras fontes.





Ao longo de *Uma História de Sarajevo*, Sacco se propõe a estabelecer um panorama completo do perfil dos grandes senhores de guerra bosníacos, retrçando suas origens pré-guerra, seus feitos durante o conflito e o rumo que suas vidas tomaram após a guerra. Por meio de vários *flashbacks* durante a obra, Sacco remonta o caminho trilhado por cada um destes senhores, mantendo o foco não apenas em suas origens, como nas possíveis causas de seu envolvimento no conflito, e como esta participação (e destaque nas forças paramilitares) na guerra alavancou a ascensão social destes personagens em uma sociedade em ruínas.



Constantemente, Joe Sacco contrapõe opiniões e testemunhos contrários em relação ao comportamento destes senhores de guerra na Bósnia. Uma de suas principais fontes oficiais, Jovan Divjak - coronel do exército bósnio durante a guerra -, tem seus testemunhos colocados como contraprova às opiniões e leituras dos fatos dadas por Neven – ex-membro de uma destas unidades paramilitares, os Boinas Verdes -, que era a favor das vantagens obtidas por paramilitares. “Aqueles que estão defendendo a cidade não devem ter seus privilégios? (...) E se você e outros homens de Celo tomam o que querem das coisas que estão estragando ali, ‘o que há de errado nisso?’” (SACCO, 2005: 53)



Sacco também apresenta testemunhos de pessoas cujas vidas foram transformadas pelas ações de paramilitares, como no caso da mulher que se

tornou viúva pelas mãos de Caco, e ainda perdeu seu apartamento para uma das namoradas do guerrilheiro, ou o sérvio raptado por dez dias para cavar trincheiras – prática destinada aos homens que haviam escapado do serviço militar.



Concomitantemente ao fim de *Uma História de Sarajevo*, Sacco põe ponto final aos destinos e rumos destes senhores de guerra, revisitando a corrente de revoltas destas unidades paramilitares contra o governo de Izetbegovic, determinando quais morreram – no caso de Caco e de Juka, estipula-se que as mortes tenham vindo pelas mãos do governo muçulmano bósnio, porque ambos sabiam demais sobre as ações obscuras e secretas do líder muçulmano bósnio -, ou quais sobreviveram à guerra – casos de Delalic e Ismet Bajramovic, que posteriormente se envolveram com problemas com a lei.



A impressão que fica ao fim da trajetória destes senhores de guerra é de uma desconstrução da imagem estabelecida por algumas perspectivas, que indicavam que apenas os sérvios cometeram crimes de guerra no conflito balcânico. Por meio dos testemunhos e relatos de diversas fontes, Joe Sacco explicita as cruéis práticas de alguns senhores de guerra bosníacos – retratando roubos, agressões, assassinatos e provas de violência contra diversos setores da população. Neste sentido, os relatos de Neven servem, por diversas vezes, como contraponto à imagem criminoso destes combatentes – sem, entretanto, negar todas as acusações atribuídas a estes grupos.

Tais identidades atribuídas aos senhores de guerra bosníacos mantêm o tom de cinema de ação *hollywoodiano* estabelecido através dos diálogos de Joe Sacco com Neven. Nestes *flashbacks* que contam a trajetória, e os feitos dos diferentes combatentes paramilitares bosníacos, suas personalidades se assemelham às de qualquer típico vilão de cinema – Sacco mostra a mudança de *status* destes homens, que eram cidadãos comuns antes da guerra, e se tornaram homens influentes e poderosos durante o conflito, cometendo, inclusive, diversas barbáries, como assassinatos a sangue frio, etc.

Mais importante do que a narração da trajetória destes senhores feita de forma dinâmica e ágil é a transformação do cidadão comum em um criminoso em

detrimento da guerra. Se tome o exemplo de Musan “Caco” Topalovic para ilustrar o ponto em discussão.



Caco era um músico folclórico antes do início da Guerra da Bósnia. Entretanto, como todos os cidadãos bósnios, teve sua vida completamente modificada graças ao conflito e, pela evolução dos acontecimentos, se tornou um importante combatente bósnio. Sua unidade, a 10ª Brigada da Montanha, teve grandes responsabilidades na defesa de importantes pontos estratégicos para o governo muçulmano. Graças à sua coragem no front, Caco e seus comandados ganharam poder e respeito perante o governo de Izetbegovic – que, graças a dificuldades para reforçar o exército, tinha nas unidades paramilitares sua grande força. De forma similar aos outros senhores de guerra citados em *Uma História de Sarajevo*, Caco sabia que era fundamental ao governo muçulmano bósnio, e sentia-se no direito de cometer os mais diversos crimes. Como Neven explicita mais a frente em *Sarajevo* - e o próprio Joe Sacco pondera -, havia uma corrente de pensamento entre os paramilitares que lhes garantia impunidade graças aos seus feitos de guerra, sua defesa da unidade muçulmano bósnia como um todo.



Ao fim, Caco acaba sendo preso pelo exército, sob liderança de Izetbegovic, e forças policiais. Sacco ressalta que a prisão havia sido conturbada, pois Topalovic chegou inclusive a fazer reféns durante este processo. O quadrinista ressalta a divergência de opiniões sobre a prisão de Caco, e seu falecimento subsequente – mostrando as diferentes versões de Neven, Ali Babic [chefe da inteligência à época] e a jornalista Selimbegovic. Dentre as versões, a de Neven é a mais mítica – envolvendo uma lenda acerca do ódio nutrido por Topalovic pelos sérvios.

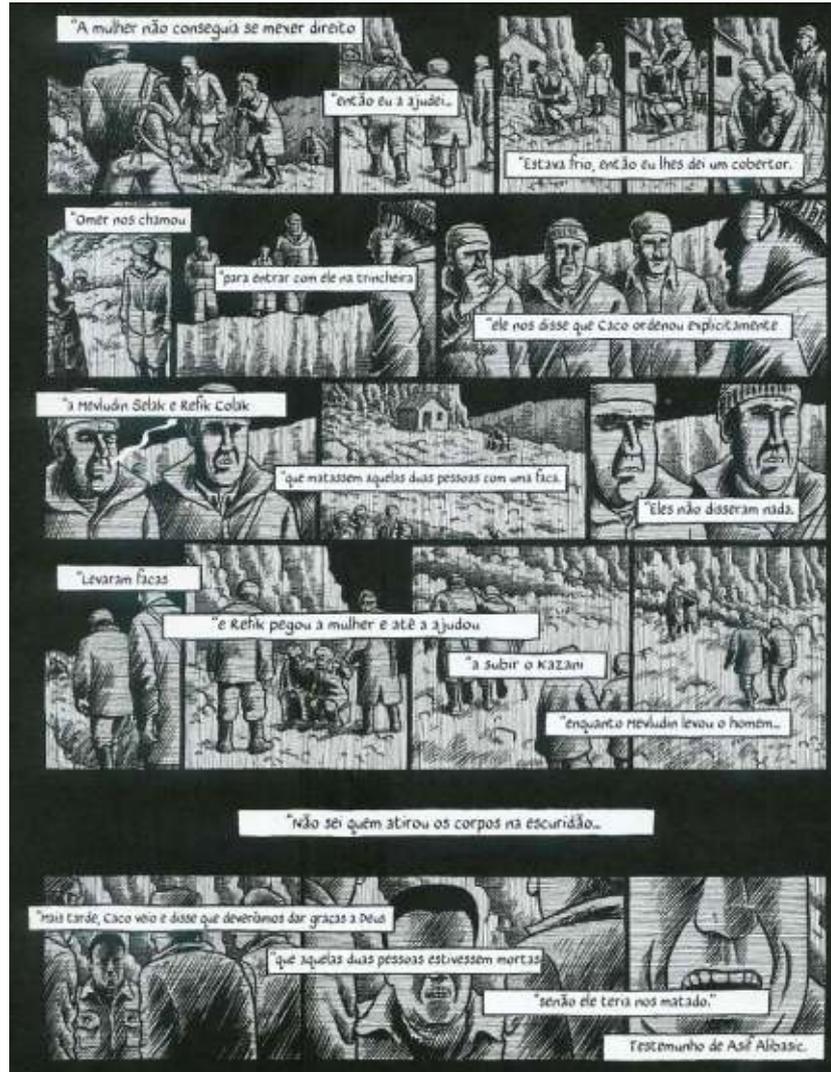
Joe Sacco mostra os possíveis interesses por trás da morte de Caco, conhecedor e observador de inúmeras atrocidades e assassinatos que poderiam complicar a situação política do presidente Alija Izetbegovic.

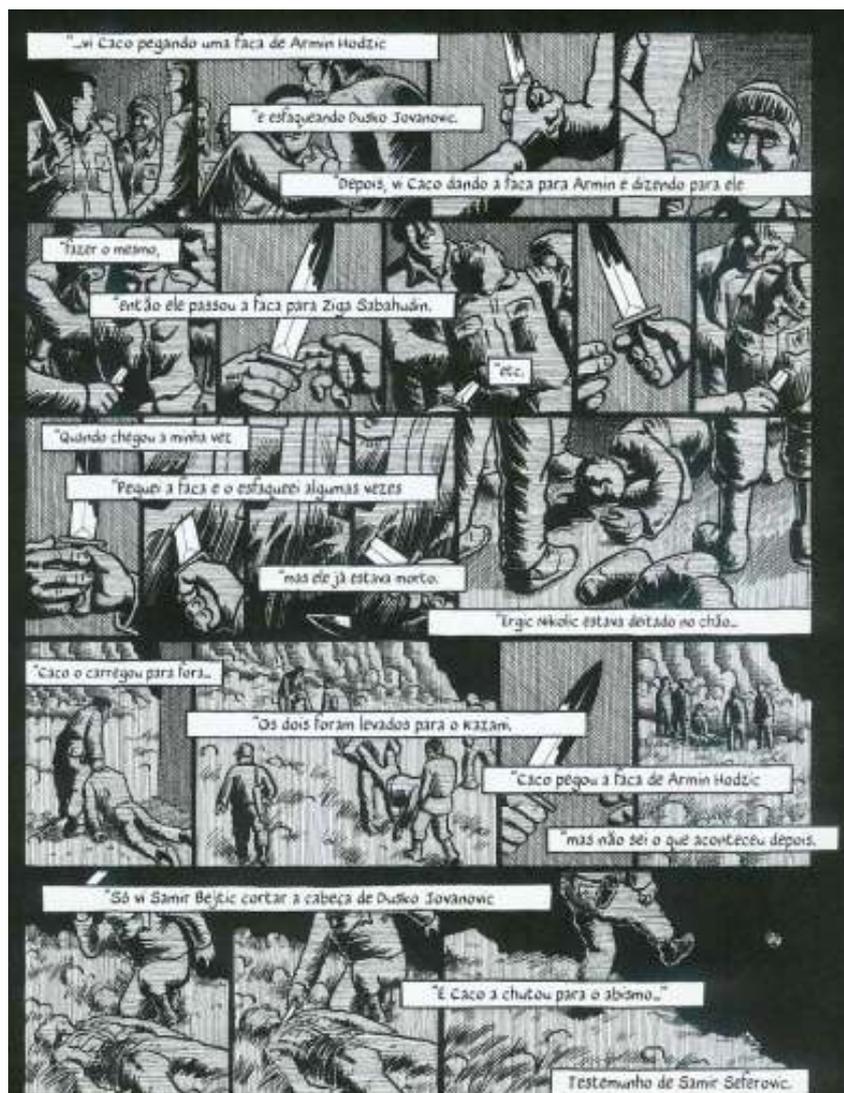


Sacco também retrata o enterro público de Caco, em novembro de 1997, mostrando a presença de diversas pessoas - inclusive o filho de Izetbegovic, Bakir. O enterro foi considerado como uma reabilitação de sua imagem, transformado de criminoso de guerra a uma espécie de herói nacional.



Esta possível redenção da imagem de Caco perante a opinião pública bósnia é emblemática. Pode ser interpretada como um possível *mea culpa* do governo de Alija para com um de seus maiores aliados durante o conflito balcânico. Entretanto, logo após a retratação do enterro público, Joe Sacco reproduz dois depoimentos publicados em uma revista local – a revista *Dani* – sobre alguns dos crimes ordenados por Caco durante a guerra. Os depoimentos foram publicados no mesmo mês do enterro público do combatente.





As duas páginas criadas por Joe Sacco para retratar os dois depoimentos publicados na revista *Dani* podem ser entendidas de forma simbólica. A disposição dos quadros, o sombreamento, o foco nas expressões dos personagens envolvidos e a diagramação dos testemunhos de Asif Alibasic e Samir Seferovic emulam a teia de diferentes opiniões, versões e posicionamentos que constituiu a Guerra da Bósnia – além, é claro, de mostrar assassinatos a sangue frio, prática corriqueira deste conflito. “O layout da página possui efeitos de grande impacto, técnicas de desenho e cores chamativas que conseguem captar a atenção do criador” (EISNER, 2005: 5)

Ao focalizar a trajetória de Caco e dos outros senhores de guerra, se percebe não apenas o recorte histórico e o detalhamento de suas trajetórias pessoais, como também um comportamento característico em tempos de guerra.

Estes senhores servem como personificação do lado oportunista e inescrupuloso do ser humano durante um conflito armado, e focaliza nos cidadãos que vêem neste cenário uma oportunidade de ascensão social ao custo de quaisquer barbáries necessárias – sejam estupros, roubos ou assassinatos a sangue frio, como no caso da Bósnia. Por causa da guerra, homens como Caco, Juka e outros não só defendem seus territórios, como também se tornam opressores sociais.

Já em *Área de Segurança Gorazde*, o panorama mostrado por Joe Sacco por detrás dos testemunhos representados pelo quadrinista tem um viés diferente. Os diálogos com os moradores do pequeno enclave de Gorazde servem não apenas como forma de dar atenção a um local quase que completamente esquecido pela grande mídia – e pelo próprio governo de Alija Izetbegovic -, como mostram pessoas cujas vidas foram severamente modificadas pela guerra, e mesmo assim objetivaram a sobrevivência. Há de se lembrar que o tom de oportunismo, ou transgressão de valores sociais – como as leis – também está presente, mas Sacco ressalta – pela escolha dos personagens focalizados – o desejo pela sobrevivência e medo da guerra.

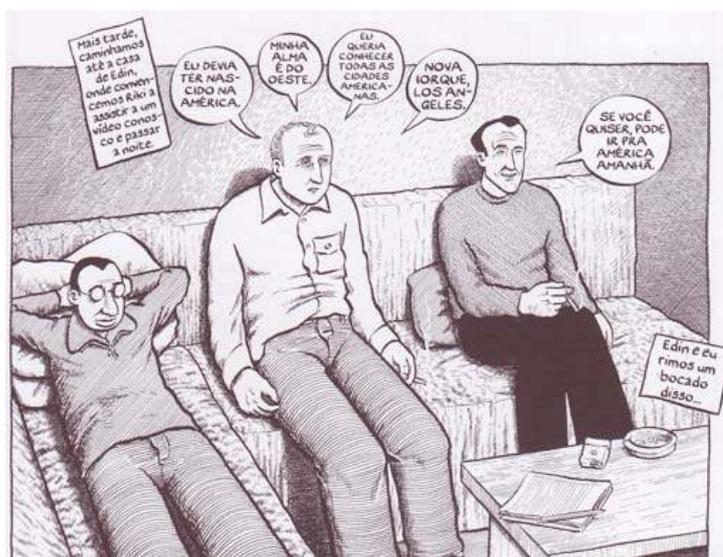


Dentre as personagens secundárias de *Gorazde*, um dos que tem maior destaque é o amigo de faculdade de Edin, Riki. Durante a passagem de Sacco no pequeno enclave, Riki ainda estava ligado às forças militares. Tal qual outros habitantes retratados na obra, Riki é um pacifista que se encontra envolto pelo

ambiente hostil e violento que surge com a guerra. Apresentado como uma pessoa irreverente, ele proporciona alguns dos momentos de humor de *Gorazde*.



Sacco retrata Riki como um admirador da cultura norte-americana. Esta admiração pode ser claramente percebida pelo vasto repertório musical apresentado pelo estudante e combatente, e pelos diálogos de gratidão a Joe, como forma de agradecer ao envolvimento norte-americano no período final do conflito. As aparições de Riki ao longo da obra são pontuais – devido às suas obrigações com o serviço militar e as forças de defesas de Gorazde -, como acontece com a maioria dos personagens secundários da obra.



Outro personagem secundário de destaque na obra é o Dr. Alija Begovic, principal médico do hospital do enclave de Gorazde. Alija procura transpor as dificuldades impostas pela guerra para sobreviver e, também, para cuidar dos milhares de pacientes que atendeu durante a guerra. O doutor é um homem esclarecido que, logo no início do conflito, percebe quais eram os objetivos de grande parte dos sérvios: separar-se por quaisquer métodos necessários dos muçulmanos bósnios.



Durante *Área de Segurança Gorazde*, Joe Sacco retrata histórias e acontecimentos relacionados às péssimas condições de trabalho de Begovic, ilustrando a precariedade do tratamento aos feridos de guerra durante o conflito balcânico. Além disso, em certo ponto da trama Sacco reproduz um episódio marcante durante a guerra: o ataque sérvio bósnio às dependências do hospital de Gorazde.



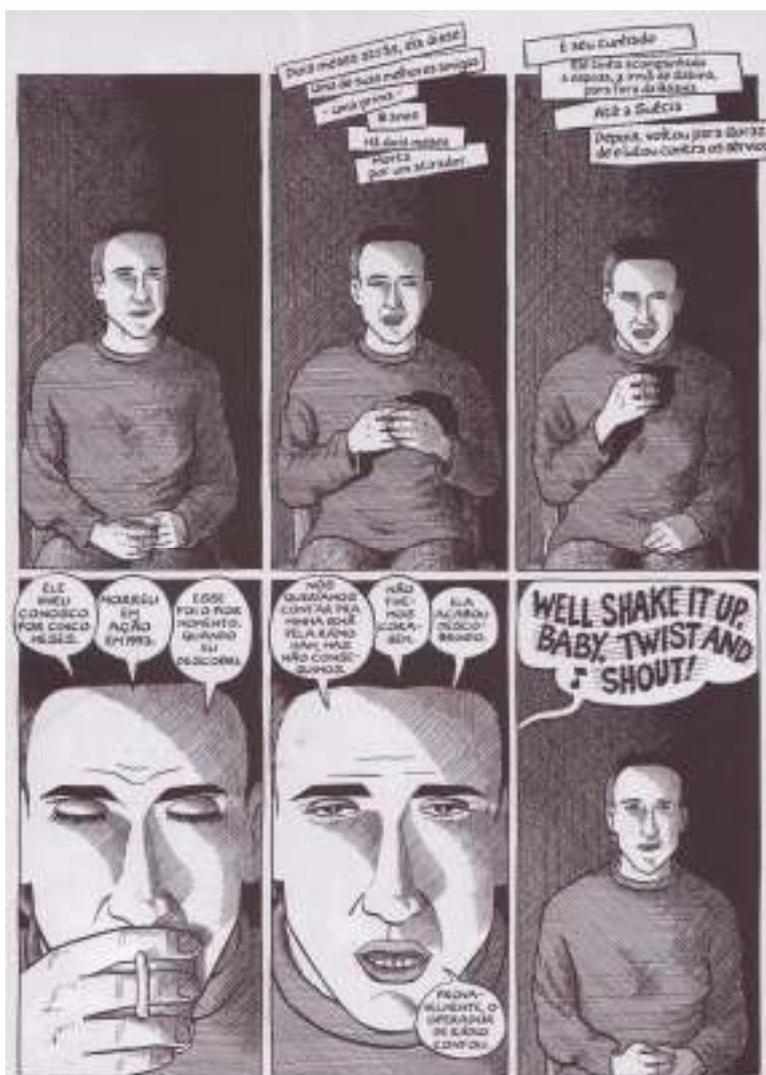
Por fim, vale destacar também a representação de um pequeno grupo de garotas de Gorazde, denominadas por Joe como as “Garotas Tolas”. Não há um destaque maior entre estas garotas, pois elas representam, para Joe, a juventude do enclave. Em seus encontros com as “Garotas Tolas”, Joe dialoga não apenas sobre os traumas e tragédias causadas pela guerra, mas também coleta testemunhos sobre coisas triviais, e o olhar do jovem sobre o conflito.



Vale destacar que o pedido por “jeans feitos na América” reflete a forte influência do mundo capitalizado pela ideologia norte-americana na juventude bosníaca. O grupo de jovens retratado nas sequências “Garotas Tolas” ao longo da obra busca não apenas relatar o comportamento da juventude bosníaca diante

do novo cenário de intolerância étnica estabelecido com a guerra, como também procura mostrar as influências da ideologia cultural norte-americana nesta parcela da população balcânica – que, mesmo em meio a uma sociedade arruinada ainda se preocupa com peças de roupa de marca, como um *jeans* original.

Pelo comportamento característico de grande parte dos mais jovens, Sacco tem maiores dificuldades em obter respostas para as perguntas acerca do conflito. Entretanto, Joe relata testemunhos marcantes, como quando questiona a jovem Sabina, de 18 anos, sobre o pior momento da guerra em sua opinião.

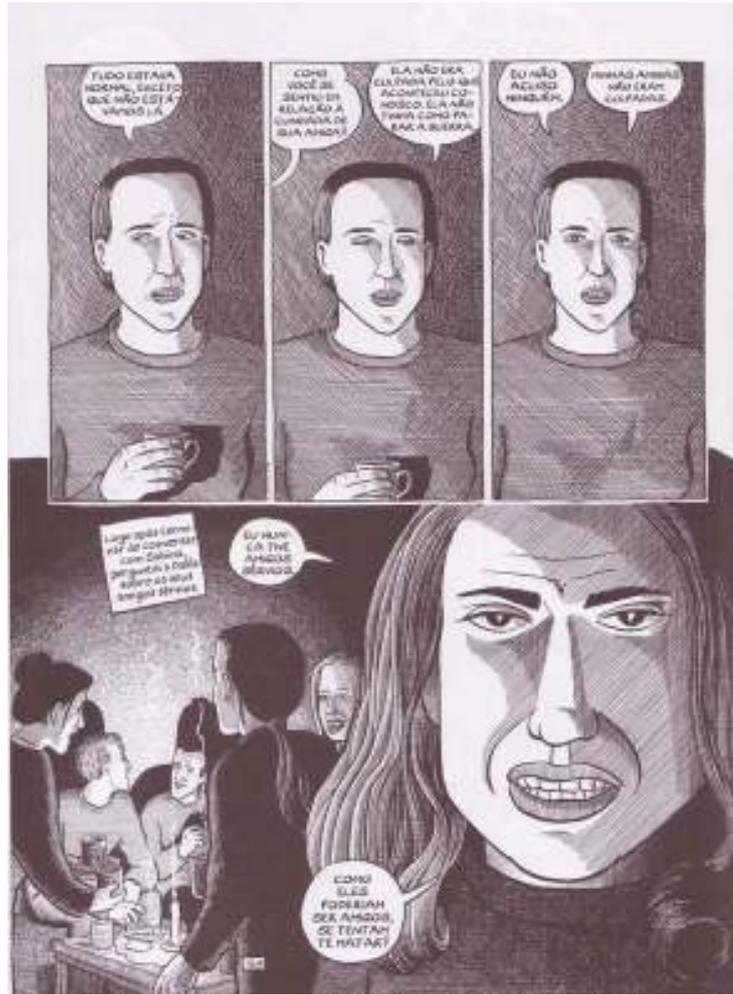


A quantidade de personagens e fontes com quem Joe Sacco dialoga ao longo de *Gorazde* é extensa, e os dados, testemunhos e opiniões coletados servem como alicerce para uma heterogênea identidade dos refugiados e sobreviventes do enclave de Gorazde – que, por sua vez, servem como espelho

da sociedade bósnia para Joe Sacco. Durante sua passagem no enclave, Sacco procurou realizar o maior número de entrevistas possíveis com as mais diferentes fontes, para estabelecer um panorama completo de como o conflito – e o cerco sérvio – modificou a rotina e a vida dos moradores.

Sacco mostra em *Área de Segurança Gorazde* como a educação, a saúde pública, o cotidiano e a convivência entre as etnias sérvia e muçulmana se modificaram substancialmente durante o cerco sérvio. O quadrinista procura demonstrar como os nacionalismos inflados aliados à ineficiência da comunidade internacional – que será explorada mais adiante neste trabalho - serviram para agravar as rugas históricas existentes em território balcânico.





Ao se observar a identidade atribuída por Joe Sacco aos personagens secundários de *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, percebe-se que há uma consonância com os personagens principais das duas obras. Por meio de uma longa série de relatos e testemunhos, a representação dos senhores de guerra assemelha-se à construção da identidade de Neven, e os moradores, refugiados e sobreviventes de Gorazde também apresentam fortes semelhanças à identidade atribuída a Edin.

Em *Uma História de Sarajevo* pode se observar como a guerra influencia as relações sociais entre os cidadãos bósnios, focalizando em uma faceta mais sombria do ser humano. Na obra, Joe Sacco apresenta personagens de diversas origens pré-Guerra da Bósnia e que, graças aos seus atos de bravura e sucesso em campanhas paramilitares, se tornam líderes marginais de uma sociedade em ruínas. Em uma Bósnia esfacelada por bombardeios sérvios e limpezas étnicas por todos os lados envolvidos, Sacco detalha o caminho de homens que decidiram se aproveitar do cenário para transgredir barreiras impostas pela lei ao cometer assassinatos a sangue frio, roubos e estupros. Nesta construção, Neven representa não apenas um exemplar proveniente dessa classe paramilitar bosniaca, como também é o encarregado de apresentar o outro lado, a opinião e os posicionamentos destes militares e opressores sociais.



Área de Segurança Gorazde representa uma espécie de quadro sobre a sobrevivência humana em meio a um cenário hostil, como o presenciado por Joe Sacco no pequeno enclave cercado por forças sérvio bósnias desde o começo da guerra. Ao dialogar com moradores e refugiados de Gorazde, o quadrinista coleta relatos e testemunhos de grandes atrocidades cometidas contra civis (como idosos, mulheres e crianças), condições praticamente desumanas de vida, e, por fim, feitos heróicos que objetivaram a sobrevivência. O tom dos testemunhos e diálogos do povo de Gorazde se relaciona intimamente com a identidade do guia Edin para Joe. O guia é, talvez, o maior exemplo de sobrevivência observado naquele enclave por Joe Sacco, e representa com fidelidade a classe de sobreviventes de Gorazde, que teve que abdicar de muito para se manter viva. Tal como grande parte das fontes de Joe no enclave, Edin também passou por situações com risco de morte no *front*, observou sua casa ser destruída pelas forças inimigas e perdeu grandes amigos no conflito. Em oposição a Neven, tanto Edin como Riki - e outras pessoas que Sacco conheceu em Gorazde - não se alistaram em forças paramilitares para se aproveitar da sociedade destruída que era vigente no período. Neven não é caracterizado como um grande ladrão ou assassino, mas não tem sua culpa eximida por Joe Sacco; para o quadrinista, Edin e os personagens secundários de *Gorazde* representam uma classe de cidadãos que pegou em armas apenas em nome da sobrevivência, e que não se aproveitou da situação para oprimir membros de outras etnias.



Por fim, os personagens secundários representam a parcela da Bósnia-Herzegovina que se surpreendera com a mudança de comportamento de cidadãos comuns, como vizinhos e amigos de outras etnias. Vale destacar que

Sacco não conversou apenas com muçulmanos durante sua passagem, pois relatou testemunhos de sérvios bósnios pacifistas que escolheram permanecer no enclave ao lado de outras etnias. Constantemente durante a obra há relatos e testemunhos de pessoas que não acreditavam na mudança de comportamento de antigos amigos e vizinhos, pacíficos durante anos a fio, que se transformaram em assassinos, em inimigos mortais.



De um modo distinto da construção das identidades dos senhores de guerra em *Sarajevo*, os moradores e refugiados do enclave de Gorazde se constituem como um grande e complexo mosaico de vivências e percepções da guerra, e do cotidiano de um sobrevivente ou refugiado em um enclave sob constante cerco inimigo. Por meio de uma gigantesca série de diálogos e

testemunhos, Joe Sacco molda um intrínseco quebra-cabeças, que simboliza uma rica sociedade multi-étnica que busca sobreviver em meio a um caos instigado por lideranças nacionalistas.

Todas estas informações, relatos e testemunhos são reproduzidos de maneira contundente em quadrinhos pelas mãos de Joe Sacco. O quadrinista se utiliza de artifícios típicos do meio, como a liberdade temporal na construção da narrativa, os diferentes enquadramentos, sombreamentos e perspectivas para ressaltar a dramaticidade ou explicitar as barbáries relatadas pelas fontes – além de manter o leitor atento à narrativa. “(...) nos quadrinhos, o controle sobre o leitor é conseguido em dois estágios: atenção e retenção. A atenção se consegue com imagens provocantes e atraentes. A retenção é obtida através de uma organização lógica e inteligível das imagens” (EISNER, 2005: 55).

Tendo visto os personagens principais e secundários em *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, se faz necessário um olhar mais profundo acerca da identidade atribuída por Joe Sacco às personagens oficiais envolvidas na Guerra da Bósnia.

4.3 Os políticos, responsáveis militares da ONU e autoridades internacionais em *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*

Após refletir acerca das identidades atribuídas pelo quadrinista Joe Sacco para as personagens principais – Neven e Edin – e secundárias – senhores de guerra, moradores, refugiados e sobreviventes de Gorazde – das obras *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, surge a necessidade de se observar com maior atenção as identidades das personagens oficiais envolvidas na Guerra da Bósnia: os políticos e responsáveis militares balcânicos, além das autoridades internacionais que tiveram envolvimento no conflito – como o presidente norte-americano no período, Bill Clinton, e encarregados da Organização das Nações Unidas (ONU).

Percebe-se durante as obras aqui analisadas que, antes de aportar em terras balcânicas, Joe Sacco realizou um vasto estudo sobre o panorama sócio-político da Bósnia – e, subsequentemente, da antiga Iugoslávia – para tentar compreender a crise que levava sérvios, croatas e muçulmanos bósnios à guerra.

Os dados históricos são apresentados conjuntamente aos testemunhos e depoimentos coletados tanto com os personagens principais – grande parte dos relatos sobre o passado histórico iugoslavo-bósnio é coletada com Edin -, como com as falas e declarações de antigos oficiais bósnios, como Munir Alibabic (ex-chefe do serviço secreto bósnio) ou Jovan Divjak (coronel do exército bósnio).

Vale pontuar que, em comparação a *Gorazde, Uma História de Sarajevo* há uma quantidade muito inferior de aparições e referências a personagens oficiais relacionadas ao conflito. Em *Sarajevo*, Joe Sacco se concentra em abordar o problema sócio-político dos senhores de guerra paramilitares e, para tal, focaliza o envolvimento dúbio do então presidente Alija Izetbegovic com personagens como Caco, Juka e outros citados anteriormente neste estudo.

Em *Sarajevo*, o presidente bósnio Alija Izetbegovic é representado como um político intimamente relacionado com as unidades paramilitares controladas por senhores de guerra bosníacos. Joe Sacco retrata Izetbegovic ao longo da obra como um governante tolerante para com as barbáries cometidas pelos paramilitares e pouco eficaz no combate aos desatinos de autoridade por eles cometidos.



Joe Sacco representa também a mudança de comportamento por parte do governo de Izetbegovic no período final do conflito, quando os atos de insubordinação dos senhores de guerra se tornam intoleráveis – principalmente pelo gradativo aumento de massacres relacionados às forças paramilitares.



Ao fim, Sacco retrata em *Sarajevo* a captura – e subsequente morte – de Caco Topalovic de maneira emblemática. Como já explicitado anteriormente neste estudo, Musan Topalovic apresentou forte resistência para se entregar às forças governamentais – voltando-se contra um de seus maiores aliados durante a Guerra da Bósnia, Izetbegovic. Alibabic inclusive especula sobre a morte misteriosa de Caco:

A dúbia relação de Izetbegovic e o governo muçulmano bósnio é ilustrada pela retratação do enterro público de Caco, em 1997; Joe Sacco especula que o enterro seria uma tentativa de “redenção” da imagem de criminoso atrelada ao senhor de guerra. Logo após isso, como já citamos anteriormente, Sacco faz sua própria reconstituição de crimes atribuídos ao grupo paramilitar de Caco, retirados de depoimentos de ex-combatentes publicados na revista *Dani*. O quadrinista também reproduz o presidente Izetbegovic repercutindo os depoimentos, corroborando com a dubiedade de relações com os senhores de guerra.



O presidente Alija Izetbegovic é citado em menor frequência em *Área de Segurança Gorazde*. De modo diferente do que ocorre em *Sarajevo*, Joe contextualiza o leitor por meio de muitos mapas e dados, sem necessariamente adentrar nas relações políticas dos líderes balcânicos com tanta profundidade. De qualquer modo, Izetbegovic é rememorado como um dos líderes com mais influência – principalmente por suas declarações inflamadas contra os sérvios bósnios. Da mesma forma, o líder sérvio bósnio Radovan Karadzic, e o sérvio Slobodan Milosevic também são representados pelo quadrinista como principais instigadores da violência que levou o país ao conflito ocorrido entre 1992 e 1995.





Em *Gorazde*, o principal foco em relação às autoridades políticas reside na ineficiência do governo norte-americano e da ONU no conflito. A partir da página 148, Sacco centraliza a narrativa nos imbrólios políticos acerca das áreas de segurança, que em meados de maio de 1993 se envolveu diretamente nas áreas de segurança em território bósnio. Por meio de uma complexa reconstrução de fatos, declarações e posicionamentos, Joe Sacco realiza uma dura crítica à ONU e ao governo norte-americano de Bill Clinton.





Na sequência *A Ofensiva de 1994* – situada entre as páginas 162 e 187 –, Joe Sacco aprofunda a narrativa na ofensiva sérvio bósnia no enclave de Gorazde, e cita mais frequentemente os grandes líderes internacionais envolvidos no conflito balcânico. Entremendo depoimentos e testemunhos de Edin sobre as ações militares e reações dos moradores e refugiados de Gorazde, Sacco reconstitui declarações dadas por Bill Clinton, membros da ONU – como o secretário de defesa, William Perry, e o oficial superior da entidade na antiga Iugoslávia, Yasushi Akashi – e mapas da região de Gorazde, indicando os avanços das forças de Mladic e Karadzic.



Dada a evolução dos acontecimentos à época, que colocaram as vidas dos habitantes de Gorazde em grande risco, e os erros diplomáticos cometidos pela ONU e pelo governo norte-americano de Bill Clinton, Sacco remonta o clima de tensão política que estava instaurado na área de segurança. Neste ponto, o uso dos quadrinhos corrobora com a crítica de Joe Sacco à postura destes órgãos internacionais, pois o quadrinista exacerba as características físicas dos envolvidos pelo seu traço cartunizado – como se observa na expressão facial de Bill Clinton no quadro abaixo, onde o presidente norte-americano recua em suas resoluções contra os exércitos de Karadzic, por exemplo.



A este ponto da trama, Sacco rememora a cada quadro desenhado o caminho traçado por fiascos diplomáticos e atitudes de autoridades internacionais para a derrocada de Gorazde. Graças à liberdade estética proporcionada pelas HQs, Joe relata de maneira fidedigna a angústia dos combatentes que defendiam o enclave, simultaneamente à representação da demora no tempo-resposta da comunidade internacional diante do caos instaurado na área de segurança de Gorazde. Sobre esta narrativa gráfica diferenciada, Eisner declara:

O processo de escrever para uma narração gráfica está relacionado com o desenvolvimento do conceito, a descrição dele e a construção da sequência narrativa para traduzi-lo em imagens. O diálogo auxilia as imagens e ambos estão a serviço da história. Eles se combinam e

emergem como um todo sem emendas. (...) Isso [quando escritor desenhista são a mesma pessoa], é claro, encurta a distância entre a ideia e sua tradução gráfica, criando um produto que reflete mais intimamente o intento do escritor⁸⁵

Por meio de quadros sombrios, com conteúdos de violência explícitos - intercalados com outros que mostram políticos e oficiais discutindo a situação sócio-política do enclave -, Sacco realiza uma severa crítica às autoridades e forças por trás do conflito.



O quadrinista também representa as relações e posicionamentos de oficiais da ONU, enviados à Bósnia para auxiliar os refugiados e as áreas de segurança. Há dois personagens da ONU duramente criticados por sua falta de preocupação para com os moradores de Gorazde: o Tenente-General Sir Michael Rose, membro do alto escalão da ONU na Bósnia, e o Tenente-General Bernard Janvier, da França. Ambos os tenentes-gerais são caracterizados como oficiais que procuram evitar ao máximo o envolvimento da ONU na guerra – para que a organização não desrespeite seus próprios princípios de neutralidade em conflitos deste gênero; para tal, o custo de vidas civis, e até de seus próprios soldados e emissários é altamente negociável.

⁸⁵ EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. Leandro Luigi Del Manto (Trad.), São Paulo: Devir, 2005, p. 115



Sacco reconstitui parte do massacre de muçulmanos em Srebrenica para que o leitor compreenda a influência das decisões políticas da ONU, que questionava se a defesa das áreas de segurança mantinha sua neutralidade na guerra. Logo após esta reconstituição, Joe rememora a queda de outra área de segurança, a de Zepa, que deveria estar sob proteção da ONU – que se exime de tal responsabilidade.



A derradeira crítica à postura das autoridades militares internacionais feita por Joe Sacco é retratada na imagem dos sérvios despejando os corpos dos assassinados em Srebrenica em valas comuns. Após isso, o Secretário de Estado dos Estados Unidos à época, Warren Christopher, dá o ultimato tardio aos sérvios bósnios; a partir daí se iniciam os bombardeios aéreos da OTAN contra as forças de Karadzic e Mladic. Depois destes bombardeios os rumos da guerra mudam, e o conflito na Bósnia vê seu fim mais próximo.



Na sequência *Paz – Parte 3*, Joe Sacco retrata por uma última vez os líderes étnicos da antiga Iugoslávia, envolvidos na Guerra da Bósnia: Alija Izetbegovic, Slobodan Milosevic e Franjo Tudjman. Sacco reforça a tensão entre estes líderes ao realçar suas expressões de desconfiança e insegurança uns nos outros, carregadas de certo ressentimento pelos atos bárbaros cometidos por cada uma das etnias envolvidas durante a guerra.



Após observar a representação de autoridades internacionais envolvidas no conflito balcânico, e de grandes lideranças políticas internas da Bósnia, é notada uma forte crítica às posturas destas autoridades perante os massacres que aconteciam na Bósnia-Herzegovina durante a guerra. Sacco atribui a estes responsáveis uma demora no tempo-resposta, que se mostrou determinante para milhares assassinatos e massacres – como pode ser observado de forma clara nas declarações do Tenente-General da ONU Bernard Janvier acerca das áreas de segurança na Bósnia-Herzegovina.

Por meio de uma complexa e extensa pesquisa de dados acerca da Guerra da Bósnia, entremeada por uma vasta coleta de testemunhos de vítimas da guerra, Joe Sacco molda as identidades atribuídas aos políticos e autoridades internacionais envolvidas no conflito balcânico de maneira objetiva. O quadrinista seleciona inúmeros episódios e acontecimentos emblemáticos no conflito na Bósnia, nos quais os políticos e autoridades internacionais falharam diplomaticamente e humanisticamente em relação à parcela civil dos habitantes da Bósnia-Herzegovina.

Pela observação da retratação destes políticos em *Uma História de Sarajevo e Área de Segurança Gorazde* percebe-se que, para Joe Sacco, a ineficiência dos envolvidos em controlar e apaziguar as tensões nacionalistas internas da antiga Iugoslávia e a demora no tempo-resposta de autoridades internacionais para adentrar no conflito foi determinante para que tantos crimes fossem cometidos em território balcânico – e para que as etnias que formam a Bósnia-Herzegovina cultivassem rugas plantadas por mentes nacionalistas ao longo dos séculos.

4.4 Quem são os jornalistas em Sarajevo e Gorazde?

Após discutir as identidades atribuídas por Joe Sacco aos personagens principais, secundários e oficiais das obras *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, urge a necessidade de se discutir a representação e opinião do quadrinista acerca dos jornalistas e meios de comunicação presentes no território da Bósnia-Herzegovina à época do conflito nos Bálcãs.

Percebe-se nas obras aqui analisadas uma crítica às práticas e posturas de grande parte da mídia internacional que fora cobrir os eventos do conflito balcânico. Em *Uma História de Sarajevo*, a maior parte das representações de jornalistas estrangeiros é proveniente das experiências de Neven como guia profissional em Sarajevo. A partir dos testemunhos de Neven, Sacco relata que a Guerra da Bósnia atraía uma grande quantidade de jornalistas quando aconteciam os maiores massacres étnicos ou grandes barbáries se tornavam conhecidas.



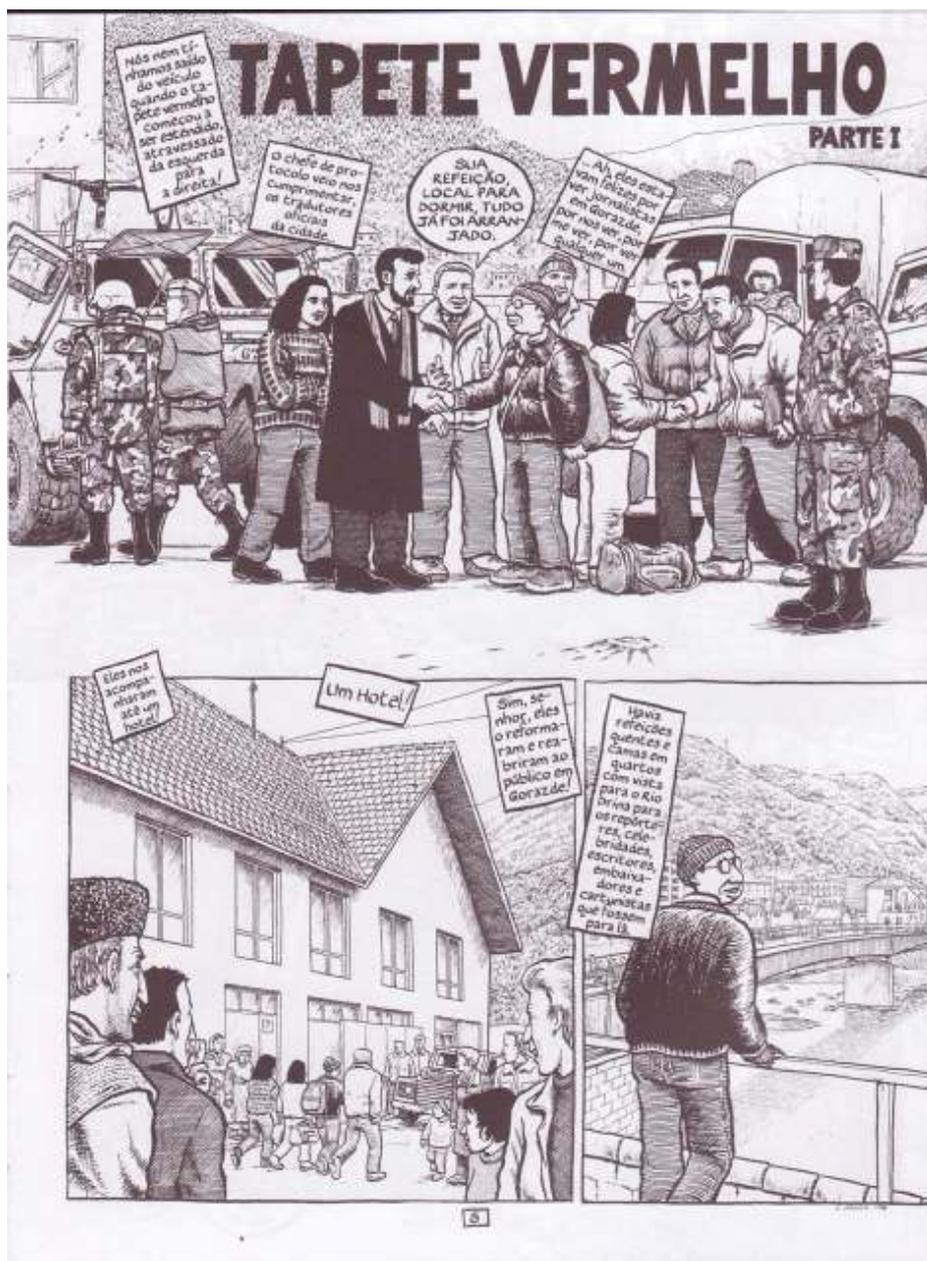


O quadrinista reforça a visão de Neven durante a narrativa, ao lembrar o fluxo decrescente de notícias relacionadas ao conflito no período final da guerra, em meados de outubro de 1995. Sacco dialoga com jornalistas locais acerca de outros detalhes sobre a guerra, que, àquela altura, não obtinha tanto destaque na mídia internacional. As principais fontes de Joe Sacco são jornalistas filiados à revista *Dani*, como Vildana Selimbegovic ou Senad Pecanin.



Joe Sacco aborda com maior freqüência a postura e atitudes de jornalistas da mídia internacional em *Área de Segurança Gorazde*. Diferentemente de *Sarajevo*, onde grande parte dos relatos sobre jornalista provém de testemunhos de Neven, em *Gorazde* Joe Sacco presencia grande parte das participações dos jornalistas no enclave. Ao observar por si próprio a construção de notícias realizada na área de segurança de Gorazde, Sacco atribui a estes profissionais uma identidade muito singular, que reflete as opiniões e visões do quadrinista acerca da grande mídia – e sua presença em território balcânico.

Como estrangeiro em terras bósnias, Joe Sacco não apenas observa o comportamento dos habitantes locais com os jornalistas internacionais, como também se sente recepcionado de maneira singular. Na visão de Sacco, os habitantes locais mantêm um tratamento amistoso com a mídia internacional como um todo, pois estes órgãos de comunicação estrangeiros representam uma esperança de que o mundo possa prestar atenção no pequeno enclave de Gorazde, até então praticamente esquecido por grande parcela do mundo.



Com o passar da obra, as aparições de jornalistas no enclave de Gorazde se tornam cada vez mais esparsas, corroborando com algumas das problemáticas do modo de construção noticioso contemporâneo – principalmente no que concerne ao conceito de valor-notícia, como já fora explicitado neste estudo. Além disso, a urgência pelo “novo” a tempo de entrar nas pautas dos jornais vespertinos estimulava uma cobertura superficial da situação calamitosa na qual o enclave de Gorazde se encontrava.



A situação mostrada na imagem anterior, que retrata um fotógrafo britânico jogando bombons para crianças com o intuito de fotografar a previsível bagunça que eles fariam – para ser utilizada em algum meio de comunicação internacional, se presume –, é emblemática. Na sequência, o fotógrafo – que havia explorado a situação crítica das crianças para conseguir fotos para a empresa de comunicação a qual era filiado, ou para vender como *free-lancer* – impede que Joe Sacco dê um cigarro a um garoto na rua. Ao invés do cigarro, a criança ganha um bombom – e fica visivelmente desapontada por não ter um cigarro.



Nesta sequência sobre as crianças do enclave e os bombons oferecidos pelos jornalistas, fica latente a identidade dos jornalistas dos grandes meios de comunicação internacionais para Joe Sacco – retratada por meio de uma alegoria.

(...) dizer que há uma interpretação sugerida nos quadrinhos não quer dizer que o leitor vai compreender o produto da maneira que lhe é sugerida. É claro que há uma margem para a interpretação do leitor que não é possível ser controlada antecipadamente pelo produto. O que é importante nesta discussão é que o texto 'constrói' 'posições textuais'⁸⁶

A opinião dos jornalistas - representada por Joe Sacco de forma clara no trecho “como e onde eles comiam os doces, não me importava” – representa o significado do enclave para a mídia internacional. Da mesma forma que os jornalistas não se importavam com o que as crianças fariam com os bombons – contanto, que conseguissem suas entrevistas, fotos e filmagens -, esta mesma mídia internacional não se importava com o destino ou as condições dos habitantes de Gorazde. O que realmente importava eram as entrevistas, fotos, imagens chocantes e/ ou marcantes, para que pudessem sair do enclave ao fim da tarde, junto com o comboio da ONU.

Pode se destacar outra crítica implícita na sequência acima destrinchada. O quadrinista aborda a importância do clichê para os grandes meios de comunicação, que procuram a qualquer custo fabricar notícias baseadas em fontes, entrevistas e imagens estereotipadas de um conflito armado – focalizando nas crianças ou nos cidadãos comuns, cujas rotinas foram alteradas em detrimento da guerra. Sacco reforça ao longo da obra a busca pelos jornalistas dos grandes meios internacionais por crianças em meio ao caos, ou paisagens típicas, como “a rua principal ou a segunda ponte” (como o próprio Joe Sacco denomina na parte inferior da página 130).

Sacco retrata outra dura crítica à cobertura jornalística feita durante a Guerra da Bósnia na sequência *Americano*. Em um diálogo com um homem – tratado sob a alcunha de F. -, Sacco é questionado sobre a eficiência da cobertura jornalística feita sobre o conflito balcânico.

⁸⁶ INTERCOM, 24, 2001, Campo Grande. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos**. Campo Grande: Nadilson M. da Silva, 2001, p. 9

Ainda retomaremos esta sequência neste estudo – quando a identidade de Joe Sacco for aprofundada, no capítulo seguinte -, mas o que vale destacar a este ponto da análise são as falas de F. acerca da cobertura da imprensa internacional em terras balcânicas. Ao escolher retratar este episódio no qual esteve envolvido, Joe Sacco mostra ao leitor um posicionamento típico de muitos habitantes locais sobre a presença da mídia internacional na Bósnia. As feições exacerbadas pelo traço estilizado do quadrinista e a perspectiva intimista para representar a cena estabelecem um diálogo com o leitor. É reforçada a indignação do povo bósnio perante a omissão de autoridades e meios de comunicação internacionais diante de grandes massacres e barbáries previstos – vale lembrar que observadores da ONU previam desastres étnicos em Srebrenica e Gorazde, por exemplo. “Nunca o <<jogo de espelhos>> na cena política internacional terá sido tão ilusório como neste final de século e de milênio” (NIKSIC e RODRIGUES, 1996: 286).

A última representação de jornalistas em *Área de Segurança Gorazde* acontece na sequência *Riki – Parte 3*, entre as páginas 216 e 221. Nesta sequência, Sacco retrata um encontro de equipes de meios de comunicação televisivos internacionais com seu amigo Riki.





Novamente pode ser percebida uma crítica aos clichês jornalísticos em coberturas de guerra: os jornalistas espanhóis não se interessam no panorama sócio-político do enclave, que sobreviveu com imensas dificuldades por um cerco sérvio por quase toda a Guerra da Bósnia (1992-95); o objetivo é filmar edificações destruídas a tempo de deixar o enclave junto com o comboio da ONU. Riki acaba lucrando à custa deste objetivo da equipe de televisão, ao mesmo tempo em que mostra o óbvio ululante – as marcas da guerra estão por todos os lados.

Os tiros, buracos e construções destruídas por sérvios são visíveis em Gorazde, e grande parte dos meios de comunicação internacionais se interessa por isso. Mas, como Sacco mostra ao longo de toda a obra, há todo um complexo mosaico de diferentes visões acerca da guerra que permeia a cidade, e sua importância não pode ser esquecida ou negada pela mídia internacional.

Ao se revisitar as identidades atribuídas aos jornalistas e grandes meios de comunicação internacionais presentes em *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, nota-se uma ferrenha crítica de Joe Sacco ao modo de produção de notícias durante a Guerra da Bósnia. O quadrinista retrata estes profissionais da grande mídia internacional como jornalistas com visões

embebidas em clichês de cobertura de conflitos armados, ora sufocados pelo *deadline* exigido por suas respectivas emissoras de origem, ora desinteressados em se aprofundar em questões mais complexas acerca da sociedade bosníaca durante, e no pós-guerra.

Enquanto Joe Sacco se propõe a realizar uma descrição densa da sociedade da Bósnia-Herzegovina por meio de uma vasta gama de diálogos e testemunhos com cidadãos locais, a maioria da mídia internacional tinha objetivos distintos. Os grandes meios de comunicação buscavam preencher seu noticiário vespertino ou noturno com a quantidade de mortos em algum massacre ocorrido em território bósnio, ou com imagens apelativas, como crianças se digladiando por bombons jogados ao chão pelos próprios jornalistas.

4.5 Joe Sacco se olha no espelho

Após discutir as identidades atribuídas por Joe Sacco aos personagens principais, secundários, oficiais e aos jornalistas da grande mídia internacional das obras *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, se encerra o panorama revisitado neste trabalho por meio de um olhar mais atento e profundo sobre a visão do quadrinista sobre si mesmo.

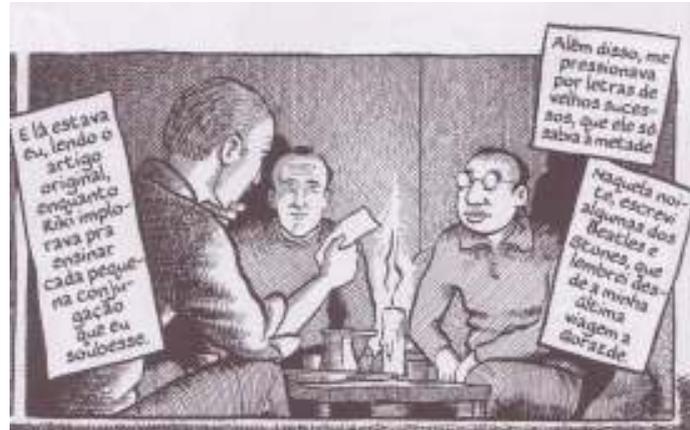
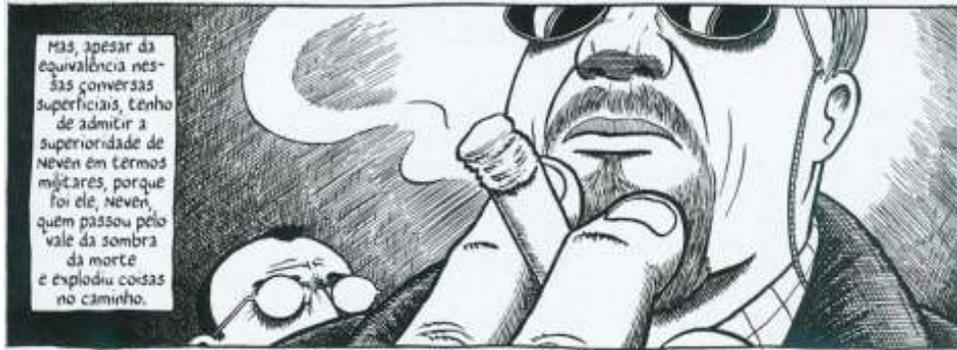
Como já fora citado em capítulos anteriores, Joe Sacco visitou diversos lugares ao redor do globo para a produção de suas obras, que por muitas vezes hibridizam o ficcional com o factual. O quadrinista se coloca como um *outsider* nos mais distintos lugares visitados - como a Faixa de Gaza ou Sarajevo -, buscando apreender ao máximo as características de tais ambientes e culturas.

Em *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, Sacco busca compreender, por meio de uma extensa cadeia de diálogos e testemunhos coletados dos habitantes locais e pessoas envolvidas no conflito balcânico, o complexo mosaico que moldava a antiga Bósnia e Iugoslávia. O quadrinista tenta compreender como esta sociedade arruinada pelos conflitos étnicos se reestrutura no pós-guerra, e como se estabeleciam – à época de sua visita a solo balcânico – as relações entre os diferentes eixos étnicos que formavam a Bósnia-Herzegovina.

Tanto em *Sarajevo* como em *Gorazde*, Joe Sacco se retrata como o estrangeiro que busca conhecer os mais profundos meandros do conflito. Ávido por depoimentos, testemunhos e versões alternativas àquelas veiculadas pelos grandes meios de comunicação, Joe busca conhecer o máximo de pessoas afetadas pela guerra.



Sacco se identifica como um observador em meio a um país destruído em suas raízes por intrigas étnicas entre seus habitantes. Para isso, ele constantemente se coloca em segundo plano durante as duas obras – para reforçar a ideia de que estava ali para ouvir as diferentes versões e visões acerca do conflito balcânico.



Há, no entanto, de se diferenciar algumas posturas representadas de Joe Sacco nas duas obras. Em *Uma História de Sarajevo*, o quadrinista se comporta de maneira semelhante a um ouvinte por quase toda a obra. Sacco é um jornalista que, graças à ajuda de Neven, procura tomar conhecimento de histórias, versões e testemunhos acerca de batalhas militares – principalmente em Sarajevo – e dos senhores de guerra na Bósnia-Herzegovina. É criado, como já foi explicitado anteriormente, um forte vínculo de amizade criado junto ao seu principal guia, Neven; entretanto, o quadrinista se vê mais claramente como um espectador estrangeiro daquela sangrenta batalha.

Em *Sarajevo*, graças à sua amizade – e um conseqüente vínculo de confiança estabelecido – com Neven, Sacco se representa como um quadrinista em busca de uma visão alternativa da guerra. O quadrinista retrata o momento no qual seu amigo D. e um soldado bósnio refutam uma das grandes histórias de Neven – sobre a resistência aos tanques sérvios.

Joe Sacco escolhe mostrar sua surpresa ao descobrir que nem tudo que Neven lhe contava consistia na versão mais fiel dos acontecimentos. Esta representação faz parte do caminho trilhado pelo quadrinista ao longo da obra, no qual se reforça o objetivo de dar atenção àqueles marginalizados pela grande mídia durante a cobertura do conflito. Não lhe importa se nem todos os testemunhos de Neven foram verossímeis ou falsos; o quadrinista se preocupa em mostrar ao mundo o “outro lado”, ao ouvir e dialogar com aqueles esquecidos pela grande mídia internacional.



Vale destacar brevemente que este posicionamento de Joe Sacco perante os grandes meios de comunicação pôde ser observado em sua obra anterior, *Palestine*. Da mesma forma que o quadrinista procura mostrar a situação dos refugiados e moradores de Gorazde, esquecidos pela mídia internacional, Sacco já coletara testemunhos, diálogos e depoimentos de palestinos em situação similar.



Em *Área de Segurança Gorazde*, a representação de Joe Sacco é diferente da observada em *Sarajevo* em alguns aspectos. O autor mostra seus objetivos logo na segunda página da obra, quando retrata seu encontro ao lado de Edin com um homem que dizia que “sabia toda a verdade sobre Gorazde”.



O quadrinista chega ao enclave junto com outros jornalistas, e encontrou uma cidade muito receptiva – “ah, eles estavam felizes por ver jornalistas em Gorazde, por nos ver, por me ver, por ver qualquer (sic) um”, sacramenta o autor. O jornalista se representa novamente como um ouvinte na maior parte da obra, coletando testemunhos e dialogando com a mais vasta gama de fontes: sérvios, idosos, jovens, médicos, artistas, militares, etc. Como já abordado anteriormente, o conteúdo de *Gorazde* se enfoca no lado civil da Guerra da Bósnia, e Joe Sacco estabelece um vínculo com estas pessoas. O próprio Joe Sacco declara:

Quase todo mundo que encontrei em Gorazde me tratou com grande carinho e respeito. Edin e sua família me acolheram em sua casa como um irmão e filho. Até a conclusão deste livro, Edin continuou respondendo às minhas perguntas bondosamente. Acreditem, eu lhe perguntei muitas coisas. Se não fosse por Edin, este livro não existiria⁸⁷



⁸⁷ SACCO, Joe. *Gorazde - Área de Segurança - A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995*. São Paulo: Conrad Editora, 2005, p. 229

Sacco também se representa como um elo entre os moradores e refugiados do enclave com Sarajevo e o resto do mundo. Como o quadrista possui seu “velho cartão azul” (o passe livre da ONU), ele podia transitar entre a fechada área de segurança e outras localidades do país; assim, Sacco acaba trazendo diversas encomendas para estas pessoas, e se torna alvo de interesse em Gorazde. Além de encomendas, Sacco informava as pessoas em diversas áreas, contando novidades sobre esportes, cinema e outras coisas.

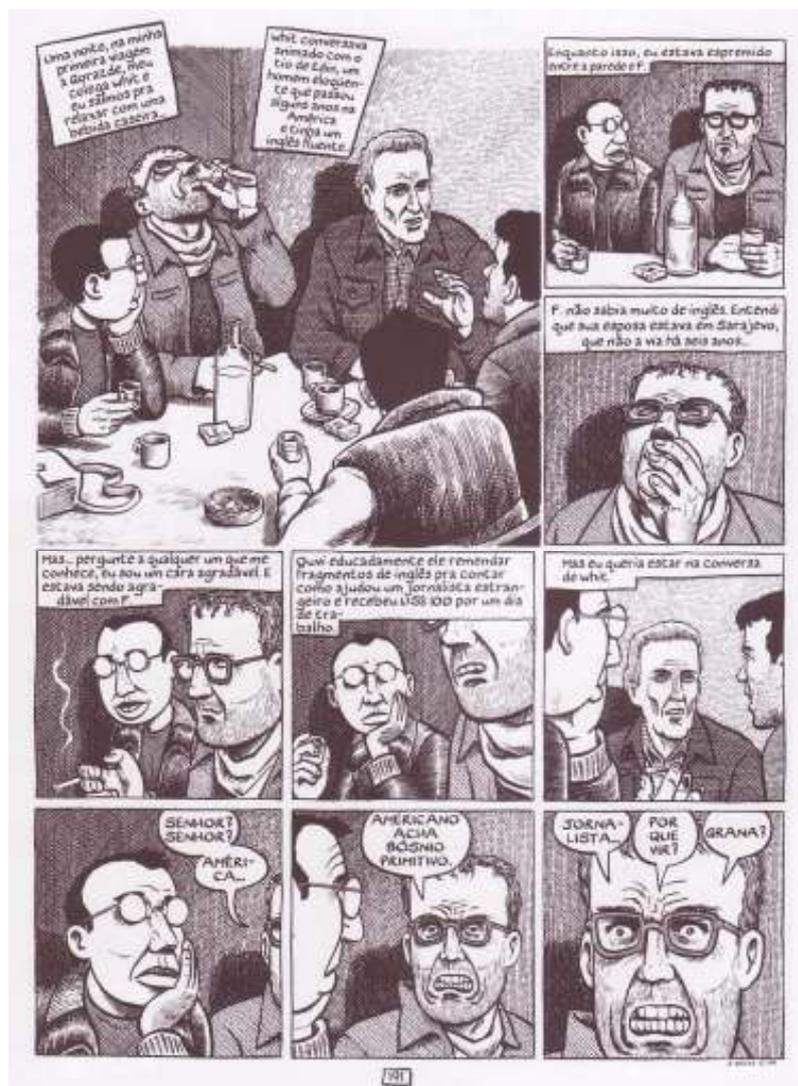




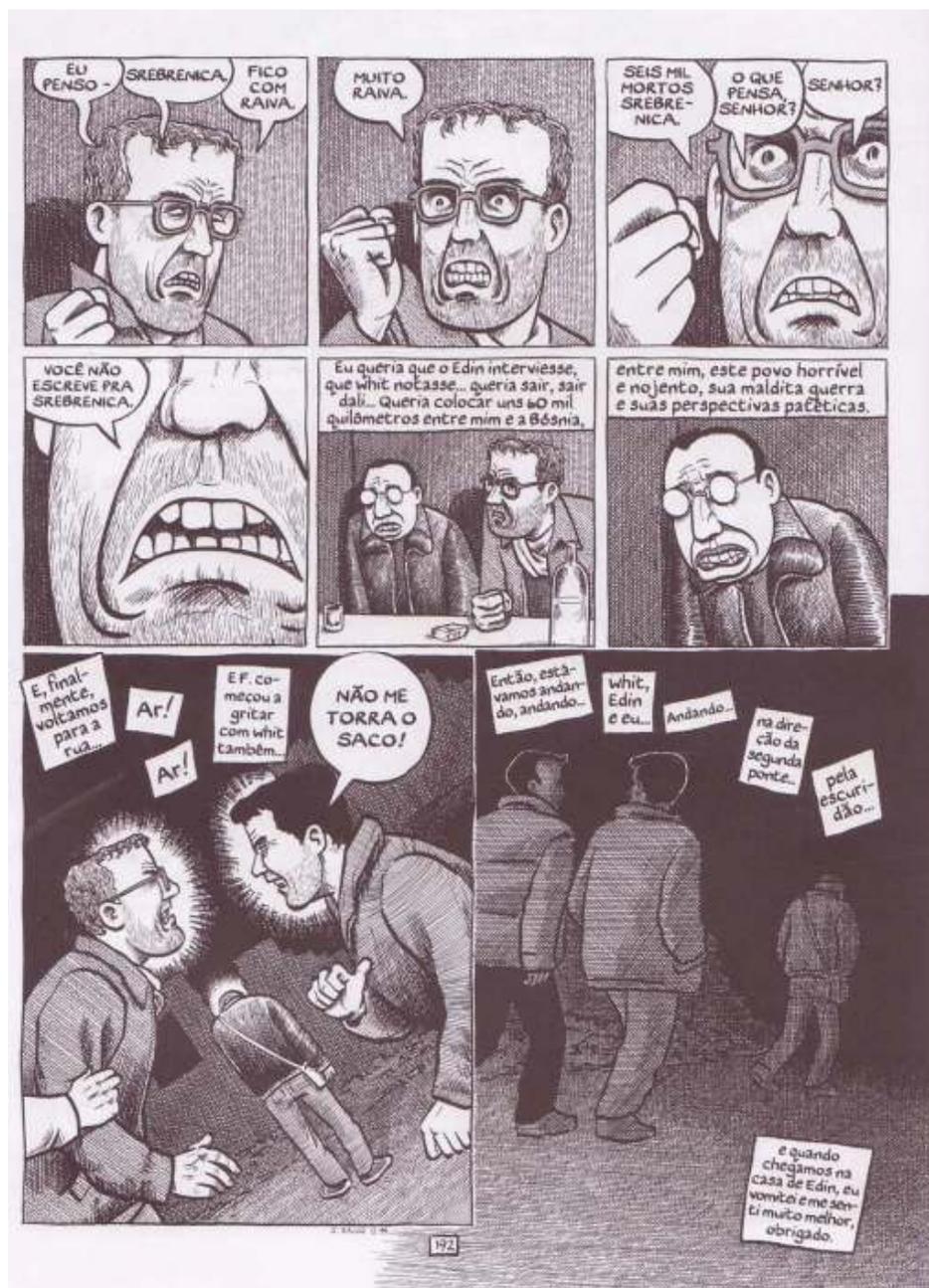
Na parte final do livro, na sequência *Americano*, Joe Sacco retrata um importante traço de sua identidade: sua nacionalidade norte-americana.



O quadrinista expõe os julgamentos pelos quais passou em Gorazde por ser proveniente dos Estados Unidos. Sacco personificava para alguns habitantes locais uma espécie de quebra do estereótipo da imagem norte-americana – “americanos são baixinhos e usam óculos” é a reclamação de um senhor ao guia de Sacco, Edin.



Ao ser questionado por F., o quadrinista mostra, em uma das poucas vezes na obra, seu verdadeiro distanciamento do povo da Bósnia-Herzegovina, ao confidenciar ao leitor que “queria colocar uns 60 mil quilômetros entre mim e a Bósnia, entre mim, este povo horrível e nojento, sua maldita guerra e suas perspectivas patéticas”. “Cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional” (CUCHE, 1999: 195).



Se o conjunto das obras *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde* for levado em conta, é notório que estas demonstrações de distanciamento de Sacco são raras, e não constituem sua opinião majoritária acerca das barbáries pelas quais o povo bósnio foi submetido durante a guerra. Entretanto, há de se lembrar que o quadrinista tem consciência de seu distanciamento em relação a suas fontes, e que isso constitui uma importante faceta de sua identidade nas obras.

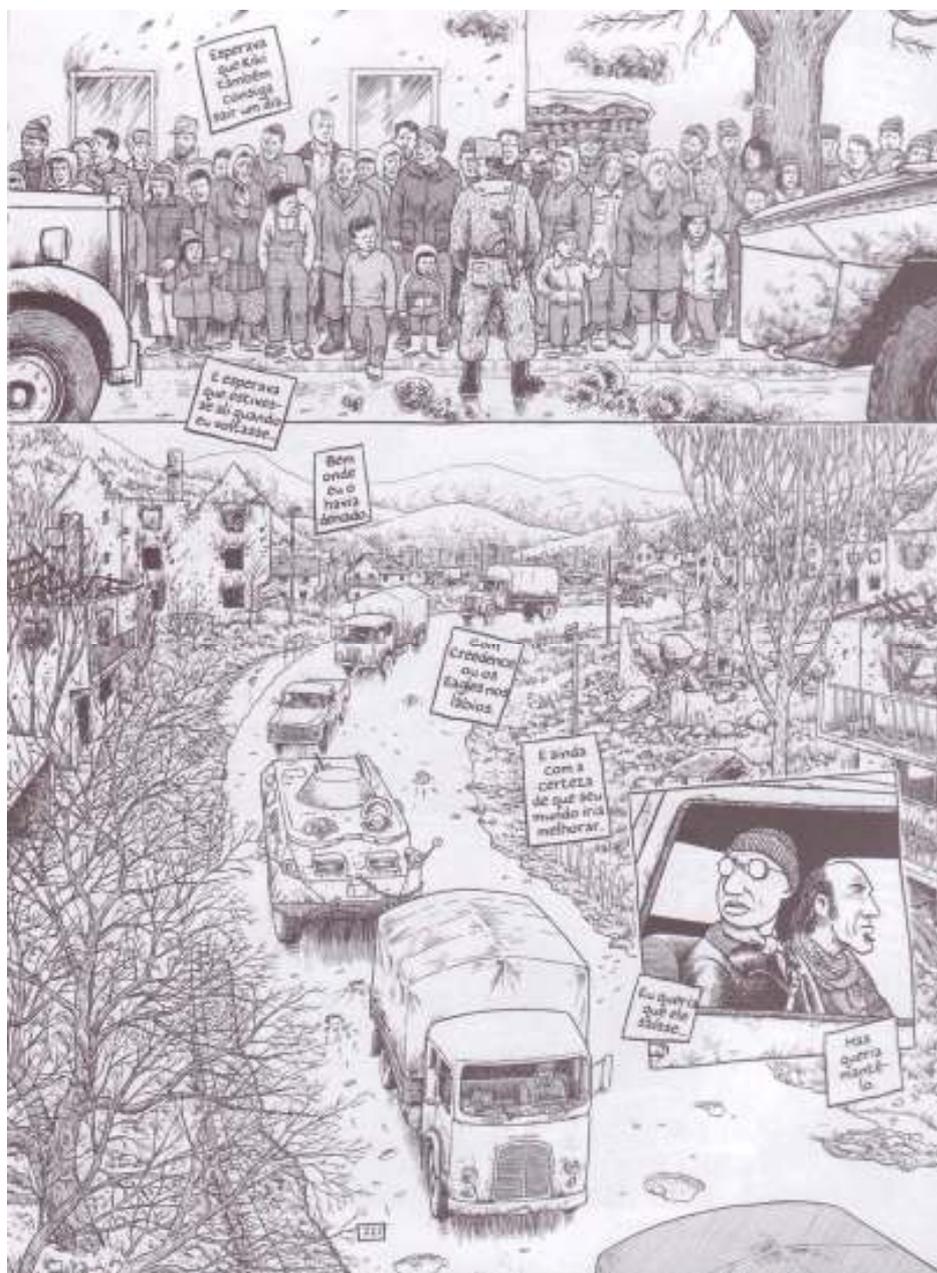
CONSIDERAÇÕES FINAIS – Por que os quadrinhos de Joe Sacco desbravaram barreiras que os grandes meios de comunicação na Bósnia não alcançavam

Durante a obra, Sacco mostra a seu leitor o caminho que percorrera até finalmente compreender que ele era completamente diferente dos habitantes locais, quaisquer que fossem as circunstâncias. Suas experiências pessoais, situação sócio-política de seu país e sua liberdade em solo balcânico diferenciam sua visão de mundo em comparação a de suas fontes de Gorazde.



Esta liberdade do quadrinista se reflete diretamente na obra. Graças às suas possibilidades de locomoção e acesso a outras fontes de informação (oficiais ou não-oficiais), Joe Sacco desempenha o papel de eixo estruturador das obras, e interlocutor entre as fontes e o leitor. Sacco é este elo por selecionar os testemunhos e diálogos representados na obra, e porque foram suas opiniões e versões que guiaram as obras. Enquanto são os guias que norteiam o quadrinista por território balcânico, é Joe Sacco quem faz a interlocução com os leitores e os

guia, constantemente dialogando por meio de caixas de pensamento – cujas frases não foram vistas pelos personagens retratados – e outros recursos estilísticos dos quadrinhos.



Depois de se revisitar toda a representação de Joe Sacco por si mesmo nas obras *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde*, pode se estabelecer algumas características importantes deste retrato. Como um *outsider* em terras balcânicas, Sacco desempenha o papel de ouvinte em praticamente toda a narrativa de *Sarajevo*, e em boa parte de *Gorazde*; entretanto, há de se

ressaltar que o quadrinista não se representa como apenas como alguém que ouviu relatos, pois ele busca o diálogo com este “outro lado” – as fontes por muitas vezes marginalizadas pela mídia, ou suprimidas pelo molde pré-determinado de construção de notícias seguido por estes meios de comunicação.

Em *Gorazde*, Sacco estabelece um vínculo distinto ao que possuía com suas fontes em *Sarajevo*, pois ele se caracteriza como uma espécie de elo entre o pequeno enclave ainda cercado e o resto do mundo - trazendo encomendas, revelando experiências pessoais vividas em lugares longínquos aos habitantes e refugiados. Seu papel como elo se estabelece principalmente por sua liberdade e suas possibilidades de disseminar e repassar os testemunhos coletados em Gorazde, mostrando a todos as traumáticas experiências pelas quais suas fontes passaram ao longo da Guerra da Bósnia.

Há de se ressaltar, porém, que o quadrinista também possui seu senso de julgamento perante os diálogos e testemunhos relatados nas duas obras. Sacco faz questão de não se posicionar por meio de frases ou palavras, mas ora ou outra deixa transparecer alguns descontentamentos com o conflito e os nele envolvidos. Joe acredita que sua principal função em solo balcânico é dar atenção àqueles esquecidos pelo governo, pelos Estados Unidos ou pela ONU, mostrando algumas das inúmeras versões acerca da complexa guerra que arruinou uma sociedade multi-étnica, e que fez vizinhos e amigos se tornarem inimigos mortais.



Fica claro que Joe Sacco não pertence à Bósnia, e muito menos deseja tomar partido do lado muçulmano do conflito balcânico – vide os crimes cometidos por paramilitares muçulmanos retratados em *Sarajevo*. O quadrinista está ali para mostrar as histórias de pessoas cujas vidas foram abruptamente alteradas em detrimento de uma guerra causada pela ineficiência política interna e externa à Bósnia, com políticos ultra-nacionalistas que instigaram a violência e autoridades internacionais que demoraram demais para auxiliar os civis bósnios. Sacco almeja

caracterizar uma sociedade multi-étnica destruída por meio destes testemunhos e depoimentos coletados, sem necessariamente apontar um dos lados da guerra como culpados. Ora como observador, ora como elo com o resto do mundo, Sacco se identifica como aquele que pode dar voz a estas classes marginalizadas, relegadas a poucas imagens ou frases transmitidas fora de contexto pelos grandes meios de comunicação internacionais. Sobre dar voz aos lados marginalizados, Sacco declara:

Quando estava no colégio, eu associava palestinos com terrorismo porque toda vez que ouvia falar neles tinha a ver com bombas ou ameaças. Então fui estudar jornalismo e, quando comecei a entender o que acontecia no Oriente Médio, me dei conta: os americanos sempre se colocaram como os grandes expoentes do jornalismo, mas nunca me contaram direito o que está acontecendo. Eu me senti traído pela minha própria profissão. Então, nos anos 80, quis tirar esta história a limpo⁸⁸

Neste sentido, as histórias em quadrinhos desempenham papel fundamental nesta empreitada de Joe Sacco contra os “grandes expoentes do jornalismo”. Neste estudo de caso do trabalho do quadrinista na Guerra da Bósnia, intimamente relacionada a grandes questões sócio-políticas, o quadrinho representa o meio de comunicação com maior liberdade de expressão possível. Graças às diversas possibilidades técnicas que o meio oferece, unindo imagético e textual de forma ímpar, Joe Sacco encontra as possibilidades necessárias para desenvolver estes temas que não conseguiriam espaço equivalente em grandes meios de comunicação, como o jornalismo impresso, televisivo ou radiofônico, por exemplo.

Quando comecei a desvendar os elementos complexos, detendo-me em elementos até então considerados instintivos e tentando explicar os parâmetros dessa forma artística, descobri que estava envolvido mais com uma ‘arte de comunicação’ do que com uma simples aplicação de arte⁸⁹

Pela utilização de diferentes recursos estilísticos em *Uma História de Sarajevo e Área de Segurança Gorazde*, Joe Sacco retrata fidedignamente uma

⁸⁸ SACCO, Joe. Notícias em HQ. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 8135, 26 set. 2010. Entrevista concedida a Raquel Cozer.

⁸⁹ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 6

sociedade arruinada por políticas nacionalistas em rumo de colisão. Ao escolher os quadrinhos como meio de transmitir sua mensagem, o autor consegue realizar uma cobertura intimista do conflito, emulando por diversas vezes as situações apreendidas por meio de uma vasta gama de testemunhos e diálogos com fontes marginalizadas pela grande mídia internacional. Além disso, graças à liberdade para desenvolver a temporalidade nestas obras, Sacco se utiliza de inúmeros *flashbacks* para retratar episódios emblemáticos nas trajetórias de suas fontes; com a moldagem desta complexa teia de visões acerca da Guerra da Bósnia, o quadrinista desenvolve de maneira ímpar sua narrativa, e monta um retrato ímpar da sociedade bósnia após o conflito balcânico. Não se pode esquecer também das possibilidades oferecidas pelos quadrinhos para a caracterização de personagens; elas são amplamente aproveitadas por Joe.

Vale destacar que a representação desta rede de relações sociais feita por Sacco não se adéqua às características atribuídas à grande mídia internacional. O não-adequamento da obra de Joe nos grandes meios de comunicação se dá não apenas pela escolha dos quadrinhos como forma de expressão, como também por sua complexa construção por meio de testemunhos e diálogos com as mais distintas camadas sociais da Bósnia-Herzegovina. Esta montagem se diferencia substancialmente da cobertura da guerra realizada pela grande mídia, que se ateu a clichês da cobertura de guerra – como a exploração de imagens chocantes de destruição e barbárie, por exemplo -, além da rasa contextualização do conflito para seu público. Sobre o tema, Serva afirma:

As agências noticiosas internacionais costumam simplificar as descrições de fatos concedidas por suas fontes, reduzindo-as a um 'denominador comum', de forma a não se tornarem elas mesmas, pelas diferenças entre os dados, foco de atenção. O procedimento retira dos fatos a diversidade de versões, para torná-los algo 'simples, claro e objetivo', o que na verdade não são⁹⁰

O quadrinho possibilita a livre-utilização do imagético e do textual, por meio da construção de uma narrativa envolvente criada com recursos gráficos e linguísticos. Nos quadrinhos, o autor pode se utilizar de diferentes perspectivas, planos, enquadramentos, sombreamentos, *close-ups* e desfocalizações aliadas a

⁹⁰ SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 95

interjeições, fluxos de pensamento, focos narrativos em primeira ou terceira pessoa, etc. Sobre as particularidades das HQs, Eisner declara:

'Escrever' para quadrinhos pode ser definido como a concepção de uma ideia, a disposição de elementos de imagem e a construção da sequência da narração e da composição do diálogo. É, ao mesmo tempo, uma parte e o todo do veículo. Trata-se de uma habilidade especial, cujos requisitos nem sempre são comuns a outras formas de criação 'escrita', pois lida com uma tecnologia singular⁹¹

A potencialidade do quadrinho frente ao jornalismo para retratar a temática aqui estudada se mostra extremamente eficiente e singular. Fugindo dos clichês e da contextualização rasa acerca do conflito, *Uma História de Sarajevo* e *Área de Segurança Gorazde* alcançam patamares inatingíveis para o jornalismo *mainstream* como concebido à época da cobertura realizada, e até para os dias atuais.

Por meio da utilização das técnicas detalhadas neste estudo acerca do trabalho de Joe Sacco na Bósnia-Herzegovina, se percebe que o quadrinista realiza obras mais humanizadas que o restante da grande mídia. Tal humanização contribui nos objetivos do autor, que consegue emular no leitor as situações e condições adversas de vida das fontes com quem dialogou durante o conflito.

Há de se ressaltar também que, graças à utilização do quadrinho como meio de comunicação, Sacco envolve seu leitor de maneira que a grande mídia não conseguira durante a cobertura da época. Como as HQs possibilitam uma narrativa mais livre, com um controle total do fluxo temporal nelas empregado, o quadrinista tem infindáveis possibilidades de ir e voltar no tempo para criar um fluxo narrativo que prenda seu leitor, e que o situe na obra. Com *flashbacks* e representações de testemunhos e histórias acontecidas no passado, Joe não necessita obrigatoriamente respeitar uma linearidade – que, por muitas vezes, era seguida sistematicamente pelos grandes meios de comunicação. É por meio destas escolhas estilístico-narrativas que se captam as mensagens transmitidas por Sacco em relação ao conflito.

⁹¹ EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 122

Invariavelmente, o narrador se identifica com a narrativa de alguma forma, se sente parte dela. Os elementos incontrolláveis nesta mídia que ao resto é disciplinada, incluindo estilo, seleção de estereótipos, retratação da violência, masculino, feminino, e a resolução do conflito, desmascaram o narrador. A responsabilidade da seleção de estereótipos, a retratação da violência e a resolução do conflito recaem sobre o narrador. Preconceitos e valores são revelados através da arte porque a ‘atuação’ dos participantes numa história emana da memória pessoal que o artista tem do comportamento humano. (...) O narrador gráfico tem que desejar se expor emocionalmente⁹²

Não à toa, há uma corrente que rotula as práticas e obras de Joe Sacco como uma espécie de “novo-novo-jornalismo” – ou *new-new-journalism*. O conceito estabelecido de *new journalism* prega uma mistura entre a escrita jornalística com a literária, envolvendo elementos característicos ao romance – como diferentes técnicas narrativas, por exemplo – à prática jornalística. O *new journalism* não de adéqua à corrente do grande jornalismo, baseado no *lead* e calcado na objetividade, e possibilita uma “verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo” (ver Talese). Neste sentido, as práticas de Joe Sacco realmente se assemelham à ideologia do *new journalism*, pois o quadrinista busca mostrar um amplo e complexo mosaico da sociedade bósnia, que não teria tal espaço no grande jornalismo *mainstream*.

Independentemente de denominações - como *new-new-journalism* -, a liberdade narrativa mesclada a uma complexa rede de testemunhos e diálogos com fontes marginalizadas e/ou suprimidas pelo modo de construção da notícia da grande mídia internacional resulta num rico e singular panorama da guerra balcânica. Por meio desta narrativa mais envolvente que a cobertura “objetiva” dos grandes veículos de comunicação, Joe Sacco apresenta diversas facetas e ramificações de identidade de uma sociedade arruinada pelo conflito – sem, no entanto, almejar a montagem de um retrato definitivo de tal coletividade. Sacco afirma:

Não estava pensando em criar uma nova... forma de arte ou seja o que for. Não foi uma decisão consciente, foi meio orgânico. Pensei: vou viver essas experiências, falar com as pessoas, anotar e colocar isso junto. É claro, eu tinha o background jornalístico e isso teve impacto no formato

⁹² EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. Leandro Luigi Del Manto (Trad.), São Paulo: Devir, 2005, p. 163

que a coisa tomou, mas só depois comecei a pensar mais claramente no que estava fazendo. Foi na história sobre a Bósnia (*Gorazde*) que comecei a pensar conscientemente em jornalismo em quadrinhos⁹³

O quadrinista reconhece que não objetiva montar um panorama definitivo do que acontecera na Bósnia, em Gorazde ou em Sarajevo – vide a ficcionalidade presente em *Uma História de Sarajevo*. No entanto, Sacco acredita que a lacuna que deva ser por ele preenchida consiste na pluralidade de fontes e pontos de vista acerca do conflito.

Durante as obras aqui analisadas, fica clara a severa crítica realizada pelo quadrinista sobre as práticas do “grande jornalismo” – personificado pelos grandes meios de comunicação presentes na Bósnia. Ao fim do estudo, se comprova a rica potencialidade das histórias em quadrinhos como meio de se preencher algumas lacunas criadas pelo modo de construção de notícias dos grandes meios de comunicação. Sobre estas lacunas, Serva declara:

Esses processos desinformantes são essenciais ao trabalho jornalístico. Omissão, sonegação, submissão, deformação, saturação, neutralização e redução são conseqüências do processo de edição que, embora ‘naturais’, invertem a vocação expressa do jornalismo: a missão de informar⁹⁴

Com suas possibilidades estilístico-narrativas, o quadrinho se insere como forma de evitar a perpetuação destes processos desinformantes realizados pelos grandes meios; nas HQs, pode-se dar espaço àqueles marginalizados pela grande mídia, a aqueles cujas opiniões nem sempre se alinham às dos grandes meios. Nem sempre há de se buscar a “verdade”, pois o que realmente importa é, muitas vezes, o outro lado da questão.

⁹³ SACCO, Joe. Notícias em HQ. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 8135, 26 set. 2010. Entrevista concedida a Raquel Cozer.

⁹⁴ SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001, p. 124

REFERÊNCIAS

_____. **Bosnia-Hercegovina Genocide Conviction for Srebrenica.**

Disponível em <http://www.hrw.org/campaigns/bosnia/>

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura em Ciências Sociais.** Bauru: Edusc, 1999

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial.** Luís Carlos Borges (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas.** Leandro Luigi Del Manto (Trad.), São Paulo: Devir, 2005

FILHO, Clóvis de Barros. **Ética na Comunicação – da informação ao receptor.** São Paulo: Editora Moderna, 1995

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1989.

HITCHENS, Christopher. Introdução. In: Sacco (org.), *Gorazde - Área de Segurança - A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995.* São Paulo: Conrad Editora, 2005

INTERCOM, 28, 2005, Rio de Janeiro. **O Jornalismo Na Guerra Do Iraque: A Relação Entre Jornalistas, Militares Na Era Dos Repórteres Embutidos.** Olinda: Antônio Martins de Araújo Neto, 2005

INTERCOM, 24, 2001, Campo Grande. **Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos.** Campo Grande: Nadilson M. da Silva, 2001

LÓPEZ-ESCOBAR, Prefácio. In: Filho (org.). *Ética na Comunicação – da informação ao receptor.* São Paulo: Editora Moderna, 1995

McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. Hércio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro (Trad.), São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

NIKSIC, Stevan, RODRIGUES, Pedro Caldeira. **O Vírus Balcânico – O caso da Jugoslávia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996

PASSOS, Leonardo. *Os quadrinhos suburbanos do Tio Sam*. Disponível em <http://www.fanboy.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=666>

SACCO, Joe. **Derrotista**. São Paulo: Conrad Editora, 2006

SACCO, Joe. **Gorazde - Área de Segurança - A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995**. São Paulo: Conrad Editora, 2005

SACCO, Joe. Notícias em HQ. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, n. 8135, 26 set. 2010. Entrevista concedida a Raquel Cozer.

SACCO, Joe. **Palestina – Na Faixa de Gaza**. São Paulo: Conrad Editora, 2005

SACCO, Joe. **Uma História de Sarajevo**. São Paulo: Conrad Editora, 2005

SAID, Homenagem a Joe Sacco. In: Sacco (org.), *Palestina: Na Faixa de Gaza*. São Paulo: Conrad Editora, 2003

SERVA, Leão. **Jornalismo e Desinformação**. São Paulo: Editora Senac, 2001

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, volume 2: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005